

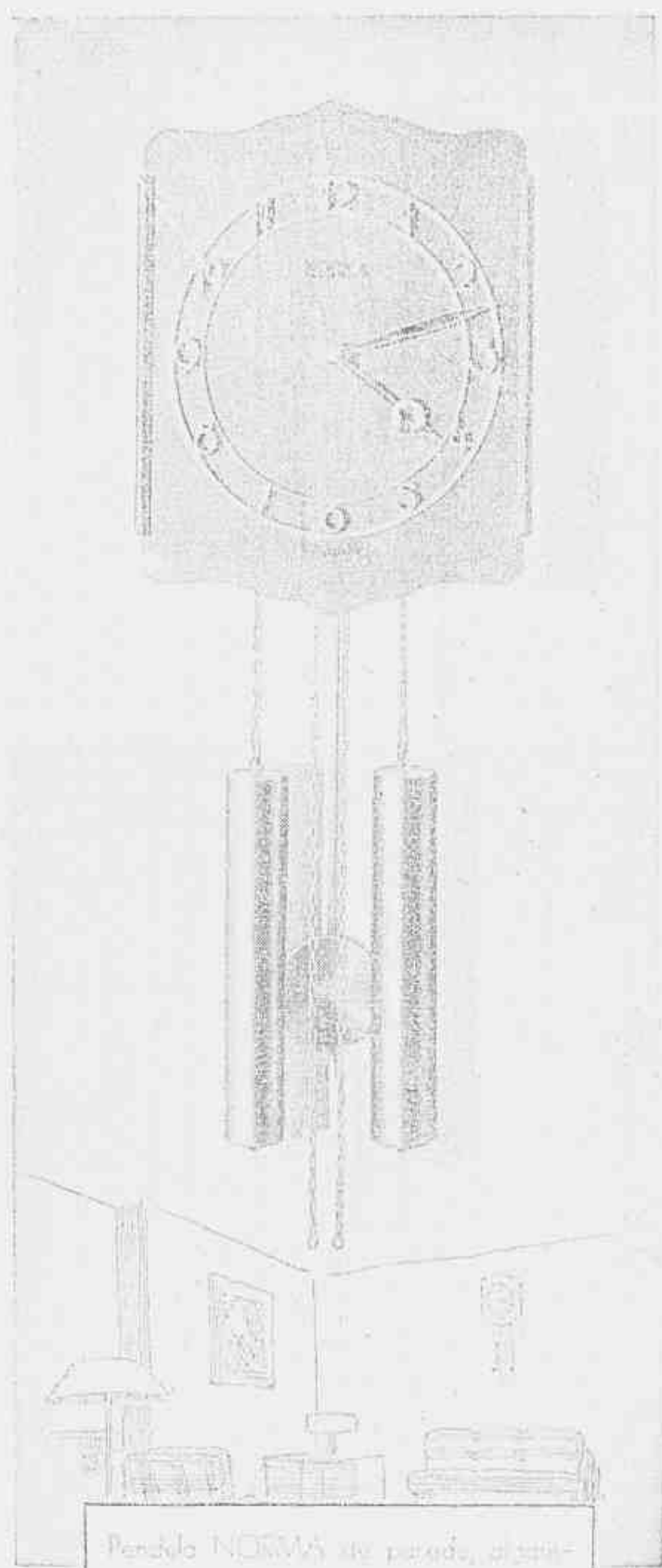
REVISTA DA SEMANA

N.º 47

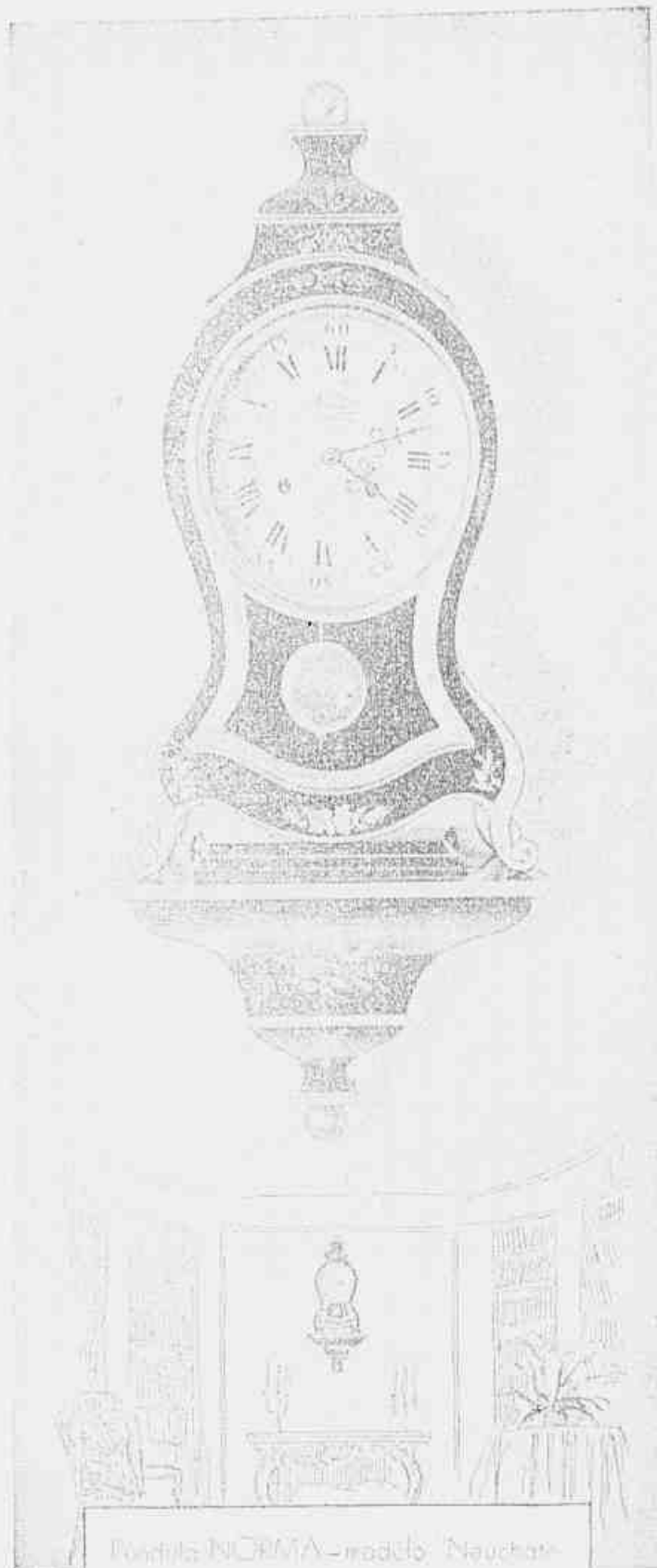
Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

22-11-47

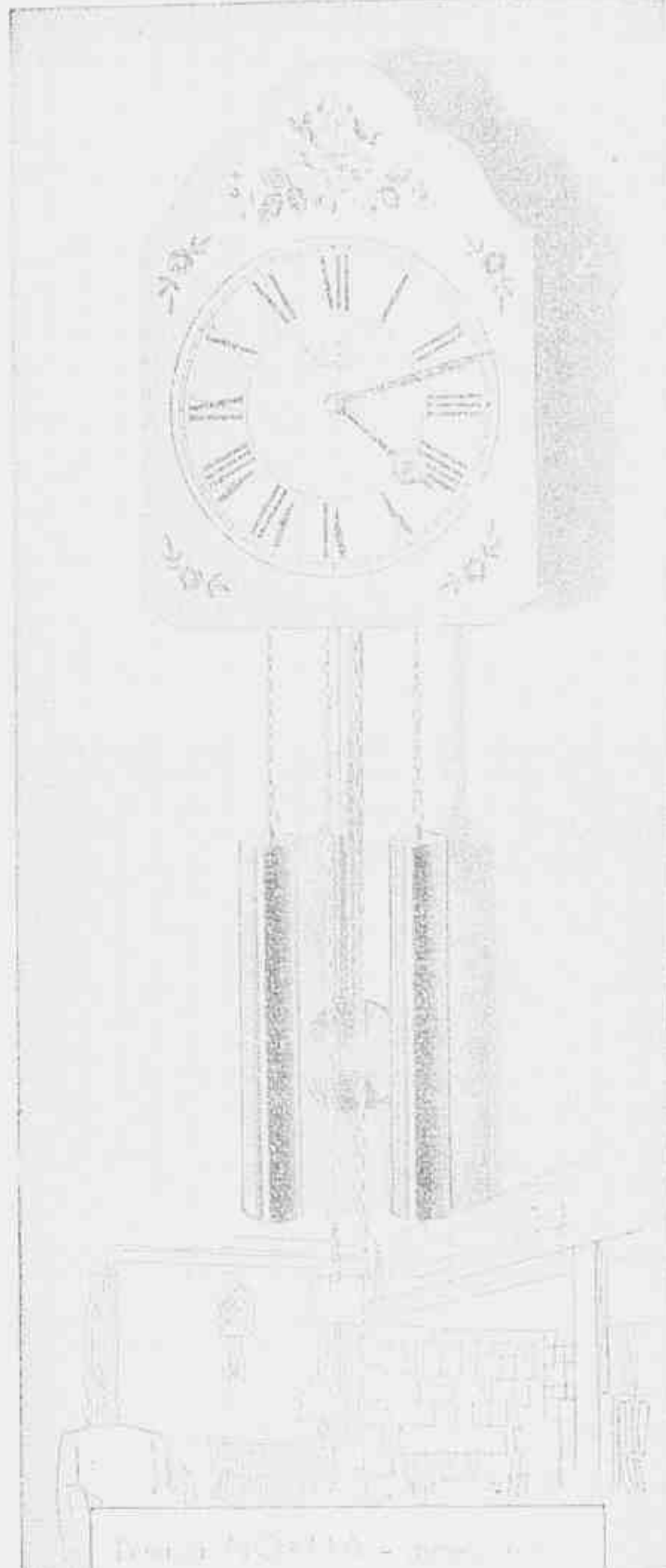




Pendula NORMA de parede, aluminada de metal em relevo. Bate horas e meia hora. Rêndola e pesos de metal. Para o lar e o escritório.

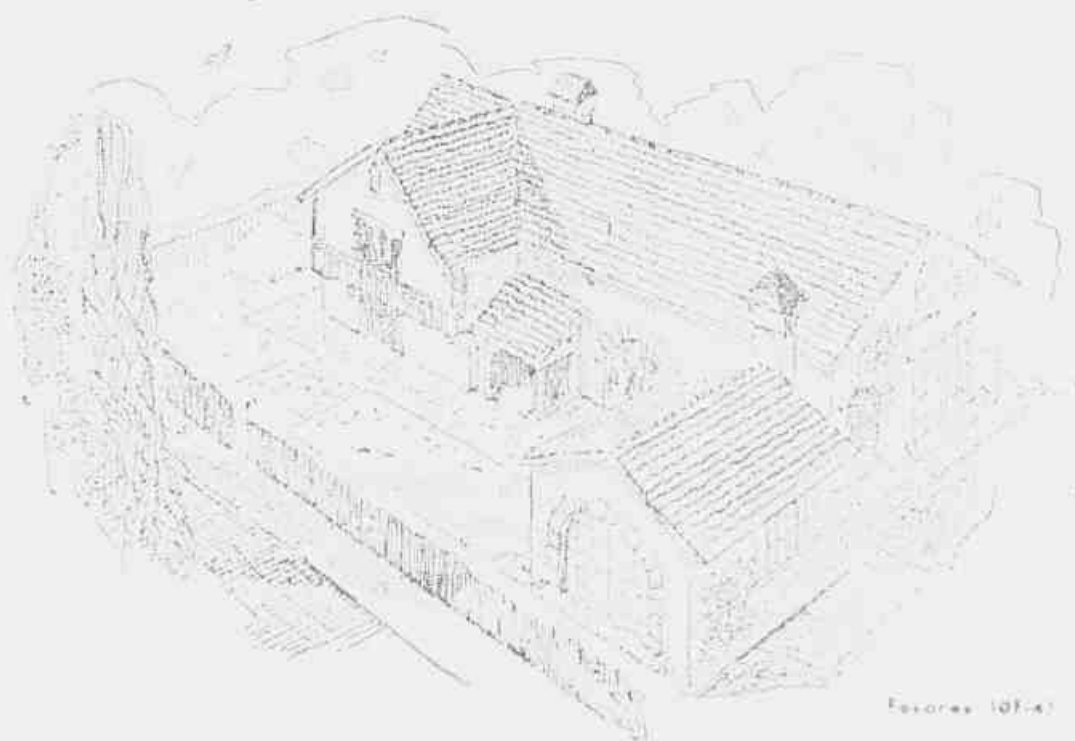


Pendula NORMA—modelo "Nachtstille" para quarto decorado "Charme" em ouro. Cordão para 8 dias. Bate horas e meia hora. Para ambientes luxuosos.



Pendula NORMA de parede, aluminada de metal em relevo. Bate horas e meia hora. Rêndola e pesos de metal. Para o lar e o escritório.

Pendula Norma um toque de beleza e precisão no conforto do seu lar!



Recomendadas pelos mais famosos decoradores para completar a alegria e o encanto do lar, as pendulas NORMA, graças à elegância de suas linhas e à precisão do seu funcionamento, se impuseram como verdadeiras obras-primas da relojoaria suíça.

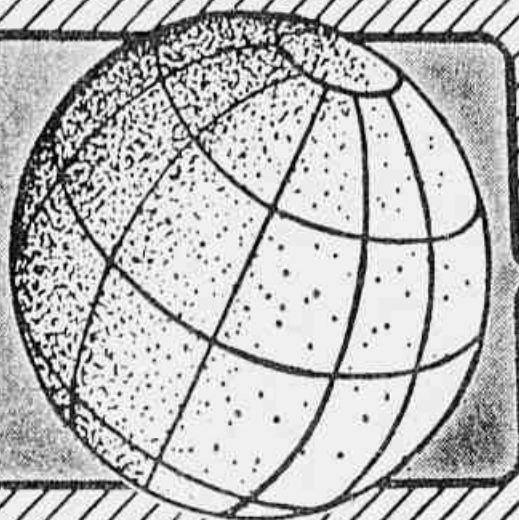
Sob os mais lindos e diferentes modelos, sempre se encontra uma pendula NORMA para cada peça de sua casa.

VIVA BEM TÔDAS AS HORAS COM UM RELÓGIO

NORMA

Fotores 107-14

MUNDO
Marcha



A S perturbações em Alagoas estiveram no cartaz durante a semana, isto porque o governador Silvestre Péricles de Góes Monteiro, não se conformou com as decisões adversas da justiça, fomentou desacatos à magistratura, que ele próprio desconsiderou, em entrevista, atirando contra o Tribunal de Apelação do Estado seus partidários mais ardorosos. Como resultado, teve de intervir no caso o novo ministro da Justiça, sr. Adroaldo de Mesquita Costa, sucessor do sr. Benedito Costa Neto. E o ex-presidente da República e atual presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro José Linhares, foi ao Catete, pedir ao presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, solicitar ao primeiro magistrado da nação providências capazes de salvaguardar o decoro e a dignidade da Justiça. Até em intervenção federal em Alagoas chegou a se falar, — e não foram descabidas essas murmurações, pois onde existe um governo atrabiliário e uma justiça sem garantias, incapaz de fazer cumprir suas sentenças, as coisas vão muito mal. Muito mal vão as coisas, por sua vez, no Partido Trabalhista Brasileiro (cujo hino, diga-se de passagem, é de autoria do governador Silvestre Péricles...), com a derrota eleitoral esmagadora sofrida por seu chefe, sr. Getúlio Vargas, em São Paulo. O candidato do PTB, que era também o do PSD, ainda que ajudado por outra muleta, oferecida pelos comunistas, perdeu a vice-governança de São Paulo por cerca de cem mil votos para o sr. Novelli Junior, apoiado pelos srs. Adhemar de Barros e Hugo Borghi. Com isso, vemos que está reduzido a pouco mais do que zero o prestígio do ex-ditador no grande Estado bandeirante. O mais engraçado é que o vereador carioca Benedito Mergulhão, querendo encontrar uma explicação para tão grande fracasso, sentou o pau de rijo no presidente posto do PTB, deputado Baeta Neves, acusando-o de negociar mal o prestígio do ex-ditador e de ter hostilizado todas as expressões de real eficiência do referido aglomerado político. — os srs. Borghi, Marcondes Filho, Negrão de Lima, — todos ex-petebistas, — e ainda o sr. Salgado Filho e outros... O articulista assegura que o prestígio eleitoral, no Rio, está com os vereadores do PTB e não com os deputados de quatrocentos votos, como o sr. Baeta Neves, o sr. Barreto Pinto e outros... A roupa suja do PTB está sendo lavada publicamente... e já é lavada muito tarde! Apesar de não existir mais o Partido Comunista, oficialmente, quatorze comunistas foram eleitos vereadores em São Paulo, na legenda do PST... Eis aí em que se cifrou a extinção legal do PCB, — numa simples mudança de legenda, cedida ou vendida por outra agremiação. O que de resto não surpreende, porque já a Bíblia nos falava de gente que vendia por um prato de lentilhas os seus direitos de primogenitura... "O Globo", o vibrante vespertino de Roberto Marinho, deu uma manchete que dizia: "O general Euclides de Figueiredo será o novo prefeito do Distrito Federal". Mas, no dia seguinte, o "Diário Carioca", o não menos vibrante matutino do sr. J. E. de Macedo Soares, deu outra que dizia: "Não sairá da Prefeitura o general Angelo Mendes de Moraes". Pela passagem do aniversário da proclamação da República, a 15 do corrente, foram realizadas romarias civílicas aos túmulos de Deodoro, Floriano Peixoto e Benjamin Constant, as três figuras militares de capital importância na eliminação da Casa de Bragança e na implantação do novo regime. Na Inglaterra, foi dissolvido um comício fascista do "quisling" britânico Sir Oswald Mosley, que queria instituir nas ilhas Inglesas um regime semelhante ao de Adolf Hitler. Foram inaugurados melhoramentos no restaurante do SAPS no Leblon, inclusive um salão de leitura para os frequentadores. Estes, agora, reclamam também o jantar. A Caixa Beneficente do Leprosário de Curupaiti, à rua Godofredo Viana n. 64, em Jacarepaguá, querendo proporcionar um natal menos triste aos hansenianos que ali se acham internados apela para as pessoas de alma bem formada, para que enviem para ali doativos de qualquer natureza, mas especialmente dinheiro, roupas, sapatos, doces, cigarros, livros, etc. Aqui reproduzimos o apelo, esperando não fazê-lo em vão. Nestes últimos dias, continuou-se a falar em "coalizão" e "acórdio" entre a UDN e os dutristas do PSD, — que não são todos, como se sabe, — para apoiar o governo, nas decisões parlamentares. Mas as conversas, depois de esquentarem, esfriaram misteriosamente ao fim de algum tempo, em razão dos interesses criados... Falou-se num "plano nacional de administração" e todos aparentemente ficaram de acordo. Mas quando se tratar de saber como, quando e por quem esse plano vai ser executado é que será o diabo... Um helicóptero pacífico e burguês tem revolucionado a cidade. — que não via um há muitos anos, — nestes últimos dias, chegando ao cumulo de posar em plena esplanada do castelo. O sr. Epitácio Timbatuba da Silva, autor da crônica policial que o "Diário Carioca" publica diariamente na última página, tanto escreveu sobre crimes que acabou sendo vítima de um. Sábado, saindo do "grill-room" do Cassino de Copacabana, propôs-se a levar em casa a senhora Natércia Arruda Pimentel, uma encantadora desquitada (segundo diziam os vespertinos), residente no Engenho Novo. Mas, ao chegarem na residência da dama, na rua Belegarde, o ex-marido da mesma, que se achava emboscado, à espera dela, atirou no jornalista, transpassando-lhe o rosto e atingindo a região maior. A senhora sofreu menos: levou apenas uma coronhada na cabeça. O agressor, Serafim Silva Pimentel, é funcionário da Polícia. Mais uma dor de cabeça para o general Lima Câmara... Com a presença do prefeito Mendes de Moraes e do general Zenóbio da Costa, comandante da Primeira Região Militar, foi inaugurado, domingo, o novo estádio do Bangu. E, com a presença de muitos desportistas, o prefeito sancionou o projeto de construção do Estádio Municipal, — não de seis estádios, como queriam alguns espíritos estratosféricos... A Aeronáutica ofereceu um almoço à Imprensa, no campo dos Afonsos, e a ABI retribuiu, reunindo um grupo de jornalistas de destaque, em torno do brigadeiro Vasco Alves Seco, comandante da Escola de Aeronáutica, e de outras figuras militares de relevo na nossa aviação. Antes de terminar, um registro do grande e belo sucesso de Bibi Ferreira em "Divórcio", ao lado de seu pai, o ator Procópio Ferreira, e da atriz Alma Florença. Um êxito realmente notável, numa excelente peça em que Bibi Ferreira se revela uma de nossas grandes atrizes! E por hoje é só... Até sábado vindouro!

Parots d'argent



Um fino perfume, de
suscitissima fragrância
e persistente efeito.

LOÇÃO • EXTRATO • EMBLIANTINA • DO DE ARROZ

ROGER & GALLET

PARIS & RIO

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4. — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

§ — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.^o ORDEM. AVIAM-SE RECEITAS MÊDICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.^o 28



Joalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES.



A esquerda: O prefeito Angelo Mendes de Morais ganhou uma valiosa adesão na campanha contra os cães vadios da cidade e quanto ao projeto de imposto sobre os cães grandes. Quem nos pediu para transmitir o seu apoio foi Luís Pasteur, inventor do soro contra a hidrofobia e que não compreende a cifra alarmante dos que anualmente são atendidos pelo instituto que leva o seu nome. A direita: O ator João Caetano que ficou imortalizado no bronze na interpretação do personagem "Ossian", declarou-nos iracundo: — "Se eu pudesse, terminaria esse meu gesto com a espada e a meteira no cocuruto do diretor do Serviço Nacional de Teatro logo que ele passasse por aqui. Felizmente o teatro nacional continua progredindo, apesar da existência deste Serviço, que nada de útil e prático tem feito pelas artes cênicas nacionais".

AS ESTÁTUAS APRENDEM A FALAR!

ENTREVISTANDO OS MONUMENTOS DO RIO DE JANEIRO — PERO VAZ DE CAMINHA SE ARREPENDEU DE TER ESCRITO A CARTA — PEDRO ÁLVARES CABRAL E A DELEGACIA DE COSTUMES — PASTEUR MANDA UM RECADO PARA O PREFEITO — MIGUEL COUTO FALA SOBRE A IMIGRAÇÃO — "AFINAL, QUEM SOU EU?" — PERGUNTAMOS BENEDITO OTONI — O VISCONDE DE MAUÁ E OS ROUBOS DO CÁIS DO PORTO — TIRADENTES NÃO GOSTOU DO D. I. P. — JOÃO CAETANO E O TEATRO — FALA D. PEDRO I — PEDRO ERNESTO JÁ PERDOOU AO PA-
DRE OLÍMPIO DE MELO.

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

UM sábio norte-americano, colaborador nas investigações que conduziram à descoberta da bomba atômica, descobriu uma chave de vibrações sonoras que, reduzidas a caracteres, pode servir ao contacto entre os homens e as estátuas de bronze. De posse desse segredo, que nos foi transmitido sob reserva, muito confidencialmente, por um amigo de um sobrinho do ilustre descobridor, resolvemos proporcionar nesta semana, aos nossos leitores, uma reportagem inédita e original. — a primeira série de entrevistas concedidas, com exclusividade, por algumas das estátuas mais conspícuas do Rio de Janeiro. Aqui vão as respostas, religiosamente anotadas, tal como nos foram transmitidas. Se algum leitor não quiser acreditar o azar será seu e só podemos lamentar que se trate de um homem, — ou mulher — de fé escassa e vacilante.

PERO VAZ CAMINHA NÃO CAMINHA, MAS FALA...

Os dois amigos que em 1500 desem-

barcaram nas costas do país que seria mais tarde chamado Brasil, estão juntos no mesmo monumento, no centro do Largo da Glória, Pedro Álvares Cabral e Pero Vaz de Caminha. Caminha já nos havia visto de longe, quando conversávamos com os outros amigos de bronze colocados na Praça Paris. Com a oniclência adquirida após a morte, havia se inteirado do que desejávamos. Foi logo nos dizendo:

— Meu amigo, estou arrependidíssimo de ter escrito aquela carta...

— Que carta, senhor Caminha?

— Aquela primeira, célebre em tudo quanto é compêndio escolar. Olha, veja aí em baixo a transcrição do que escrevi. "A terra em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-há nela tudo". Ah! A ortografia está esquisita, não é? Mas olhe que quatro séculos depois vocês não simplificaram grande coisa, apesar das reformas anuais. Mas estou arrependido, como lhe dizia. A terra é tão boa quanto antes. Mas o diabo é que vocês não plan-

tam! Não há legumes, verduras, não há nada. O Pedro Álvares Cabral que fica olhando o dia todo para esse caminhão-feira aí defronte, está escandalizado. Ovos a dezesséis cruzelros a dúzia, tomates, cujo preço oscila mais que as cotações da Bolsa. Hoje custam dez cruzelros o quilo, amanhã custarão seis apenas. Uma lástima! Vocês não fizeram da terra nada do que eu esperava e hoje fico com cara de idiota aqui em cima. Todos os monumentos do Rio se divertem à minha custa, quatrocentos anos passados, gozando meu entusiasmo inútil...

E Pero Vaz de Caminha soltou uma gargalhada de bronze enquanto repetia:

— Plantando dar-se-há nela tudo... Ah! Ah! Mas a questão é plantar..."

PEDRO ÁLVARES CABRAL ANDA ENCABULADO

Volteamos o monumento para conversar um pouco com o autor do descobrimento. Numa atitude de reverência relembramos e enalteçamos o acon-

tecimento. Cabral não gosta de lisonjaria. É o tipo do homem rude e simples. Atalhou o nosso "léro-léro" e foi dizendo:

— De que me adiantou descobrir essa terra? Até hoje vocês não largam o litoral. Até parecem que descendem de marinheiros! É preciso entrar para o sertão, construir estradas. Só assim a vida barateará...

— Mas "seu" Cabral, já houve a "marcha para o oeste"...

O navegante português arreganhou a boca num rictus metálico e exclamou:

— Ora, a marcha para o oeste. Ela só foi feita no rádio e nos cartazes da Gegê... Vocês pensam que marchar para o oeste é voar de avião por cima de matarias? Que adianta você ir ao colar de Goiás, muito confortavelmente, por via aérea, se não há uma estrada decente para transportar mercadorias? Mas vamos deixar esses problemas que me parecem cada vez mais insolúveis. Tenho um pedido a fazer.

— Estamos às ordens, almirante...

— Não gosto nada d'êste largo à noite. Refiro-me a esta calçada fronteira, da rua da Glória, que fizo por obrigação há muitos anos. Que saudades do tempo em que o coronel Alcides Etchegoven era chefe de polícia! Atualmente voltaram as cenas indecorosas em plena via pública. Não respeitam nem a calçada do Palácio do Cardeal. Uma pouca vergonha êsse comércio ambulante de amor. Isso encabula até a um frade de pedra, que dirá de mim que sou de bronze...

Ficam registradas as queixas de Pedro Alvares Cabral, sendo que a última dirigida especialmente à Delegacia de Costumes. Esperamos que sejam atendidos os pedidos do almirante.

PASTEUR MANDA UM RECADO AO PREFEITO

A estátua de Luís Pasteur estava colocada num lugar perigoso, exposta às trombadas dos carros que desciam ou subiam velozmente a avenida Pasteur. Pasteur queixou-se disso. A atitude meditativa do monumento não se casava bem com a movimentação e o barulho do local. O Departamento de Parques compreendeu a reclamação e transferiu-o para o fim da avenida, no jardim fronteiro à Faculdade de Medicina. Pasteur não se fez de rogado para conceder a entrevista. Estava mesmo ansioso para falar com o jornalista:

— Quero que você leve um recado para o prefeito Angelo Mendes de Moraes. Estou a par d'êsse projeto de lei que visa estabelecer um imposto para os cães. Esse imposto, ao que soube, seria aplicado em um combate mais eficiente aos cães vadios, possíveis transmissores da hidrofbia. Se a coisa é assim, estou com o general. A hidrofbia, meu amigo, era para já não existir mais depois que tive a felicidade de descobrir o meu sôro. Aliás, países como a Inglaterra, já a eliminaram completamente, graças a um perfeito controle de vacinações periódicas nos cães. Aqui, no Rio, entretanto, o flagelo aumenta cada ano. Em 1946 vocês tiveram quatro mil pessoas atendidas pelo Instituto que leva meu nome. Isso é um absurdo!

Estranhamos que Pasteur estivesse ao corrente do que se passa diariamente na cidade. Ele nos explicou:

— Sou muito grato ao seu país. Nunca me esqueço que foi o segundo a inaugurar um Instituto Pasteur, graças ao espírito adiantado do imperador Pedro II. Mas o fato de virem vocês empregando há tanto tempo os meios científicos de combate ao vírus de hidrofbia, torna ainda mais chocante a situação, o perigo que ainda os ameaça. Diga ao general Mendes de Moraes que conte com o meu apólo em sua campanha e que, por isso, estou de acordo com o imposto sobre os cães, principalmente os cachorros de luxo, cujos proprietários têm posses para pagar tal imposto...

A IMIGRAÇÃO, UM VELHO PROBLEMA

De volta da Praia Vermelha não pudemos deixar de falar com o professor Miguel Couto, cuja estátua se ergue imponente no jardim da praia de Botafogo, defronte da rua Marquês de Olinda. O ilustre professor estava no momento com a cara enjoada e antes que lhe perguntássemos porque, êle nos explicou o motivo:

— Meu filho, êste local aqui, de vez em quando, é mais mal cheiroso do que a Sapucaia. Vocês não sentem nesse momento êsse cheiro insuportável que vem do mar? Não sei quando a City deixará de fazer essas descargas miasmáticas aqui, no centro da cidade. E eu não tenho sequer um lenço para levar ao nariz! Bem... Vamos deixar os meus problemas e falar um pouco nos de vocês. Como sabe, um dos meus grandes interesses foi a imigração. Ainda

O glorioso almirante Barroso, do seu pedestal na praia do Flamengo, observou-nos: — "Já contel maior número de mortos e feridos aqui nesta praia do que em tôda a Batalha do Riachuelo. Os lotações se arrebatam nas árvores e nos postes em uma média de cinco por mês. Verdadeira hecatombe..."





“Eu, que sempre fui um eficiente político, tenho sofrido muito com a politiquice dos demagogos que se reúnem aqui em volta do meu monumento” — disse-nos o Barão do Rio Branco, cuja estátua está na Esplanada do Castelo, defronte do Ministério da Fazenda. E o que mais lhe indignou foram as atrocidades praticadas no fim do último comício que ali se realizou.

hoje um dístico no pedestal da minha estátua lembra isso. Por ser um estudioso do assunto, sofro mais do que os outros. Afinal, perdemos oportunidades econômicas durante a guerra e continuamos a perdê-las, terminado o conflito. Que fizemos na seleção dos deslocados de guerra? Nada... Enquanto a Argentina seleciona os melhores imigrantes italianos, vocês suspenderam a imigração dos deslocados europeus!

— Mas, professor, houve uma confusão dos diabos!...

— Eu sei! Vieram cantores, bailarinos, pintores, em vez de agricultores e técnicos. Acusaram a comissão de seleção na Europa. Agora o senhor Arthur Hehl Neiva, chefe daquela comissão, chega ao Rio e acusa o Conselho de Imigração. Comera o jôco de empurra: foi você! Não fui eu! Foi você! No fim os responsáveis não aparecem e o país é que perde com essa indecência. Soube também que milhares de famílias holandesas estavam dispostas a vir para o

Brasil, trazendo até suas vaquinhas de raça. Quem é que está tratando do assunto? Pois, meu caro repórter, passe bem. Se algum dia ficar apurado o responsável pelo fracasso da seleção imigratória para o Brasil, apareça. Até lá, deixe-me sossegado, com esse maldito cheiro da City, que eu lá nem sei se vem de lá ou se vem das desonestidades que certos sujeitos andam fazendo por aí...

AFINAL, QUEM SOU EU?

Eram seis horas da tarde e os portões subterrâneos da Central comiam sem cessar, milhares de pessoas. Fomos empurrados até o ângulo do edifício e parámos ali para conversar com a estátua de Eneido Otoni.

— Boa tarde, engenheiro!

Ele nos olhou de cima, um pouco surpreso e falou:

— Admira-me que você saiba o meu nome. É um desleixo que não aturo mais. Fizera esse monstro de edifício, espremeram-me aqui e não puseram se-



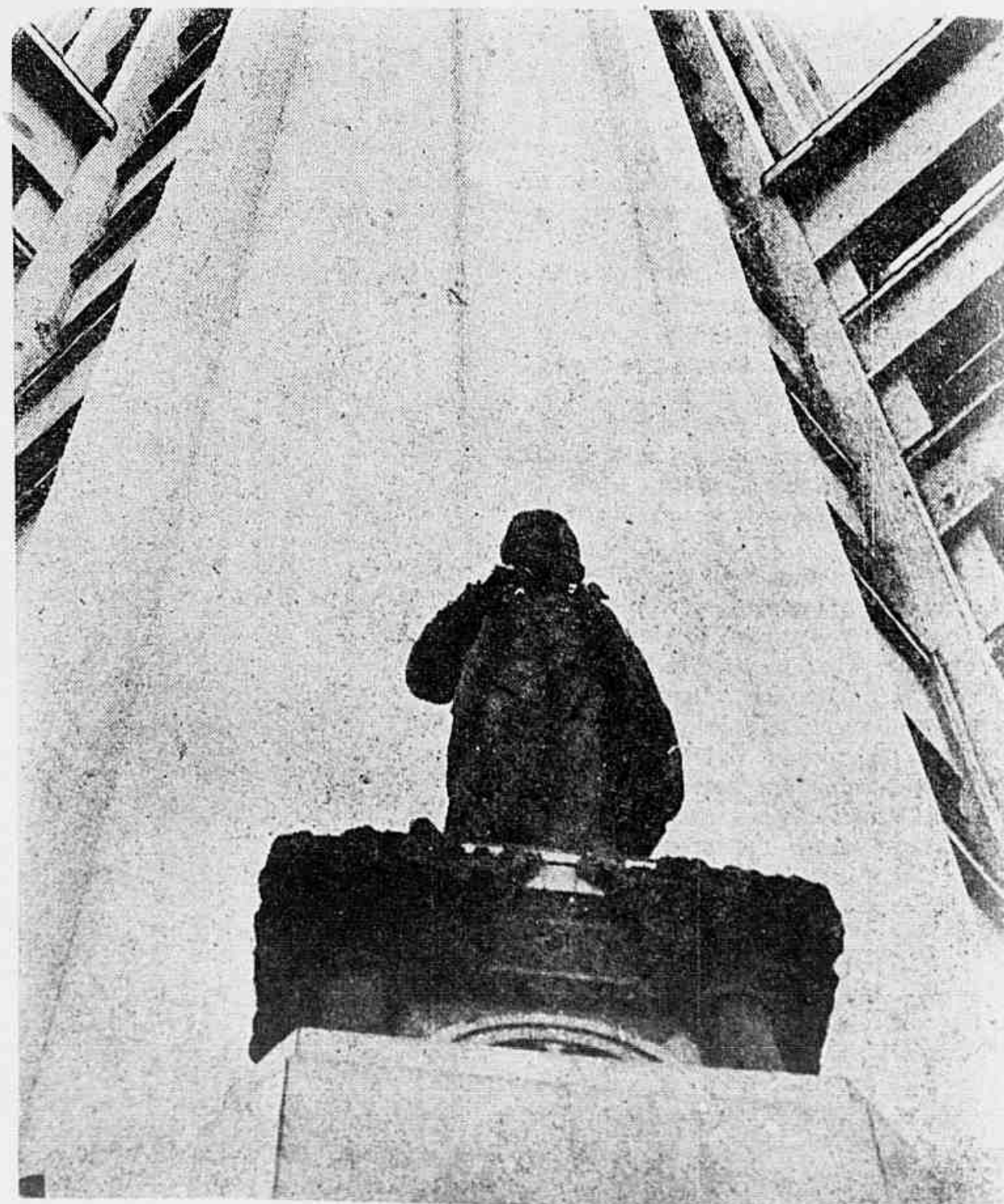
— “Este Brasil vai muito mal — diz-nos José Bonifácio de Andrada e Silva. Tanta coisa e nada de prático realizado. Seria necessário apenas uma lei, como certa vez lembrou Capistrano de Abreu, que dissesse assim: — “Destá data em diante todo o brasileiro fica obrigado a ter vergonha”. A esperança do velho Andrada é a mocidade de hoje, como a que vê passar diariamente rumo à Escola Politécnica.

quer uma indicação no pedestal. Todos passam por baixo, me avistam e não podem saber quem sou. Afinal que homenagem é esta, quando não se faz menção do nome do homenageado?

— Tem razão... É inacreditável.

— Inacreditável, só? Você quer saber o que acho da Central que ajude a construir. Isto aí dentro está uma mixórdia. Os erros são tantos de uns anos

“Afinal, quem sou eu?” — perguntou-nos a aquela estátua sem nome, colocada em um ângulo do edifício da Central do Brasil. Conseguimos identificá-la como a de Benedito Cristiano Otoni. O grande engenheiro nos disse: — “Eu estava de frente para a Central, ali na praça. Mas a desorganização aumentou de tal modo nessa ferrovia que, de vergonha, puseram-me de costas, para que nada visse”.





O professor Miguel Couto está assistindo de pa'aque às briguinhas estêreis e infantis entre os responsáveis pela seleção dos imigrantes europeus. "Perdemos a melhor das oportunidades para trazer para o Brasil famílias saudáveis e trabalhadoras. Ao invés disso, vieram rotulados como agricultores, bailarinos, cantores, músicos e outros artistas. O presidente Dutra precisa punir o responsável!"

para cá que me puseram de costas para não os ver! Sim, porque antigamente eu estava ali na praça, bem de frente. Mas, mesmo assim eu sei de tudo. Os fretes estão cada vez mais caros, as

linhas do interior continuam sem conforto, as passagens com preços mais elevados. Eu, no meu tempo, já dizia ao Imperador: estrada de ferro não é empresa para dar lucro, pelo menos para

Sem aquela ma'etade de quando vivo, declarou-nos Pedro I: — Esta praça Tiradentes e do barulho! Tenho tudo aqui: jornal, pão quente, restaurantes, cafés, lancherias, teatros, cinema, "caneles"..., e até "gafieiras." — Percebendo-se do seu palavreado, desculpou-se: — "Está vendo! Até giria eu emprego! Meu Deus, como estou estragado! Semente Dercy Gonçalves me faz, às vezes, encabular".



O Visconde de Mauá está cansado de ver os roubos praticados no porto do Rio de Janeiro. "Todo o mundo pode ver — diz-nos o visconde indignado — parece que só a Polícia Marítima não consegue perceber essa ladroeria vergonhosa. O descalço dessa polícia e do governo estão fazendo dele o pior porto do mundo. Os ladrões já se organizaram até em sindicato. E' o cúmulo!".

dar lucro direto. A compensação vem, refletida, com o progresso que a estrada de ferro proporciona aos países. Mas veio esse improvisado Alencastro e cis-mou que isto aqui era empresa particular. Está aí o resultado: nada feito e o progresso entravado. Têm acontecido coisas incríveis. Segundo ouvi dizer, compraram vagões nos Estados Unidos, por sinal, de preços caríssimos — e esses vagões não passam nos túneis. E' isso mesmo, são mais largos do que os nossos túneis... Estão agora num dilema, ou serram os carros ou alargam os túneis. Ah! meu tempo... E a pancadaria que sai todos os dias na gare, a esta hora mais ou menos? Os trens são poucos para a população dos subúrbios que cresce continuamente. Tenho sofrido muito esses anos todos, assistindo de pedestal a esse descalabro. Era melhor que não existisse a minha estátua neste lugar, pois assim eu não sofreria tanto...

MAUÁ VAI CHAMAR A POLÍCIA

O Visconde de Mauá foi quem inaugurou a primeira via férrea no Brasil. Como o seu colega Benedito Otoni, entende muito do assunto, inclusive de câmbio, exportação, importação e semelhantes. Quando ficamos ao pé do Visconde, ele estava tinindo de raiva. E explodiu, colérico:

— Afinal, por que tenho de ficar olhando esse porto a vida toda?! E' o pior porto do mundo! Uma vergonha para a engenharia. Um atraso. Sim, eu ouço isso todos os dias dos comandantes de centenas de embarcações que ficam ao largo, sem lugar onde atracar. E é o porto onde há mais furto. Segundo soube, os ladrões do porto já chegaram a fundar sindicato para regularizar a ladroeria.

— Nós lemos isso, visconde... Mas pensamos que era sátira...

— Meu amigo, eu não minto. Ganhamos dos portos asiáticos a glória da pi-



O Marechal Deodoro da Fonseca está assistindo horrorizado ao entupimento da mais linda baía do mundo. "Duas burradas juntas" — gritou o marechal — esse alargamento da cidade para o lado do mar, quando há tanta terra para o interior, e a construção desse luxuoso e já imprestável aeroporto. Além de não poder receber os grandes aviões, modificou o gabarito de toda a cidade. Bem que dona Anésia Pinheiro Machado avisou..."

rataria. Eu daqui vejo tudo. Por causa da demora na atracação e descarga, você deve saber que os fretes marítimos aumentaram de vinte e cinco por cento. Você bem pode calcular o que isso representa na nossa importação! De que adianta vocês se ufanarem de possuir oito mil quilômetros de costas marítimas se o principal porto brasileiro não chega a dez quilômetros de extensão?... Já que as autoridades competentes não tratam da ampliação das docas, é preciso ao menos que tratem do policiamento desse "portinho" de brinquedo. Qualquer dia desses vou me queixar à Polícia Marítima, aqui ao lado, sobre esses furtos vergonhosos. Afinal, isso aqui não é costa d'Africa...

TIRADENTES NÃO GOSTOU DO D. I. P.

Tiradentes está com a mesma roupa com que saiu da Cadeia Velha (em cujo local se ergue hoje a Câmara dos Deputados) para a fôrça. Continua em

frente à Câmara, muito distante da praça que tem o seu nome, lembrando com sua presença aos legisladores lá dentro o direito à liberdade de expressão. Tiradentes a princípio não quis falar. Acha que as suas reclamações de nada adiantarão, está cansado de ouvir tanta discussão lá dentro e ver tão pouca coisa realizada. Afinal, em atenção ao repórter, que nasceu em São João del-Rei, bem próximo de sua terra natal, aquiesceu em dar a entrevista. E nos disse:

— Vocês, jornalistas, lembram-se de reclamar, de vez em quando, a colocação da minha estátua. Peco que não toquem mais no assunto. Prefiro esse local. É mais nobre, mais de acordo com os meus sentimentos de patriota. Deixem na praça Tiradentes o João Caetano e o Pedro I. Gosto daqui e poderia gostar mais se sentisse um pouco mais de sinceridade nos debates que



A herma de Chiquinha Gonzaga, a nossa primeira maestrina, encontra-se no Passeio Público, em frente ao cinema Plaza. A autora do famoso "Oi, abre alas, que eu quero passar!", primeira música carnavalesca do Brasil, agradece por nosso intermédio às comemorações feitas pela S. B. A. T. pela passagem do centenário de seu nascimento.

são travados lá dentro. Quanta política estéril! Há dois anos vocês retornaram ao regime democrático e, às vezes, francamente, não me parece que isso tenha mesmo acontecido... Houve um tempo que detestei servir de orna-

mento para o edifício aí detrás. Era no tempo em que funcionou na atual Câmara o Departamento de Imprensa e Propaganda e ao qual eu chamei muitas vezes de Departamento de Invenções e Pêtas. A opressão foi tanta que

Tiradentes, cuja estátua está defronte à Câmara dos Deputados, sofreu muito quando ali funcionou o opressor e vergonhoso D. I. P. Seus sentimentos de patriota se rebelaram e ele, se pudesse ressuscitar, teria intervido contra aquela ditadura, "mesmo sabendo que seria enforcado novamente".



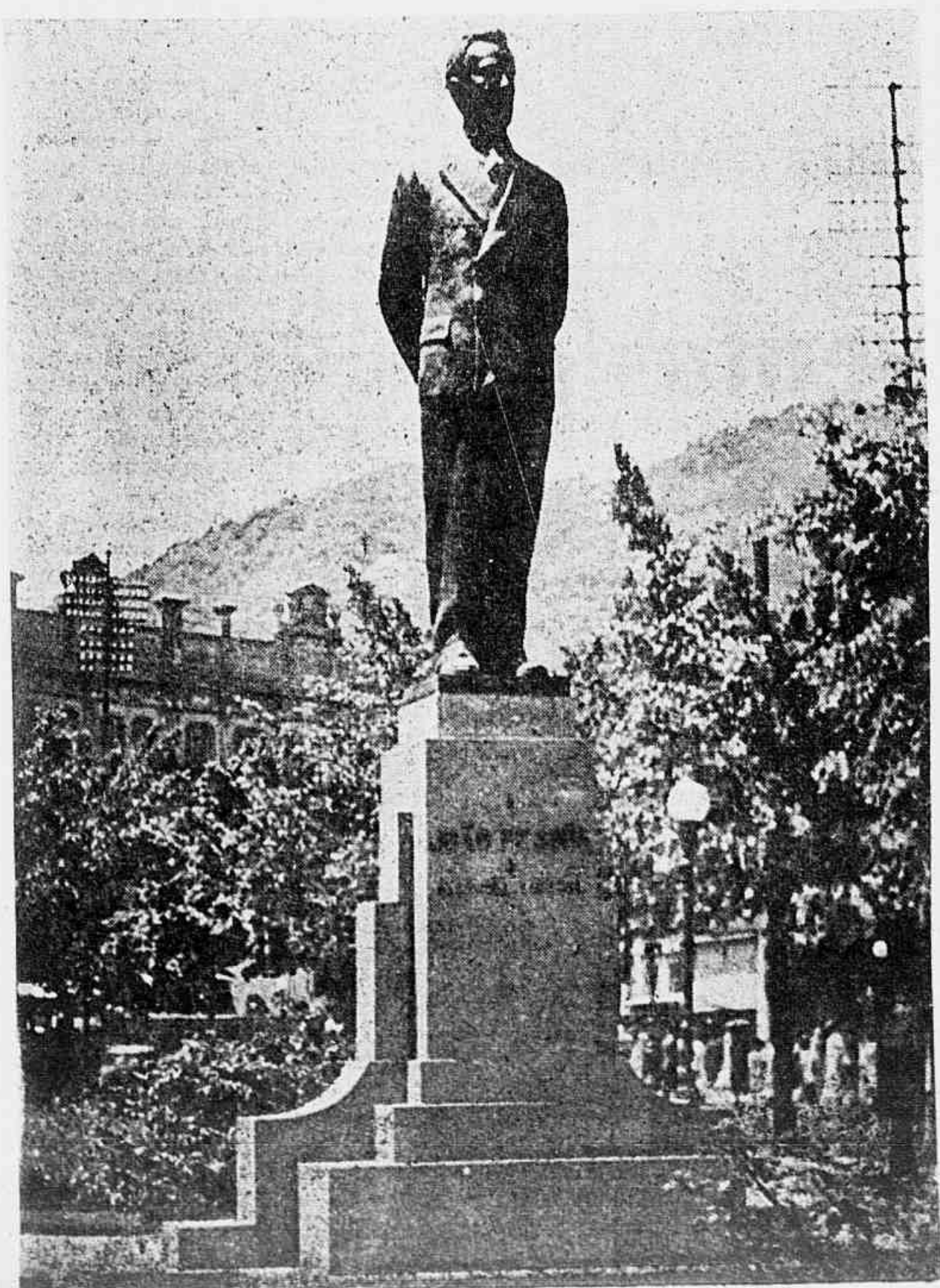


Pedro Ernesto, o mais querido dos prefeitos cariocas, está lembrado pelo funcionalismo em um monumento no Passeio Público. O prefeito que deu ao Rio, escolas e hospitais, continua sendo o homem bom de sempre. "Já perdi até ao padre Olímpio, a quem tanto ajudei e que tanto mal me fez. Contudo, sua lista de pecados é bem grande, aqui em cima..."

Julguei que iriam tirar a minha estátua daqui. Enfim, as coisas melhoraram, mas estão ainda muito longe da perfeição. Vocês estão precisando de al-

guém como eu, quando era de carne e osso. Se eu não fosse agora de bronze, se eu pudesse intervir, faria barulho e, na certa, seria enforcado outra vez...

O imortal João Pessoa, glória da pequenina Paraíba, tem a gratidão dos cariocas, na estatua colocada no largo do Mourisco. O honesto homem de estado está pesaroso com a atual política do nordeste. "O que acontece em alguns daqueles Estados envergonha a nossa Constituição. Parece que aqueles mandatários têm saudades da ditadura que em boa hora terminou."



Pedro Álvares Cabral perguntou-nos por que há quatrocentos e tantos anos, desde que aqui chegou, nós não largamos o litoral. Falamos na antiga "marcha para o oeste", e ele nos retrucou: "— Ora, a marcha para o oeste! Ela só foi feita pelo rádio, pelo D. I. P. e pelos cartazes mandados espalhar pelo Gêgê... "Cadê" as estradas construídas para o oeste?..."

E com essas últimas enigmáticas palavras o alferes Joaquim José da Silva Xavier nos disse boa tarde.

QUEIXAS DE UM VELHO E GLORIOSO ATOR

Nós já estávamos desistindo de entrevistar outros vultos da história do Brasil. Reclamações em penca e por toda a parte. Fizemos mais uma tentativa. Fomos até a praça Tiradentes e procuramos conversar com a figura do ator João Caetano, que em atitude dramática, no papel de Ossian, prepara-se para enterrar a espada em alguém.

— Não se assuste, — disse-nos o grande trágico. — Estou apenas representando. Além do mais, se eu pudesse meter esta espada em alguém, não havia de ser em você...

— Em quem, então?

— Ora, em quem! O primeiro golpe seria no cocuruto do diretor do Serviço Nacional de Teatro... Então, aquilo é lá serviço que se apresenta! É uma coisa solta, sem direção, sem propósito, sem nada... Quanto dinheiro gasto inutilmente! No meu tempo, era duro ar-

ranhar uma subvenção. Hoje, dão a toda gente. Atiram o dinheiro fora, sem proveito para ninguém. Com o que já gastaram, podiam ter construído dois belos teatros. Mas qual!

— E que pensa do nosso teatro, sr. Caetano?

— Bem... Não há nenhum João Caetano por aí... Mas a verdade é que há muito movimento e vai indo bem. Há a Dulcina, o Procópio, o Jayme Costa, os Comediantes, os Artistas do Povo, etc. E até a revista tem melhorado muito depois do Chlanca de Garcia. Agora, ao que ouvi dizer, ele vem para o teatro, aqui detrás. E acho que o prefeito fez muito bem em lhe dar essa "chance". Não é mesmo "chance", que vocês costumam dizer agora?

PEDRO PRIMEIRO, O DIABO QUE SE FEZ ERMITÃO...

D. Pedro I. lá de cima, com a carta do pai na mão, contemplava nosso batizado com João Caetano, talvez um pouquinho despetado, por termos falado an-



Tipo popular de Londres: um mendigo do Soho, o famoso balro do crime aposentado!...

Soho - O crime aposentado

De JORGE MAIA

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

CADA cidade tem seus processos especiais de propaganda. Umas são mais simpáticas, outras mais inteligentes, ainda há as displicentes, na maneira de atrair atenções e simpatias. Londres, há muitos anos, carinhosamente, cultiva o "crime". Toda a sua literatura — a literatura típica, caracteristicamente londrina, é baseada em roubos, assassinatos, estrangulamentos. Londres criou o romance policial, todo um gênero, depois espalhado por todo o universo, mas cuja paternidade ela guarda gloriosamente, como o "Big Ben" ou a Câmara dos Comuns. Porque, para sua propaganda, todas essas coisas são importantes; é necessário que, aqui, se tenha, se sinta a "atmosfera" do drama, do vício, do crime. E um londrino ficará muito triste e decepcionado se lhe disserem, como eu, algumas vezes, que passei altas horas da madrugada, através de algumas ruas em black-out, sem que o espectro de Raffles aparecesse para "bater" a minha carteira. Isso enche de

melancolia o habitante desta grande cidade, que, intimamente, se sente infeliz, e exclamará para os seus botões:

— A culpa é da guerra...

Os seus jornais se preocupam com o gênero macabro. Qualquer assassinatozinho, aqui, cresce de importância, e a literatura novelesca, gênero Edgard Wallace, é imediatamente desenrolada diante dos leitores, frequentadores obrigatórios do gênero cinematográfico "suspense". Inútil dizer que 80% do teatro e do cinema britânico se baseiam sobre o crime. E também me parece desnecessário acrescentar que os outros 20% não alcançam nenhum sucesso, pois a platéia exige, antes de mais nada, a manutenção dessa tradição que vai desaparecendo da vida inglesa, à proporção que o tempo passa. É certo que a ausência de um "Jack, o Estripador", ou de um "Vampiro" qualquer, deixa profundamente melancólico o espírito do saudosista, que diz intimamente:

— Londres, positivamente, perdeu todo o interesse...

★

Nessa rede literária que sempre cercou Londres, o Soho nos aparecia como a verdadeira capital do crime. Não há romance de Conan Doyle em que não se fale nos seus tipos sinistros, casas misteriosas, ruas tortuosas e lúgubres, cheias de mistério. Um arrepião nos percorria a espinha, quando, adolescentes, liamos as aventuras de Sherlock Holmes, metido naqueles esconderijos, à procura de assassinos mal encarados e brutais. O Soho era, na verdade, uma espécie de grande antro, transbordante de ladrões e assassinos, precursores dos "gangsters" americanos. Os restaurantes chineses, os seus pecados, aceleraram a marcha de muito coração de menino de colégio. Os seus lampeões de gás, tudo isso nos aparecia como um quadro, ao mesmo tempo, tétrico e admirável, macabro e invejável. E, ao fechar o livro,

lamos dormir, sonhando com "fume-ries" de ópio, larápios de boné e lenço ao pescoço, que só mesmo a alta classe de Sherlock Holmes podia controlar.

Assim se explica a nossa curiosidade, o interesse extremo em ver aqueles recantos nossos conhecidos, as ruas cujos nomes nos eram familiares, as casas cujas fachadas tantas vezes havíamos visto, em sonho, depois de lançar um olhar de desprezo ao nosso Rio, que nos parecia tão triste e inerte, sem laíres misteriosos, sem crimes sinistros, sem "bas-fen", sem Scho!

Por todos esses motivos, tomei o taxi com uma incêndia emoção. E quase não chegava a balbuciar ao "chauffeur" as duas sílabas mágicas: "So-ho". Ele, porém, não se alterou. Tive que repeti-las e veio a pergunta que me arrasou:

— Perfeitamente, senhor. Mas a que rua quer ir, a que restaurante?

Percebi que se tratava de um espírito prático, sem imaginação. Porque, assim, lhe falar de tudo o que veria ver e visitar? Em troca, ele, provavelmente, devia conhecer um daqueles misteriosos restaurantes chineses, com dragões vomitando fogo, mandarins de longas pitteiras...

Nova interrupção do "chauffeur", cujo estado de humor não era dos melhores:

— Verifico, senhor, que é estrangeiro. Provavelmente, lhe falam em algum dos restaurantes do Soho. Qual deles?

— Um... um... chinês... — arrisquei timidamente.

Aí o nosso homenzinho, positivamente, se compadeceu de mim. E, sem esperar qualquer resposta, em tom confidencial, me declarou:

— Quer um conselho de amigo? Não vá aos chineses. Prefira os italianos. Se quiser, posso levá-lo a um excelente francês. Que prefere?

Considerarei-me vencido e desiludido. Ia ao Scho, não para um velho encontro com Raffles, que eu tinha marcado na minha infância, mas, apenas, para comer um "spaghetti", ou possivelmente, um "poulet en cocotte". Enterrei-me no fundo do "taxi", dizendo:

— Ao que lhe parecer conveniente.

Senti-me humilhado, estrangeiro no balro que eu melhor conhecia em toda a minha infância...

★

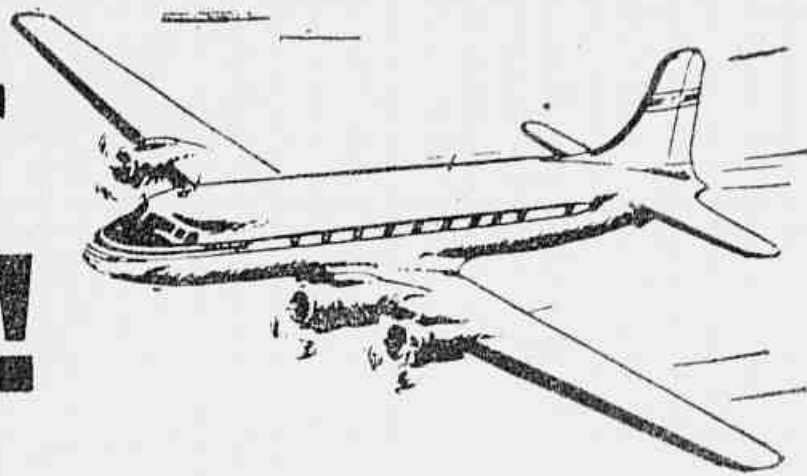
Contrastando com o resto de Londres, que obedece aos severos estilos georgianos e vitorianos, o Soho não possui estilo próprio. Há ali uma curiosa mistura de côres e formas que constitui uma nota alegre no coração de Londres. Enquanto os outros bairros guardam um ar grave e circunspecto, de sobrecasaca, o Soho nos aparece, boemniamente, em mangas de camisa. As suas ruas, cheias de lojas, restaurantes, possuem um aspecto diferente do resto da cidade. E daí razão ao meu "chauffeur", quando descobri que, ali, realmente, onde melhor se pode encontrar um bom restaurante.

As suas lojas apresentam os mais variados sortimentos. Tudo pode ser encontrado. E o que nelas não existir, não existirá em toda a Inglaterra. Porque o sistema é um pouco o de — quase diríamos "mercado negro", se esta expressão não enchesse de horror a velha Inglaterra. Vamos dizer que os processos aqui são diferentes, porque o balro está inteiramente nas mãos de estrangeiros. Creio que não existem comerciantes britânicos no Soho. Em compensação, abundam italianos, balcânicos e chineses. Chineses que não mantêm "fume-ries" orientais, mas preferem, clandestinamente, oferecer uma camisa, a preço acessível, sem "coupons"...

Por toda a parte, um ar simpático e satisfeito. Barulho, coisa que não existe em Londres. Discussão num bar, cuja porta aberta deixa entrever o seu interior, onde homens bebem cerveja e discutem resultados das corridas de cavalo e de cachorro. Ao longe, um realejo enche os ares com sua música triste, enquanto uma sanfona sacode os nossos

(Cont. na pág. 55)

Voar por Clipper ...é mais fácil!



Quando V. S. se instala na confortável poltrona de um *Clipper* gigante, ficará satisfeito por ter escolhido a Pan American World Airways...



...e mais satisfeito ainda, quando verificar quantas comodidades encontrará a bordo de um *Clipper*... até para "tirar o brilho do nariz" antes de desembarcar.



A frequência e a organização conveniente do horário dos *Clippers* permitem que funcionários trabalhando em pontos distantes possam comparecer a tempo a assembleias e reuniões.

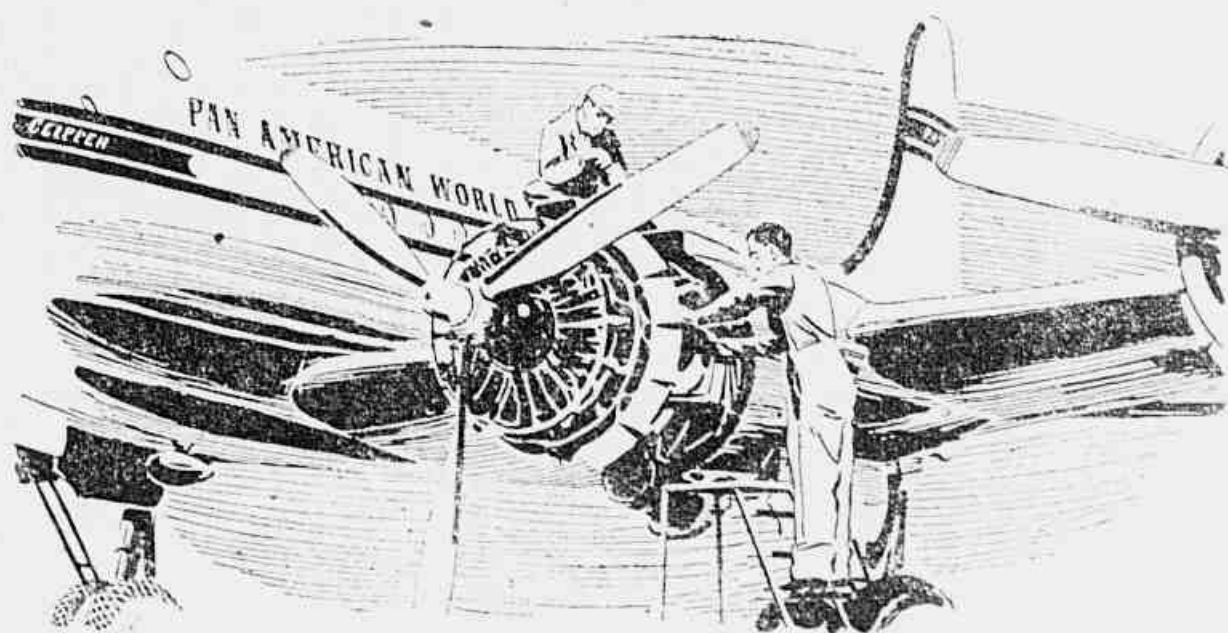


A aero-moça estará sempre pronta a atendê-lo em tudo que fôr necessário, e pendurar seu paletó no guarda-roupas do *Clipper*, por exemplo.

Voar pela PAA... experiência SEM PAR!

Todo o equipamento empregado pela Pan American World Airways é constantemente examinado afim de que ofereça a mais completa segurança. Uma rede mundial de mecânicos especializados mantém os seus *Clippers* no auge da perfeição mecânica.

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers Voadores



Alasca — Antigua (Índias Ocidentais Britânicas) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica — Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao — Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana — Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havaí — Honduras — Ilha do Cantão — Ilhas Fiji — Ilha Midway — Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia — Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana — República do Salvador — Sta. Lúcia (Índias Ocidentais Britânicas) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam — Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucón (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal



maluca

A propósito, disse M. Mathieu d'Endolin, as galinhas lembram-me uma sinistra história da guerra.

Conhecem a minha propriedade no arrabalde de Corneil. Vivía lá no momento da chegada dos prussianos.

Tinha então por vizinha uma espécie de maluca, cujo espírito se tinha des-nortado sob os golpes da desgraça. Outrora, na idade de vinte e cinco anos, tinha perdido, num só mês, o pai, o marido e o filho recém-nascido.

Quando a morte entra uma vez numa casa, volta lá quase sempre, imediatamente, como se conhecesse a porta.

A pobre mulher, fulminada pelo desgosto, foi para a cama e delirou durante seis semanas. Depois, como uma espécie de cansaço calmo sucedesse a esta

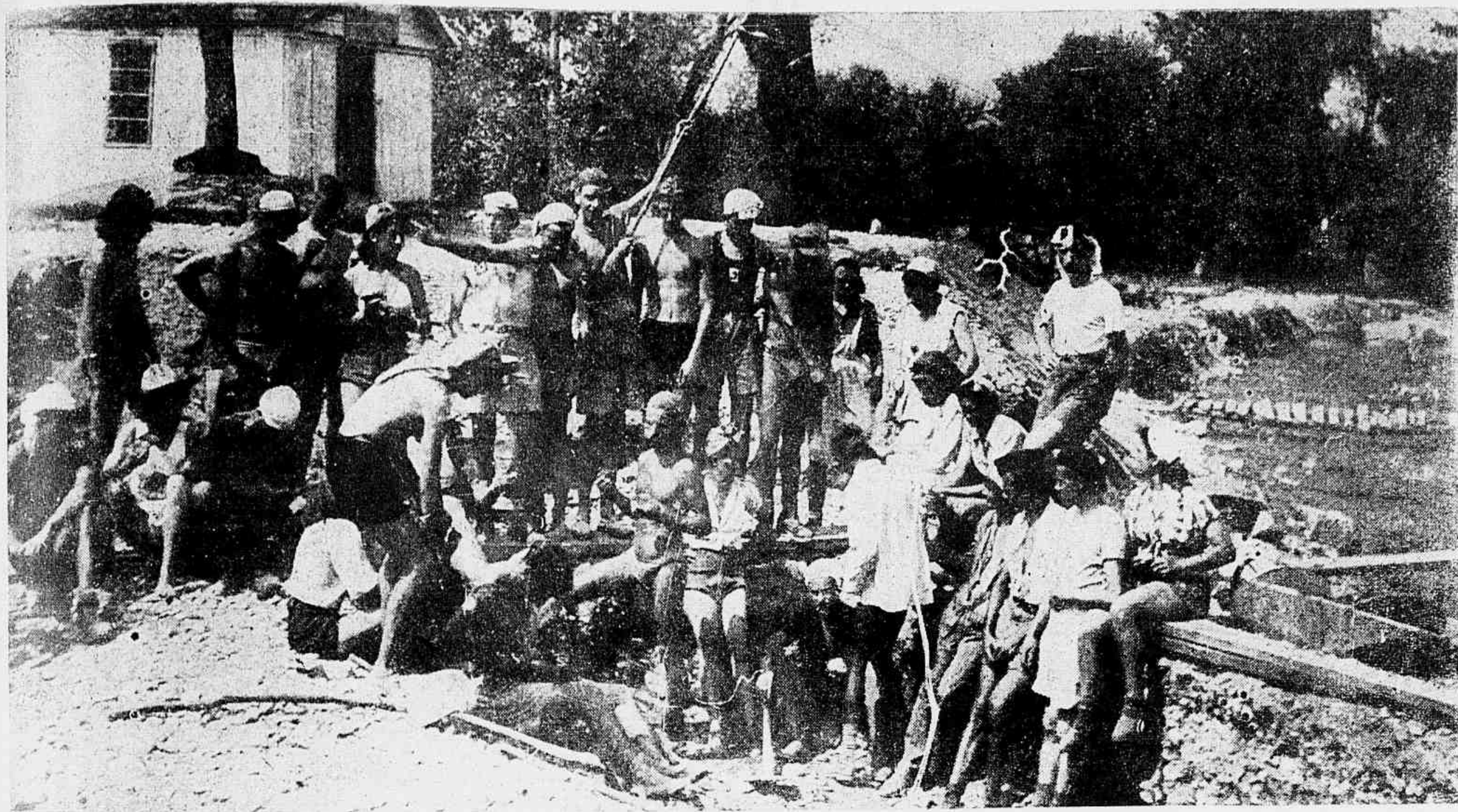
crise violenta, ficou sem movimento, comendo apenas, mexendo unicamente os olhos.

De cada vez que a queriam levantar, gritava como se a matassem. Deixaram-na então estar deitada, não a tirando dos lençóis senão para os cuidados da sua "toilette" e para voltar o colchão.

Uma velha criada ficara perto dela, obrigando-a a beber de tempos a tempos, e a mastigar um pouco de carne fria. Que se passava nesta alma desesperada? Nunca se soube, porque ela nunca mais falou. Pensava nos mortos? Sonhava tristemente sem recordações precisas? Ou então com o pensamento inquietado ficava imóvel como água sem corrente?

(Cont. na pág. 51)

CONTO DE GUY DE MAUPASSANT — ILUSTRAÇÃO DE O. MATTOS



O batalhão Liberté reunido antes de começar o trabalho. Canta-se a "Marselhesa" e a canção da Omladinska Pruga.

OMLADINSKA PRUGA

COM UMA BRIGADA INTERNACIONAL NAS MONTANHAS DA BÓSNIA

Por CELSO FURTADO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Um amigo me sugeriu em Paris: — Que tal engajar-se numa brigada internacional para ir trabalhar na Iugoslávia? — Era o mesmo que me convidar para ingressar na Legião Estrangeira. Trabalhar na construção de uma via férrea na região montanhosa central da Bósnia, num país onde o próprio governo se queixa da persistência do terrorismo!

Mesmo para quem está na França ou na Inglaterra, o outro lado da Europa — ou de-lá do rideau Inglês, o outro lado da Europa — ou de-lá do rideau

Após o trabalho, um banho de fonte. A Bósnia é montanhosa e suas fontes encachoeiradas são banheiros providências para os trabalhadores da brigada.

de fer — conserva algo de misterioso: as opiniões dos viajantes são contraditórias, os fatos são contestados, as notícias são controversas. Saí matutando na sugestão do meu amigo. No dia seguinte apareci numa agência num boulevard central de Paris. Uma jovem muito polida encheu-me de informações: "desde o momento que o senhor cruzar a fronteira da Iugoslávia todas as suas despesas ficarão a cargo do governo federal, inclusive o transporte. O senhor visitará algumas das principais cidades do país, inclusive Belgrado..." A fila era grande e o tempo corria. Fui dando o meu nome e saindo.

COMPROMETO-ME COMIGO MESMO A SER JOVEM

As seis horas da tarde, na gare do leste, apareci um dia com minha valise na mão disposto a dar o mergulho no escuro. Um cartaz prendeu-me a atenção: Y-2. Aquilo queria dizer: duas semanas na Iugoslávia. Era o meu grupo.

Mais de cem pessoas já estavam reunidas. Eram rapazes e moças de short, sapatos de campo, saco nas costas. Serrateiramente fui escondendo o meu chapéu de feltro na valise, tirando a gravata, pondo o paletó no braço, arrancando as mangas... Assoviei um samba para me sentir mais à vontade: "tira o seu anel de dotô ora num dá o que falar..." E fiz a minha entrée no grupo.

Quando souberam que eu era brasileiro, os franceses me bombardearam com perguntas: "como vivem os jovens no Brasil, que organizações de juventude há, que fazem, que pensam..." Eu arrancava da memória algumas informações perdidas. E fazia a mim mesmo essa pergunta ainda mais desconcertante: será que eu sou jovem? 27 anos incompletos... Será que no Brasil algum dia a gente também é jovem? Nunca me ocorreu na vida dar-me esse título. Ser jovem sempre me pareceu uma profissão para vadios... Aproximamo-nos do trem. Sobre um dos vagões haviam escrito em letras enormes:

OMLADINSKA PRUGA

Alguém traduziu: "Estrada de ferro da juventude". Bem havia que compenetrar-me da posição de jovem. A estrada de ferro onde eu ia trabalhar era um empreendimento e uma realização da juventude.

MODESTIA À PARTE...

A viagem corria por nossa conta até a fronteira iugos-

lava. Os vagões, de terceira, eram especiais, e por isto as passagens mais baratas. Procurei adaptar-me ao am-

(Cont. na pág. 54)

A presença das mulheres é um elemento de coação no trabalho. Sempre voluntárias para qualquer tarefa suplementar, encarregam-se especialmente da cozinha e da limpeza.







Na página à esquerda: A princesa (Dulcina) tenta o prisioneiro (Odilon), dentro da masmorra onde este está encarcerado. Nesta página, em cima, o banquete real. Aparecem, da esquerda para a direita: Dulcina, Jardel Jercolis Filho, Julimar, Ribeiro Fortes, Eleonor Bruno, Sérgio Mano, Jaime Barcelos e Aurora Aboim. Neste ato Dulcina realiza uma dança magistral, que foi criada e marcada por Igor Schewetsoff.

UMA NOVA REALIZAÇÃO DE DULCINA

UM novo acontecimento no nosso teatro foi assinalado pela estréia, na quarta-feira, 12 do corrente, da peça dramática "Já é manhã no

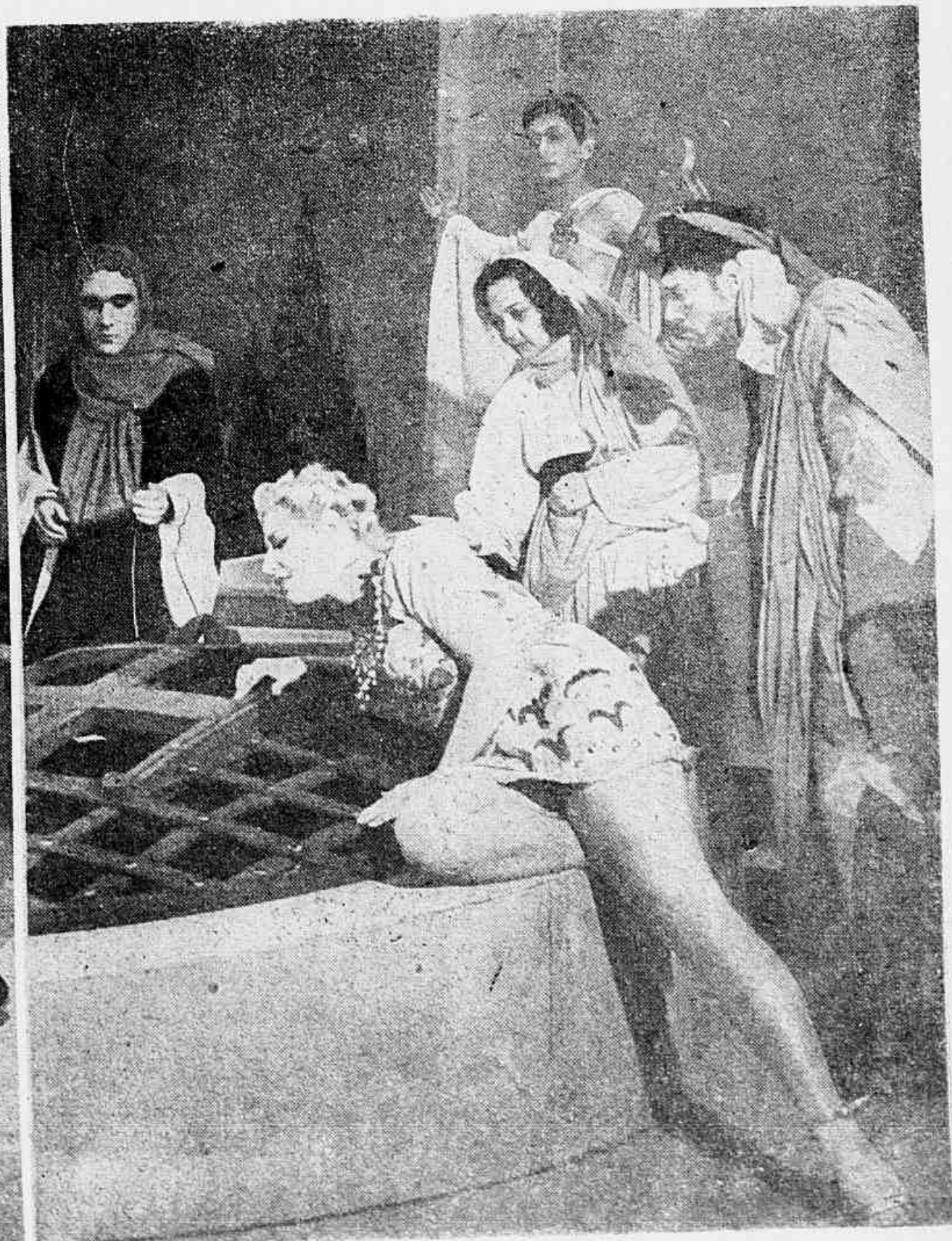
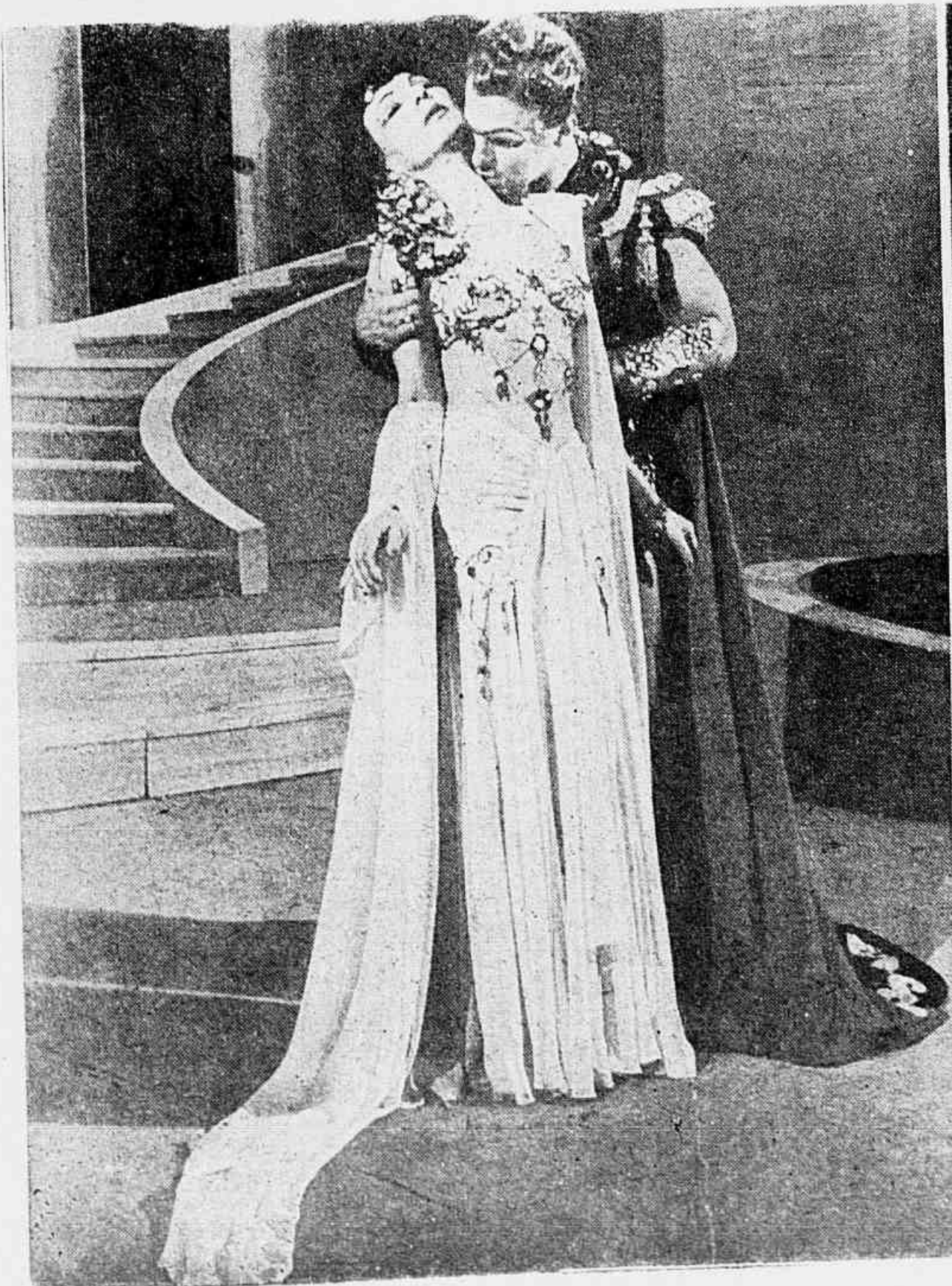
A ENCENAÇÃO, NO MUNICIPAL, DE "JÁ É MANHÃ NO MAR...", DA ESCRITORA MARIA JACINTHA

"Já é manhã no mar...", de Maria Jacintho, escritora Laureada pela Academia

Brasileira de Letras em um dos seus concursos literários anuais.

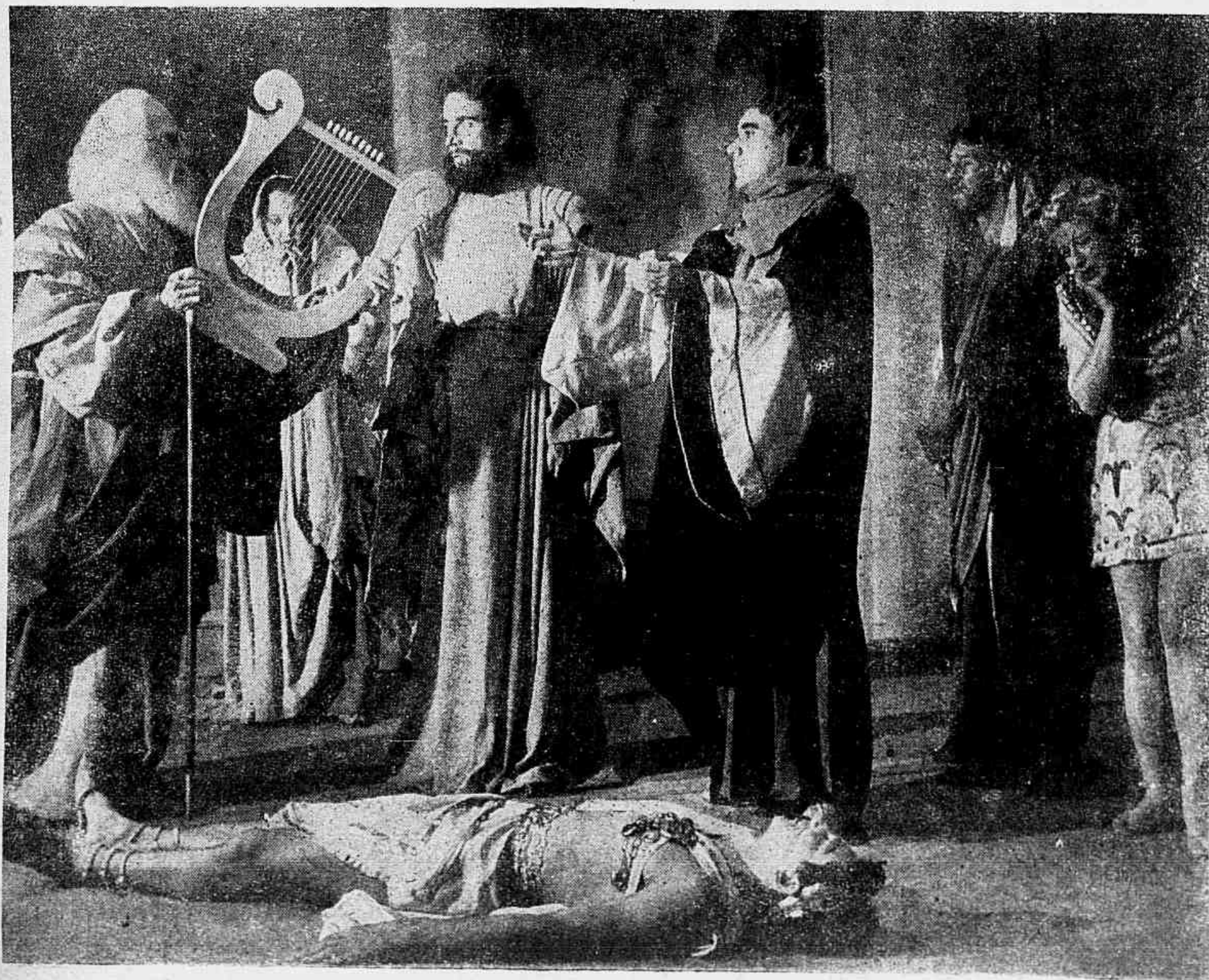
A referida peça foi apresentada no Municipal, pelo Teatro de Arte do Rio de Janeiro, de que Dulcina, Maria Jacintho e Oswaldo Mota são os fundadores.

Em baixo, à esquerda: O guerreiro (Jardel Jercolis Filho) num momento em que deixa transparecer toda a sua paixão pela Princesa (Dulcina). À direita: personagens, representando o povo choram a prisão do filósofo, que está encarcerado no fundo do poço. Aparecem na foto: Mara Rubia, Wanda Marchetti, Luis Delfino, Pedro Veiga e Felipe Wagner.





Em cima: O guerreiro (Jardel Jercolis Filho), exaltado com a placidez do prisioneiro, investe contra ele para matá-lo. O poeta (Felipe Wagner) interpõe-se e leva a estocada que estava dirigida para o filósofo.



Vivendo o papel de Salomé, nessa dramatização nova do famoso episódio, Dulcina teve a colaboração de um grupo de artistas de relêvo, entre os quais Odilon Azevedo, Ribeiro Fortes, Jardel Filho, Luís Delfino, Pedra Vergara, Felipe Wagner, Aurora Aboim, Wanda Marchetti, Mara Rúbia e outros. Com uma bela montagem e uma excelente interpretação, o novo espetáculo de Dulcina está à altura do anterior, "A Filha de Iorio", com o qual foi inaugurada a atual temporada, que se encerrará com a encenação da terceira e última peça, "O As de Ouros", de Cecília Meirelles, dentro de mais alguns dias.



Morto o poeta, o velho (Paulo Moreno), que representa a sabedoria, faz a entrega do símbolo da poesia ao povo (Pedro Velga), para que este conserve imortal a poesia. Aparecem ainda na foto: Odilon, Wanda Marchetti, Mara Rúbia e Luís Delfino.



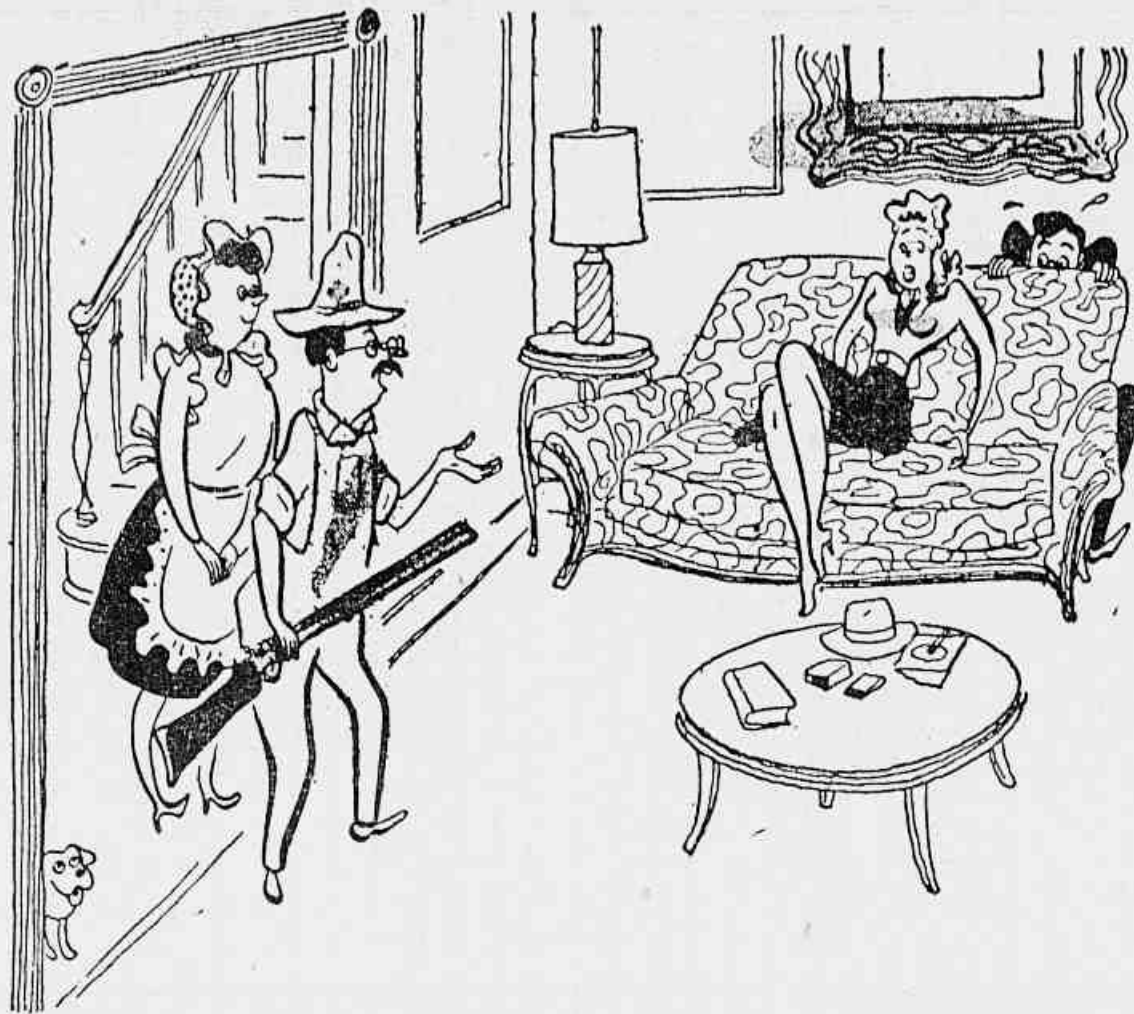
Em cima, à esquerda: Dentro de um cenário maravilhoso, de responsabilidade de Oswaldo Motta, Mario Conde e Luciano Trigo, desce a Princesa as escadarias do Palácio para se distrair com as canções do seu poeta. A direita: outra tentativa da Princesa para conquistar a alma e o amor do prisioneiro.

A encenação de "Já é manhã no mar...", pelas dificuldades oferecidas pela peça, como pelo seu alto custo e pelo número de personagens, representou mais um esforço digno de nota do Teatro de Arte do Rio de Janeiro. Os cenários, de concepção moderna, foram desenhados por Oswaldo Motta e executados por Luciano Trigo, com a colaboração de Mário Conde. Os figurinos foram desenhados por Oswaldo Motta e executados por Iracema, há longo tempo associada às realizações de Dulcina. Em síntese: foi mais um belo espetáculo, calorosamente aplaudido pelo público.

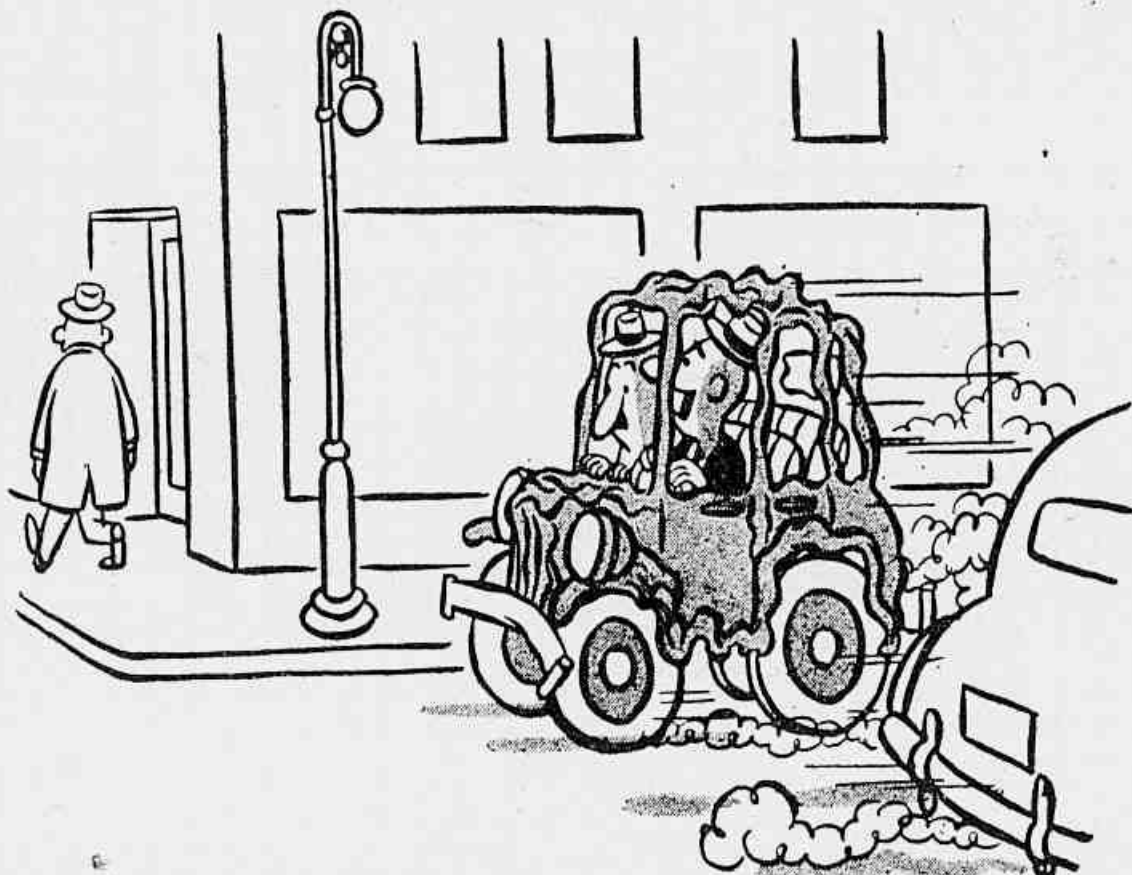


Uma cena de grande emoção na qual intervêm o Rei (Ribeiro Fortes), a Rainha (Aurora Abolin), o guerreiro (Jardel Jercollis Filho) e a enigmática Princesa (Dulcina).





— Vim apenas para dar boa noite. Nós vamos a um baile de carnaval...

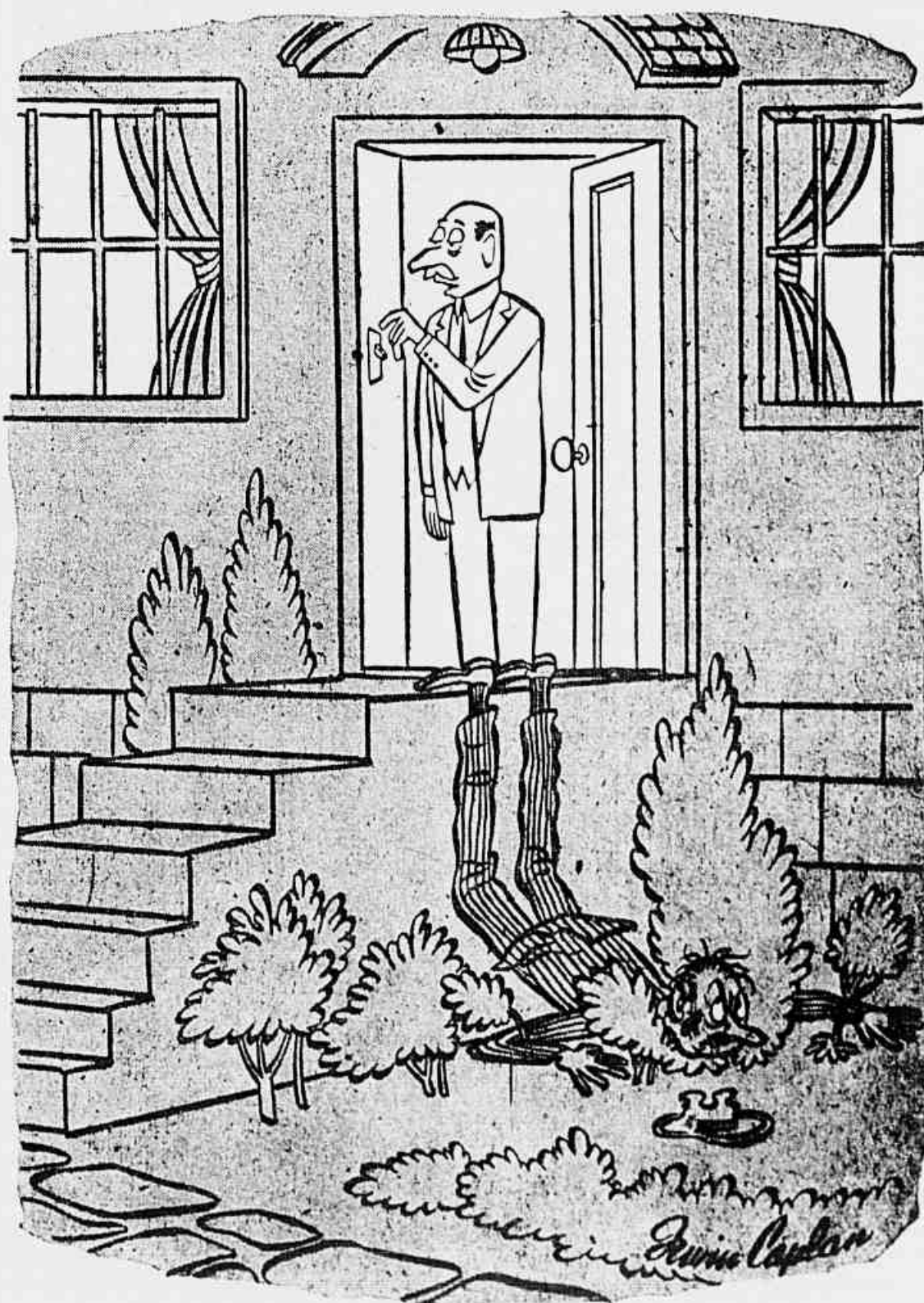


— Ainda bem que isso aconteceu... Prefiro os carros pequenos.

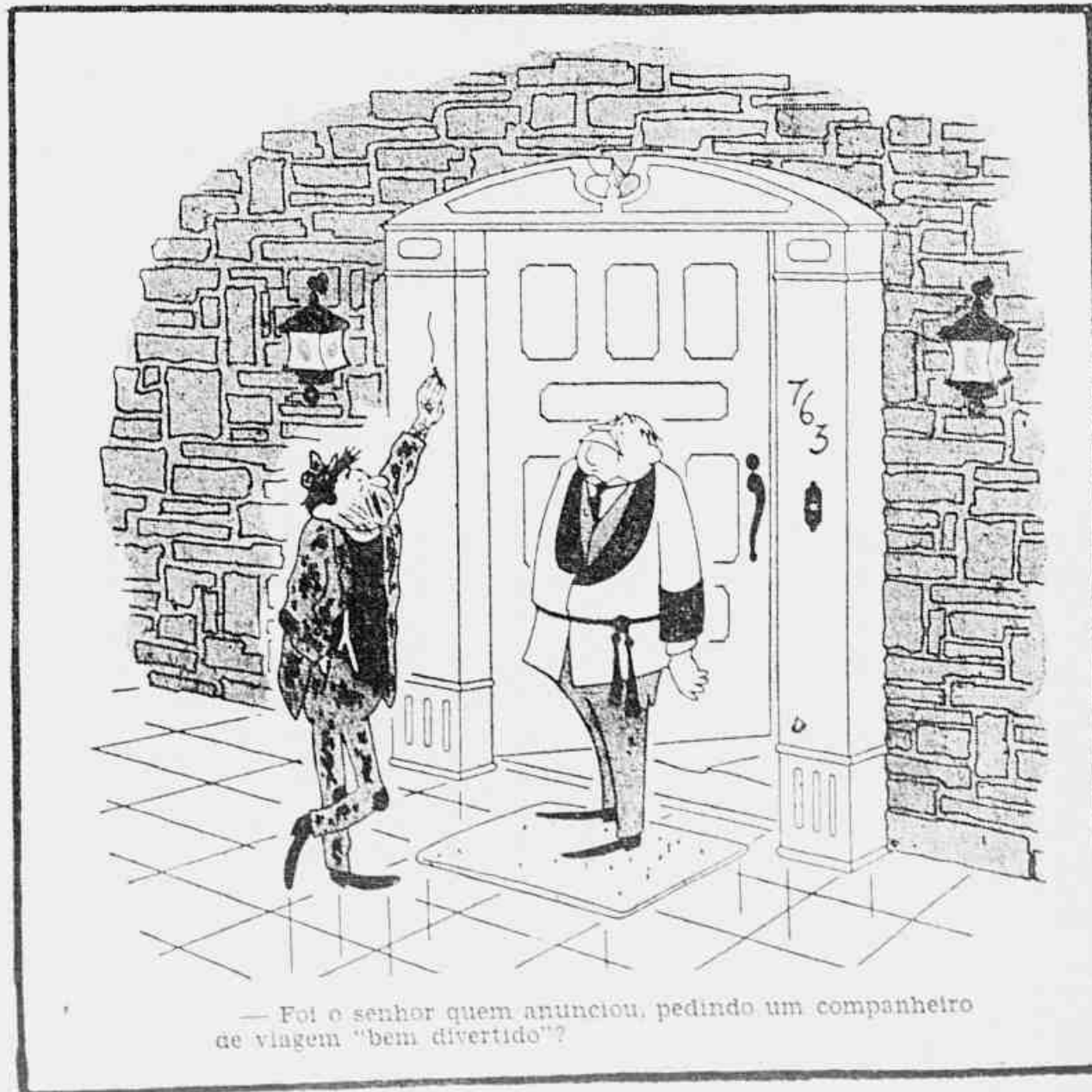
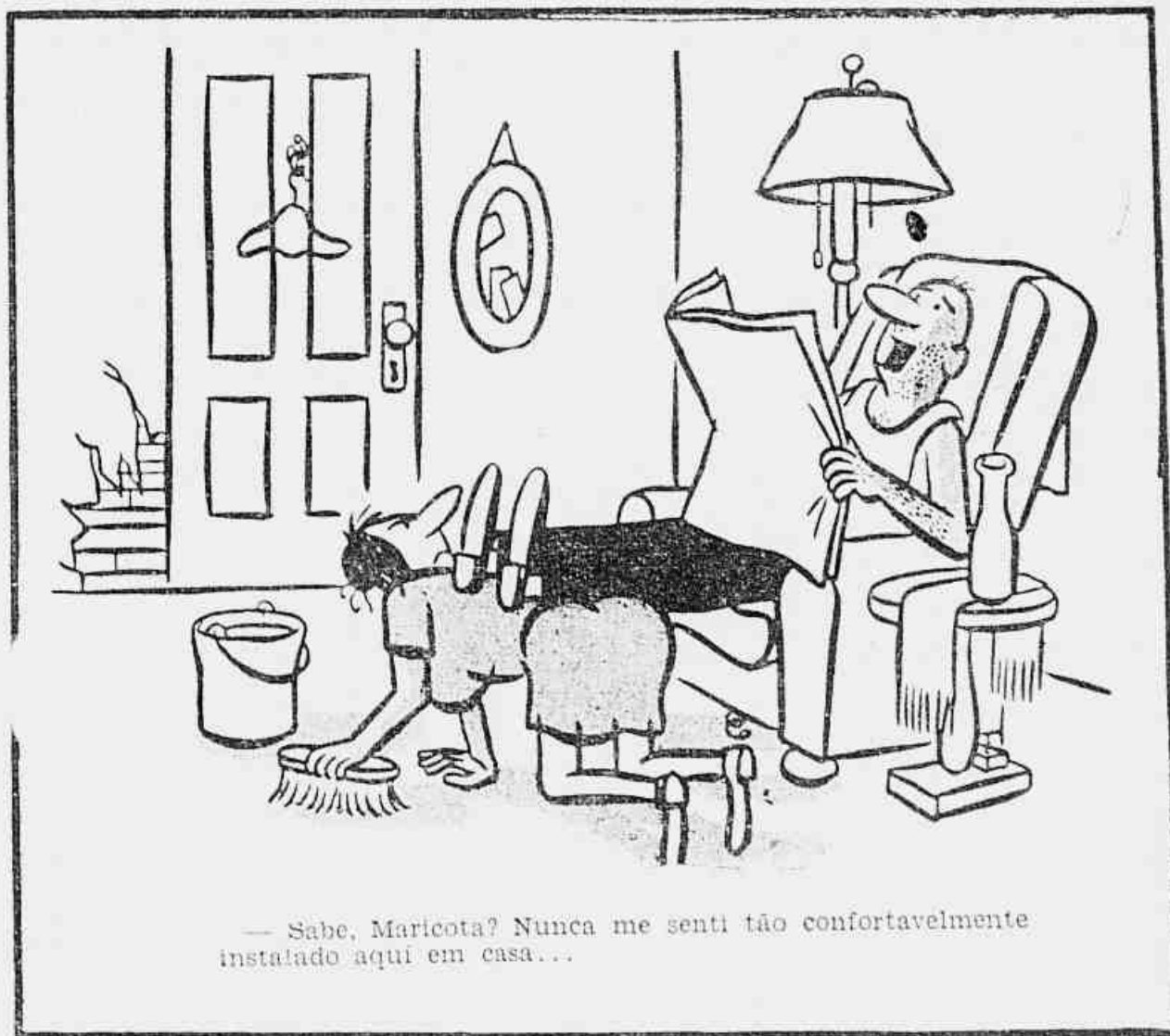


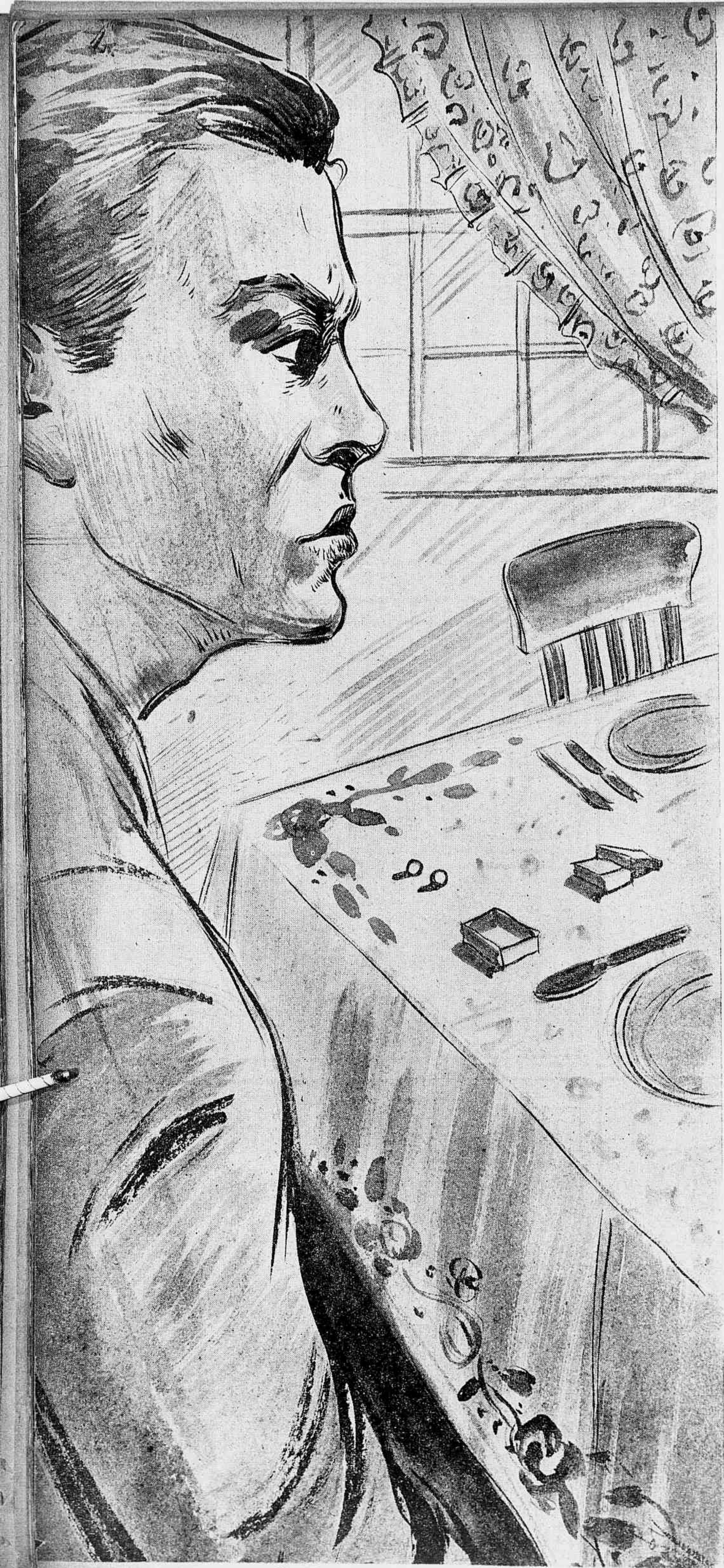
— Bem... Agora se aproximem um pouco mais uns dos outros e sorriam!

BOM HUMOR



— Espere um pouco Ed! Eu já vou iluminar a fachada para você encontrar o caminho!





TARCISO levantou-se sem fazer ruído.

Malú dormia, um sono calmo, ainda mais bela no desalinho dos seus cabelos de um castanho dourado.

Ele saiu do quarto, pé ante pé, evitando acordá-la. Faziam, naquele dia, cinco anos de casados. E eram felicíssimos.

Depois de vestido, Tarciso olhou amorosamente a figura deliciosa da esposa e desceu. Tomou o café rapidamente e saiu para o escritório.

Na rua, enquanto esperava o ônibus, ficou sorrindo. Lembrou-se, sem saber por que, da amarga profecia que lhe fizera o Laudo, seu colega no Ginácio e na Faculdade:

— “Você, Tarciso, há de ser como eu: — um eterno infeliz!”.

Aquela profecia falhara, graças a Deus. Do Laudo, há muito que não tinha notícias. E quem sabe se o Laudo também não estaria muito feliz?

Em pé, no ônibus, Tarciso ia pensando no presente que daria a Malú. Ela não se agradava de presentes caros. Era tão simples! E todo ano, pelo Natal, no aniversário dela e no de casamento, era uma luta, para ele, a escolha do presente. Por ela, bastaria um ramo de flores. Mais nada.

Antes de subir ao escritório, ele passou pela casa de flores e encomendou dois belíssimos ramos, um para a hora do almoço e outro para o jantar.

★

— Bom dia, doutor Mendes.

— Bom dia, dona Helena.

— Já desmarquei as consultas marcadas para hoje. Quase que não encontrei o seu bilhete...

— Mas ficou tão visível, sobre a mesa!

— Ficou, até que o vento o carregasse. Encontrei-o ali, junto àquela poltrona.

— Ainda bem.

A moça ia sair quando Tarciso lembrou:

— Ouça, dona Helena! Não estou para ninguém.

— Perfeitamente, doutor Mendes. E a correspondência?

— Traga-a, assim que chegue o correio.

★

Depois que ficou só, Tarciso Mendes sentou-se junto à secretária coberta de papéis. Mas, em vez de se dispôr a trabalhar, pôs-se a examinar o arquivo da memória, sempre muito mais em ordem do que a sua mesa de trabalho.

Mais uma vez, voltou-lhe ao pensamento o amargo presságio do seu antigo colega:

— “Você, Tarciso, há de ser como eu: — um eterno infeliz!”.

Pobre Laudo! Que seria feito dele?

Eram como irmãos. Desde o curso ginasial se fizeram amigos inseparáveis. Fizeram juntos o curso de Direito, sempre com as mesmas notas. Depois de formados, tomaram rumos diferentes. Laudo escreveu-lhe três cartas, nas quais pouco dizia. Na última, muito lacônica, anunciava que ia se aventurar lá por Goiás. Prometia mandar o endereço. Mas nunca o fez.

De oito anos para cá, Tarciso não sabia o que era feito do seu amigo. Chegara mesmo a esquecê-lo por muito tempo. E naquela manhã recordara-se dele... Por que? Quem sabe se por sentir-se muito feliz.

Se Laudo estivesse presente, — pensava Tarciso — teria eu me casado com Malú? Laudo era tão difícil de contentar-se em relação às mulheres! Tinha a mania de verificar a “raça”, como dizia sempre:

— “Mulher precisa ter ‘raça’, Tarciso! Mulher é como cavalo de corridas... A gente precisa saber quem foram seus avós e tetra-avós!”

Engraçado!

Na felicidade em que vivia, Tarciso não se importara de saber quem foram os pais de Malú. Nunca se interessou por detalhes do seu passado. Evitou mesmo que tal acontecesse, quando uma vez, logo que se encontraram, ela lhe quis contar a “sua história”. Para que? Gostava dela. Isso era o bastante. Quanto ao seu passado, — dissera — não importava. Não podia ter um passado negro, um anjo com uns olhos tão doces! Era u’a mulher bonita, que se perdera. O motivo, não interessava saber. Ela era a criatura com a qual ele sempre havia sonhado. Não lhe custava, pois, para ser feliz, fazê-la subir até ele.

★

Fazia exatamente cinco anos que se haviam casado, depois de terem vivido quase um ano em comum. Nunca ele se arrependera. Ao contrário. Sentia-se feliz, muito feliz e abençoava sempre a inspiração que tivera ao propôr casamento a Malú:

— Escute, meu bem! Você gosta mesmo de mim, não gosta?

— Se eu gosto de você, Tarciso? Que pergunta tola!

— Você seria capaz de me dar uma prova desse amor?

— Que dúvida, Tarciso!

— Então escute, meu bem! Se você gosta mesmo de mim, como diz, e como eu creio, porque não se casa comigo?

— Eu não devo, Tarciso, pelo meu passado...

— Chut! — interrompeu ele.

Houve um longo silêncio.

Malú tinha os olhos cheios de lágrimas e ele tomou-lhe as mãos:

— Já proibí você, Malú, de falar no passado. Eu não quero saber daquilo que você viveu, antes de mim.

PERFEITAMENTE IGUAIS

A vida, só merece registro, quando se é feliz. Não seja bobinha, ouviu?

Corrindo entre lágrimas, Malú murmurou:

— Mas eu tenho tanto medo!

— Medo de que? Medo de ser feliz? Bobinha!

Estreitando-a ao peito, Tarciso embalou-a com as suas palavras:

— A gente não deve ter medo da felicidade, Malú! A vida nos oferece tanto de bom quanto de mau. Às vezes, a fase má chega quando nos encontramos mais cheios de sonhos. E por isso, havíamos de deixar de gostar a fase boa, se ela viesse depois? Não, bobinha! Nunca é tarde para a felicidade. E quando se sofre — como parece que aconteceu com você — não se deve prender toda a vida futura a esse sofrimento. Eu nunca quis saber da sua vida. E continuo pensando do mesmo modo. Não quero saber. Porque, para mim, a sua vida começou no dia em que nos conhecemos. Compreendeu?

— Mas... deixe-me contar-lhe uma coisa...

— Chut! Nem meio más. Não quero saber de nada, já disse.

Malú aconchegou-se ainda mais a peito dele e ficou silenciosa durante muito tempo.

Depois, quando ele perguntou outra vez se ela se casava, Malú concordou.

— Está bem, Tarciso. Caso-me com você. Mas...

— Nem meio más, meu bem! É um casamento incondicional.

★

Fazia exatamente cinco anos que eles se haviam casado. Cinco anos vividos na santa paz do Senhor. Ela jamais aludiu ao passado. Ele nunca se interessou por conhecê-lo.

Tarciso estava acendendo um cigarro quando a secretária entrou com a correspondência.

— É Tarciso, o doutor Mendes. É um registrado com valor.

Depois de assinar o recibo, Tarciso ficou olhando com curiosidade aquele pacotinho. De certo seria amostra de alguma coisa.

Aberto o embrulho, viu que se tratava de uma caixa de sabonetes baratos. Dentro, havia uma carta e uma caixinha.

Reconhecendo a letra de Laudo, Tarciso despediu a secretária:

— Pode ir, dona Helena. Se eu precisar da senhora, chamarei.

A carta vinha de:

"Anápolis, 27 de Junho de 1945

Meu caríssimo Tarciso,

As coisas que o mundo dá! Tantos anos que vivemos juntos, feito irmãos que somos, e tantos outros à distância, sem que notícias nos cheguem, de modo algum. Culpa maior me cabe a mim. Foi eu o que levtei sumido. A idéia que tive de me atirar por este Goiás a dentro é uma das pequeninas razões do meu silêncio. A outra, a maior... Depois falei a esse respeito. Tive medo. — lambra-se? — quando nos formamos, de tentar a sorte nessa São Paulo. Achava, pelo meu temperamento, que me seria mais fácil vencer no interior, onde a concorrência é sempre menor. E interior por interior, escolhi logo o mais distante. Quando cheguei a Anápolis, depois de uma viagem cheia de peripécias, tive a impressão de que acabaria dono da cidade. Lugar quieto, sossegado, muito ao meu gosto. Um hotel modesto mas limpo e de mesa farta e sadia. Engraçado! Eis-me a divagar, como nos tempos de estudante, quando nos separa anos, pelas férias. Naquele tempo, eu lhe contava, em cartas quilométricas, o nome, o jeito e o cheiro das namoradas que arranjava. E tinha sempre muito sorte em namoros. Lembra-se? Naquele tempo, eu não arallava o prestígio que teem os moços estudantes nas cidades estranhas. E levava os meus sucessos amorosos à conta de sedução pessoal. Nunca lhe disse isso, mas tinha a convicção íntima de que conquistaria a mulher que eu quisesse. Um dia eu lhe disse uma coisa. Disse-lhe que você havia de ser, como eu, um eterno infeliz... Mas pelo bem que lhe quero, afirmo agora que, sentindo-me, como me sentia aquele tempo, completamente feliz, não lhe desejava senão uma sorte como a que eu tinha, que era muito bom. Pois é isso, meu caríssimo Tarciso! Foi com a minha chegada a Anápolis, naquela fuga à concorrência, que a minha vida mudou tanto, a ponto de eu quebrar a nossa correspondência e, com ela, todo o contacto com o que chamava o meu mundo exterior. Hoje, — e lá se vão longos anos — não pude deixar de atender à vontade que me veio de lhe dar uma palavra, a minha última palavra. Há dias, caiu-me às mãos, por acaso, um número do "Diário de São Paulo". E eu, que nunca mais tive vontade de ler as

notícias daí, passei os olhos numa página de anúncios classificados e nela encontrei a direção do seu escritório de advogado. Você nunca imaginaria isso, mas já não somos colegas. Abandonei a profissão, quando, numa crise sentimental aguda e irresistível, abandonei tudo, até o respeito por mim próprio. E preciso que eu lhe conte aquilo que só a você eu poderia contar. Não quero, antes que a grande paz faça-me esquecer de todo o grande mal que é a minha vida, deixar de arrancar do coração, com esta confidência feita "in-extremis", este veneno que não conseguia me matar. Esta carta, que lhe vai chegar às mãos depois de tantos anos de silêncio, é bem o meu testamento. Com ela, quero transmitir a você, amigo de todos os tempos, os dois únicos bens que ainda possuo: — a minha amizade, inalterada e uma pérola, triste remanescência de um par absolutamente igual. Com a minha história, que você encontrará junto a esta carta, encontra-se também a história desta pérola. Receba-as. A ninguém mais, se não a você, eu poderia confiá-las. Não posso imaginar a reação que lhe provocará esta carta. Saiba que é a última que escrevo e que depois de escrevê-la, mesmo que me sobrasse alguma força, não a usaria a não ser em favor da grande vontade que tenho de dormir para sempre, para esquecer. Estou, Tarciso, no fim de uma vida que foi completamente inútil. O médico que me trata, vem testemunhando a minha ruína física, sem suspeitar, ao de leve que fosse, da ruína moral que já anulou, de há muito, essa força que se chama vontade de viver. Conversáramos, sempre, sobre a marcha da moléstia. Ele sabe muito bem que não prezo a vida e que não temo a morte. E contamos, os dois, com cada dia que passa, o prazo que ainda me resta e que agora já está no fim. Estou muito cansado já. Os dias que levei fazendo esta carta, só eu sei o que me custaram de esforço contra a fraqueza extrema que se apoderou de mim. Ainda bem que me restaram forças para dizer-lhe esta palavra de despedida e para confiar-lhe, no momento extremo, tudo o que restou daquele moço esperançoso... — o meu drama e uma pérola que ficou sôzinha, viúva de uma outra perfeitamente igual, que deve andar por esse mundo afora, com a mulher que me cobrou por uma felicidade mentirosa, tudo o que eu tinha de bom. Vai-se fazendo tarde, Tarciso. Aquela que enxuga todas as lágrimas, que aplaca todas as dores e suaviza todos os cansaços, já põem tons violáceos nas minhas unhas... Sentí quando ela chegou, ainda há poucos minutos. E o tempo que me sobra é o suficiente para terminar esta carta e juntar a ela a minha história e a pérola que lhe destinei. Adeus, Tarciso, meu amigo e meu irmão. Tenho pronta a caixa que há de conter a minha derradeira oferenda e tudo dispus para que ela lhe chegue às mãos. Receba, com o meu último abraço, o último pensamento de quem foi, nesta vida, mais que seu amigo e mais que seu irmão. — Laudo."

★

Os olhos marejados de lágrimas, Tarciso ficou longo tempo entregue ao sofrimento que lhe trouxeram aquelas palavras do amigo dileto, do companheiro quase esquecido. E naquele momento, frente à revelação inesperada de um infortúnio ainda desconhecido, Tarciso abençoou, do fundo da alma, o momento em que o destino colocara Malú no seu caminho.

E foi com as mãos trêmulas que ele abriu a caixinha que guardava uma pérola lindíssima.

Estava resolvido, — pensou — o problema do presente para Malú. Aquela pérola, viera do seu amigo do coração e iria para a mulher que o fazia feliz.

A lembrança de Malú acalmou um pouco o amargor provocado pela carta do amigo que àquela hora já deveria ter morrido.

O telefone tocou.

— Alô! Ah! E' você, meu bem? Por que? Ora! Você estava dormindo! Eu também estou com muitas saudades. Se eu estou triste? Não! Deve ser culpa do telefone. Está achando mesmo a minha voz triste? Engana-se. Eu não poderia estar triste no quinto aniversário do nosso casamento! Como é? Ah! Você já resolveu sobre o presente que vai me dar? Pois eu também. Já o tenho aqui, sobre a mesa. Não! Quero fazer-lhe uma surpresa. Não. Não contarei. Como? Está bem. Vou ver se chego um pouco mais cedo. Até logo, meu bem. Outro para você..."

Quando depôs o fone, Tarciso ficou olhando para a pérola. Era a mais linda que tinha visto até então. Malú haveria de gostar. Fechou a caixinha e ia pô-la no bolso quando notou umas folhas de papel já amarelas pelo tempo. Devia ser a história do Laudo. Pensou em

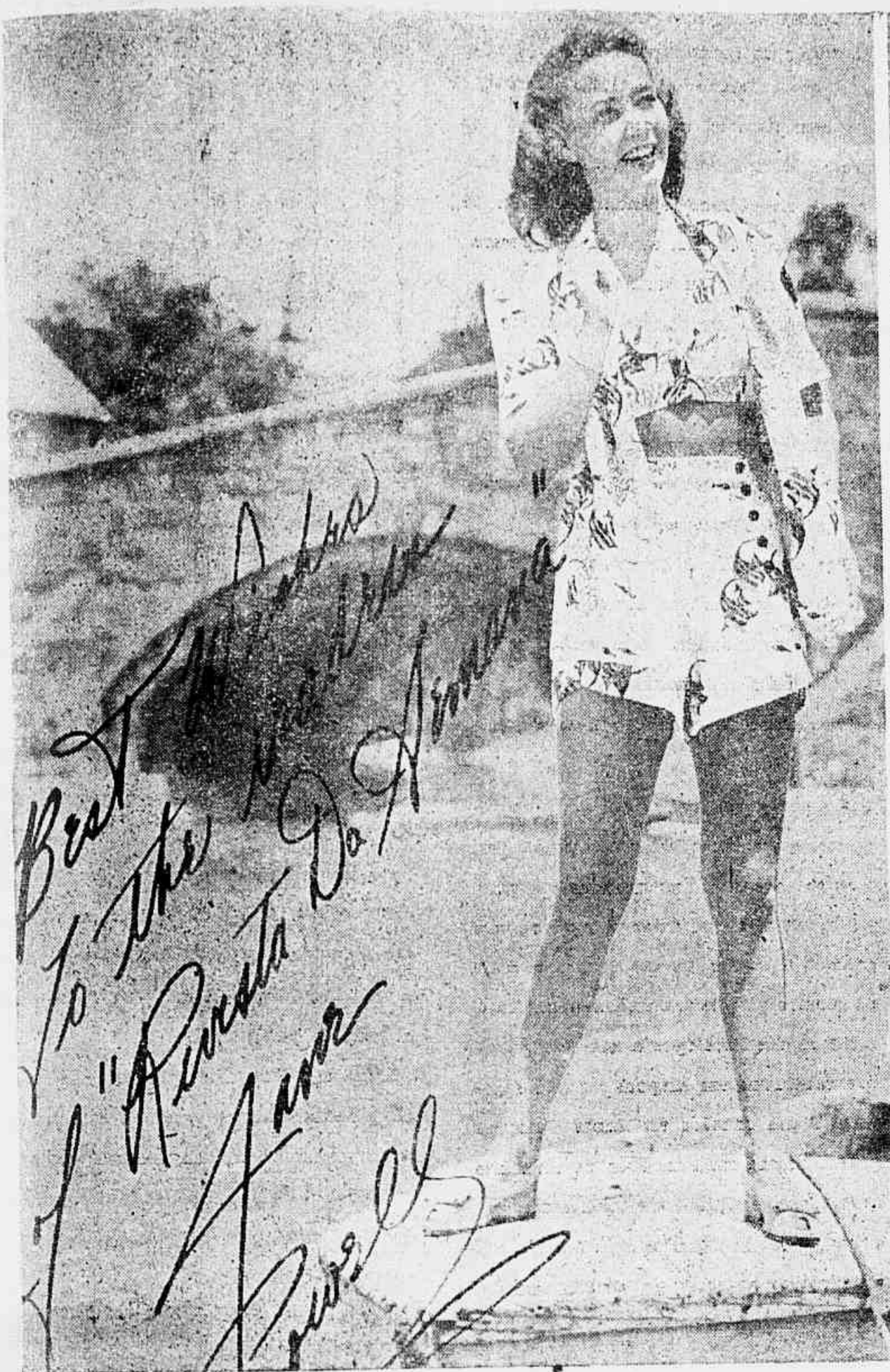
(Cont. na pág. 48)

Conto de **AGNELLO MACEDO** ★
ESPECIAL PARA "REVISTA DA SEMANA"

Ilustração de **A. ZALUAR**







Em cima: Jane Powell, — Suzanne Bruce até bem pouco tempo, — numa foto dedicada a "REVISTA DA SEMANA" e em outro flagrante com seu cão favorito.

JANE POWELL, A NOVA REVELAÇÃO DE HOLLYWOOD

A ENCANTADORA ADOLESCENTE QUE O PÚBLICO BRASILEIRO CONHECEU EM "ROMANCE NO MÉXICO" FALA A "REVISTA DA SEMANA" EM HOLLYWOOD — UM METRO E MEIO DE ALTURA E QUARENTA E TRÊS QUILOS DE PESO QUE VALEM OURO.

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de "A CENA" e "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood).

HOLLYWOOD, novembro — Jane Powell começou a atuar com um ano e cinco meses de idade. Sete anos depois estava cantando num programa infantil radiofônico. Mas só começou a tomar lições de canto aos onze anos.

A professora, percebendo imediatamente a qualidade da sua voz, tratou de fazê-la estudar bastante. Pouco depois, esta mesma professora apresentou-a ao diretor de uma estação de rádio de Portland, Oregon, cidade natal de Jane. O homem gostou imensamente da voz dela. Resultado: Jane passou a fazer um programa semanal, exclusivamente seu, e um ano depois era uma das mais populares artistas de rádio da cidade.

Mas vamos às palavras de Jane Powell, essa encantadora pequena que, depois de aparecer com tanto destaque em "Romance no México" com Walter Pidgeon e Ilene Massey, e em "The Birds and the Bess", com Jeanette MacDonald e José Iturbi, filma agora "Luxury Liner", com George Brent, Lauritz Melchior e Tommy Breen.

— Então nós fomos a Los Angeles eu, minha mãe e papai, para três semanas de férias. Tudo o que eu queria era

(Cont. na pág. 52)

Na página à esquerda: uma nova foto de Jane Powell que ora está filmando "Luxury Liner", com George Brent e Lauritz Melchior. Nesta página, à direita: a encantadora "estrellinha" de "Romance no México", ao lado de Luís Serrano, nosso correspondente especial em Hollywood.



A transmigração real lusitana para o Brasil em 1803, é desemparralhada uma "fuga", para outros uma "fuga", para outros muitos até muitos até vergonhosa, pelos que não se acham na altura de avaliar sucessos históricos, e sobretudo, as consequências dos mesmos na vida das nações.

Em História cumpre enxergar acontecimentos alguns palmos além do apêndice nasal.

A chegada do Príncipe Regente D. João ao Brasil foi para este verdadeiro desembarcar de "novidades" na transformação de uma colônia em reino de refúgio à espera do último lance de dados da fortuna de Napoleão e da sua última partida de guerra em Waterloo, jogada contra Wellington.

O desembarque da primeira "novidade" recebeu-o a Bahia com a abertura dos nossos portos ao comércio de nações estrangeiras e no momento só aproveitando à Inglaterra posta por Napoleão, aos poucos, fora do convívio de uma Europa avassalada até chegar à cinta comercial do bloqueio continental.

Coube ao nosso querido Rio de Janeiro o maior desembarque de "novidades" de Março de 1808 em diante. Entre as "novidades" figurou o estabelecimento da imprensa no Brasil, esta sem muito tardar, tomando alto voo para a liberdade de pensamento e seus amplos horizontes.

No ir dos tempos — e como às vezes correm — a imprensa no Brasil ficou sendo uma potência a enfrentar até o Estado por muito que este, às boas ou não, combatesse a imprensa nem sempre de viseira erguida.

Não faltaram jornais ao Primeiro Reinado, entre eles de inapagável memória a Aurora Fluminense.

A Regência viu multiplicarem-se as gazetas. Para bem inteirar-se de tal é sempre aconselhável ler a história da imprensa na Regência, e também no começo do Segundo Reinado, devida à escurpulsosa pena do professor Hélio Viana.

Dirão vindouros da imprensa do regime republicano, do seu grau de influência nos destinos da nação. Tomando a imprensa em globo é talvez possível considerá-la dividida em grandes jornais, em pequenos jornais e jornalecos, lembrando depressa o que infelizmente em matéria de imprensa se chama pasquin. Um, o Corsário, manchou de crime e sangue uma página de história os últimos dias do Império, o responsável pela folha pagando com a vida própria quanto de jato ou de arrojo atirava sobre a vida alheia, sem poupar nem os mais altos representantes da dignidade nacional. Cumpre dizer que atrás de Apulco de Castro, o folclórico atrevido, se ocultavam as penas de gente boa e responsabilidade social, na hora do perigo ficando a cargo de Apulco todas as culpas jornalísticas. Fora da zoologia é bem expressivo na sociedade o bode expiatório.

Nem atoa mandavam para o deserto, na festa das expiações, o pobre animal bem carregado das iniquidades de um povo inteiro.

O jornaleco ou a gazeta efêmera é a arma da qual costumam servir-se as paixões partidárias para o zurzir com ou sem razão tudo quanto faz o adversário,

o pendor satírico brasileiro se prestando à feição do jornal oposicionista.

Com os mais variados títulos, mormente depreciativos, medrou o jornaleco no Brasil antigo. Viçou a gosto principalmente no período regencial tão cheio de afrontosas alcunhas atribuídas a pessoas do mais alto grau social.

Na escolha de títulos o jornaleco de outrora tanto dava preferência ao Barco dos Traficantes como ao Sino dos Barbadinhos sem muita explicação da companhia de traficantes e dos filhos menores de S. Francisco de Assis.

Por sua condição de capital do Brasil foi o Rio de Janeiro, como é, o vuicão da política nacional sem embargo dos vulcãozinhos espalhados por todo o território nacional e em contínua atividade.

Nas províncias do Império as lutas políticas eram travadas, da Regência em diante, só entre dois grandes partidos, o liberal e o conservador, embora nos grêmios houvesse divisão de grupos mais ou menos pitorescamente denominados, a facção dos lisos oposta, por exemplo, à dos cabeludos em Alagoas ou a dos judeus à dos cristãos em Santa Catarina e nem vamos mais indagar de alcunhas partidárias do Brasil eleitoral afora onde as urnas só durante três lustros foram postas ao canto, o eleitor tornado no país um ente místico.

No Império e até certa altura da República multiplicaram-se as eleições boas ou más, fraudadas ou não, na Capital Federal, chegando a votar gente que já tinha certidão de óbito em vez de carteira eleitoral.

No intervalo de eleições na época do

GEMER DE PRÉLOS

ESCRAGNOLLE DORIA

Império, a imprensa encavregava-se de manter o fogo político, os jornais cariocas com mais elevação, os jornais provincianos mais propensos a azedumes e retaliações quanto a discussões partidárias.

Isto quanto à política, porque na imprensa da Corte, isto é, do Rio de Janeiro e na provinciana se não distinguem jornais ricos de boa colaboração literária e de informações hoje preciosas a quem coloca o Brasil em frente ao espelho do seu passado.

Dizia-se outrora de qualquer publicação apenas dada à estampa que havia feito "gemer os prelos", sempre "gemendo" no Rio de Janeiro desde o primeiro "gemido" da Imprensa Regia escravizada ao elemento oficial.

Gemiam os prelos também para pôr à solta uma porção de jornaisinhos de ocasião usando à larga do anonimato, estampando caricaturas raramente de bons lapís.

Faltariam leitores a jornais que de modo algum mereciam um tal nome de infima qualidade? Não, e a prova estava na sua proliferação. Sob os mais variados títulos às vezes já de si ofensivos.

Seja escolhido para exemplo de título sem veneno um jornaleco do ano de 1862 publicado na Bahia e cujo cabeçalho vai reproduzido no presente artigo.

Ao celebrar-se o primeiro centenário da imprensa no Brasil, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro intentou formar catálogo de jornais publicados no Brasil. A tentativa ficou em meio quando prosseguia com êxito, ainda assim entregando a estudiosos no, já feito, excelente regozijo de informações.

Outra instituição benemérita, o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, levou a cabo ótimo catálogo de jornais paulistas.

Em ambos os catálogos verifica-se a menção de grandes e pequenos jornais de toda ordem e desde a gazeta centenária até hoje pondo a "gemer os prelos" até a gazeta de poucos dias que lhes arrancou apenas alguns breves giros de máquinas.

"O DIABO" (Bahia, 1862) Exemplar de um dos numerosos pequenos jornais satíricos circulantes no Brasil em grande parte do século XIX. Reprodução do cabeçalho da folha venéfica.

O DIABO.

N. 5.—1862.

Publica-se indeterminadamente na typ. de Antonio Olavo da França Guerra, onde recebem-se mil reis por serie de 10 numeros. Pagamento adiantado.

Quinta-feira 6 de



Serie 1.

As correspondencias de interesse geral, venham ou não de assignantes, serão gratis. Todas as outras—à tratar na mesma typographia. Folha avulsa 160 rs.

Fevereiro de 1862.



LIDIA Bastiani, essa lourinha insinuante que sabe interpretar como ninguém as bonitas melodias de nosso folclore, nasceu no Distrito Federal. Apesar de sua pouca idade, é um nome conceituado no "Broadcasting" carioca, figurando no "cast" da Rádio Nacional, como sua artista exclusiva. Cantora e violonista, cedo revelou vocação para o microfone, embora os estudos a privassem desse contacto. Tão logo, porém, se viu em condições de participar de um programa radiofônico, voltou suas vistas para o rádio, vindo a ingressar na Jornal do Brasil. Contava, então, dezoito anos de idade. O gênero que preferiu foi o folclórico. Nessa estação manteve-se por algum tempo, obtendo extraordinário sucesso. Hoje, Lidia Bastiani figura na constelação PRE-8, atuando nos grandes "broadcasts" dessa popular emissora. Aliás, em "Nada além de dois minutos", programa que é irradiado todos os domingos, é comum ouvi-la cantando escolhidos números do seu variado repertório. Nas horas de folga, ela costuma lecionar violão, possuindo regular número de alunos. E agora, para aumentar sua popularidade, acaba de ser incluída no elenco do filme "Mãe", extraído da novela de Ghilaroni. Lidia Bastiani conta vinte e três anos de idade, tendo nascido a dezenove de agosto de 1924. Fala com bastante desembaraço, é elegante e possui uma bonita cabeleira. Sua grande emoção artística foi quando se lhe ofereceu a oportunidade de cantar para a esposa do atual presidente, General Eurico Gaspar Dutra.

NELMA Costa não desmereceu a arte de seus pais, os atores Alvaro e Cora Costa. Criada no meio de figuras populares do teatro, cedo sua vocação pendeu para o palco, vindo a estreiar em companhia dos progenitores, com os quais excursionou pelo Norte do país. Sua permanência na companhia Jayme Costa prolongou-se por vários anos, até que melhor oportunidade se lhe ofereceu no elenco de Delorges Caminha, e em seguida, no rádio, em que vem se distinguindo bastante. Ultimamente, figura no conjunto de Tóto, ora no Glória. Se o teatro a tem entre suas figuras cristalizadas, no rádio já é bastante querida. Nelma Costa já trabalhou nas principais emissoras cariocas, vivendo "sketchs", tomando parte em cortinas e interpretando personagens em peças radio-teatrais. Atualmente, a jovial artista integra o "cast" da Rádio Tupi do Rio, ao lado de Cora Costa, Restier Junior, Paulo Gracindo, etc. Sua carreira artística iniciou-se no decorrer de 1937, quando, em gozo de férias na Escola Normal, fez um pequeno papel em "Assim não é pecado". Tão auspicioso foi o "debut", que acabou desistindo do diploma de professora para ser uma figura de realce no cenário rádio-teatral do país. Nelma Costa faz parte da diretoria da Casa dos Artistas e não poupa esforços para desempenhar o cargo. Sua grande ambição é organizar uma companhia de comédias, em que possa dar vazão a suas tendências artísticas. Fora do palco e do microfone, a insinuante estrela é francamente do "home, sweet home".

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

NO "cast" das emissoras oficiais, não raro figuram artistas de projeção. Opala Lebo Nascimento, pianista que ora abrilhanta os programas da Rádio Roquete Pinto, é um deles. Possuindo medalha de ouro da escola Nacional de Música, além de várias citações honrosas, sua carreira artística é das mais promissoras, tamanho o interesse que dedica à sua vocação. Aluna do professor Ernani Bastos, com o qual estudou durante nove anos, mais tarde veio a ingressar na Escola Nacional de Música, onde teve como mestra dona Eugênia Soares Melo. Nesse estabelecimento, não só desenvolveu seus estudos, como ainda veio a travar conhecimento com a platêia carioca, através de vários concertos. Foi por essa ocasião que realizou audições nas principais estações, recebendo os aplausos a que fazia jus. Mais tarde, acedendo a convite da Prefeitura, veio a ingressar na PRD-5, onde permanece até hoje. Opala Nascimento está realizando o curso de aperfeiçoamento com o professor Charley Lachmud e, recentemente, excursionou até o Rio Grande do Sul, dando concertos. Também emprestou seu concurso às realizações do Serviço de Recreação Popular, levando a efeito audições públicas que obtiveram êxito. Nesses concertos, a consagrada pianista executou números de seus músicos preferidos: — Liszt, Beethoven, Schubert, Villa Lobos, Francisco Mignone e outros. Nasceu em Niterói, e aos cinco anos já revelava sua vocação para a música. Seus programas na PRD-5 são às terças-feiras às 20 horas.

NO quadro de cantores populares da PRE-8, figura Black-out, cujo verdadeiro nome é Otávio Henrique de Oliveira. Começou no rádio paulista, através da famosa "Hora da peneira", mantida pela Cultura. Saiu-se bem pois possuía a "bossa" indispensável ao gênero que escolheu. Assim, não lhe foi difícil pertencer à Rádio Difusora, a qual trocou pela Bandeirante. Mais tarde, vindo ao Rio, ingressou no "cast" da Tamóia, para o que muito contribuiu Anselmo Domingos, então à frente da direção artística da PRB-7. Nesse mesmo período, foi contratado pelo Cassino Atlântico, passando a animar seus diversos "shows", até que o decreto extinguindo o jogo levou-o à rua da amargura. Entregue à própria sorte, Black-out passou a cantar em circos e clubes, com o que ia defendendo o pão de cada dia. Mas, de repente, a sorte voltou a sorrir-lhe. E' que a Rádio Nacional, por intermédio de Floriano Faissal contratou-o para o seu elenco. O astro "colored" passou então a aparecer em "Coisas do arco da velha", "Nada além de dois minutos", "Programa Cesar de Alencar" e outras tantas atrações da PRE-8. Nascido em São Paulo, a cinco de dezembro de 1923, seus grandes sucessos são "A portuguesa da minha rua", divertido samba-fado; "Carioca bonita", que ele escreveu em parceria com Zé Maria e "Co-ró-có-có, da néga", de Jaime Silva e Armando Pecanha. Ao contrário da maioria, Otávio Henrique de Oliveira não tem pose estudada nem procura bancar o "maloral". E' um artista que prima pela simplicidade.



AQUELA FLOR ESTRANHA

Pelo caminho havia um sussurro de vozes muito apagadas, muito tênues, como palavras finais num final de vida. Confissão, talvez adeus. Alma em preparo para extrema-uncão. Tudo leve e tudo pesado ao mesmo tempo.

Aquele cheiro que se desprendia dos pequenos carvalhos enfileirados, devia ser o substituto do incenso, nos turibulos verdes das folhas paradas. Nem a brisa passava.

Por que tanta quietude, se o endereço era exatamente aquele que me dera minha tia? E eu não me sentia preparada para aquele silêncio. Esperava encontrar um vozerio ensurdecido, gritos, palavras esparsas e incompreensíveis, cantorias, lamurias... Mas devia ser ali mesmo. Minha tia bem me chamara a atenção para o feitio da casa, muito grande, no fim de uma sombria alameda cercada de cedros tratados e cortados em feitio de pião. Era ali. Só podia ser ali. Casa branca de janelas largas, comprida, muito comprida, subindo sempre para acompanhar a elevação do terreno. Casa estranha como tudo o mais...

Estiquei o braço e levei o dedo indicador no botão da campainha. Esperei uns segundos, o suficiente para que à minha frente aparecesse uma simpática criatura de olhar vivo. Olhos tão verdes, verdes de impressionar. Olhou-me profundamente.

— Que deseja a senhora?

A minha voz veio por entre altos e baixos:

— Desejo uma informação... não sei, talvez esteja enganada, mas o endereço...

— Qual é o endereço?

E a moça se chegava mais para junto de mim e leu comigo. As nossas vozes saíram juntas como duas amigas em passeio. Ela sorriu depois, compreensivamente, e tomando o meu braço mandou-me entrar. E' aqui mesmo... interessante... não parece propriamente o que é, não é mesmo?

— Sim, respondi-lhe. Pensei até estar enganada quanto ao endereço.

— E' isso, de fato; é um pouco esquisito para as pessoas que veem aqui pela primeira vez. Quando se sai de casa para visitar um hospício, a gente espera encontrar tudo, menos silêncio. Não é verdade?

— Exato, eu fazia uma idéia bastante diferente.

— Vamos andando que eu lhe explicarei o motivo dessa sua surpresa. E' o seguinte: aqui o diretor mantém somente os doentes mansos, isto é, por assim dizer em linguagem vulgar. Cientificamente eles se denominam esquisofrênicos. São indivíduos que mesmo quando aparentavam saúde, antes de serem recolhidos à essa casa, sempre foram frios, concentrados, tristonhos. De modo que o diretor separou os doentes em duas

classes. Esses que temos aqui são somente os que não fazem barulho, sossegados, tristonhos, rezadores, etc.

Enquanto a moça alta de rosto oval e atraente ia me conquistando inteiramente com a sua voz pousada e firme, certa de que me dizia, eu olhava os lugares por onde íamos passando, e, de fato, fartava-me de ver a verdade em todas as suas palavras. O aspecto era todo de um verdadeiro convento. Tudo tristeza. Nada de hospício, nada de coisa de loucos. O próprio vestido da jovem era triste, de uma tristeza compenetrada, de uma tristeza convicta. Tecido azul desmaiado com miosotis espalhados a esmo. Por cima dele, apenas um avental cobrindo a frente, todo branco, engomado com apuro.

Eu que até então quase nada havia dito, comeci a perguntar. Íamos passando na ocasião por um caminho entre canteiros de grama que nos levaria ao parque, onde a moça me deixaria ver Maria Luíza. Enquanto isso, caminhava e pensava. Chegamos. Ali estava o parque. Dei mais uns passos e vi Maria Luíza. Vi também muitas mulheres diferentes, em idades diferentes.

Maria Luíza olhou-me. Quis chegar-me para beijá-la. Tirou a toalha branca da cabeça e cobriu o rosto.

— Tire a toalha do rosto, mandou a moça de avental.

Maria Luíza começou a chorar. Chorava baixinho, soluçava, falava sem sentido. Comecei a chorar também. Não pude falar porque a voz não queria sair. Maria Luíza correu e se escondeu atrás dos cedros. Teria dado tudo para não vê-la assim. Tão bonita, a mesma cabeça, os mesmos braços, cabelos claros e sedosos e aquela mesma expressão de dor nos olhos...

Tudo foi num relâmpago, como um filme passado às pressas. Os outros olhos verdes falsaram pela frente dos meus, ainda úmidos por Maria Luíza.

— Vamos, não chore. A senhora não devia ter vindo... nem todos são fortes. De fato, isso é a coisa mais triste do mundo! Tão menina... tão linda... Olhe, aqui, aliás, quase todas são mocinhas. Está vendo aquela que ali está com um livro, lendo indefinidamente e andando de cá para lá? Veio para aqui há três anos. Pensa que está na escola. Vive com o livro na mão. Os pais são muito ricos. Filha única. Bonita também, não acha?

Fui encarar a mocinha. — Bonita, de fato. A moça continuava:

— Aquelas tranças sou eu que faço todos os dias. Nem banho sabe tomar sozinho. Aquela que a senhora vê passar por ali é tão mansa que nunca fala. Pensa e faz gestos, apenas. Tem dezoltos anos. E' triste, sim. Mocidade perdida. Meninas mortas andando no parque — é sempre o que me vem à mente quando as encaro. Agora também já estou acostumada. Isto é, a gente nunca se acostuma

ma propriamente a essas coisas tristes, mas a continuação dos dias, uns após outros sucedendo-se na mesma sequência de coisas, faz ficar a gente mais forte, menos sensível, mais resistente.

Fomos voltando para entrar de novo no corredor comprido por onde passava de vez em quando uma ou outra sombra. Alguém que ia e vinha a esmo, sem objetivo, sem nada. Chegamos outra vez à sala ampla onde as pessoas esperam para serem atendidas. Parece que nessa curta viagem pelo parque, a moça ficara minha amiga de verdade. Pediu que me sentasse, mostrando a poltrona em frente.

— A senhora está aqui há muito tempo? Perguntei.

— Trate-me por você. Gosto mais. Estou aqui há uns cinco anos.

— A casa tem muitos funcionários?

— Sim, o bastante para que tudo possa estar em ordem. O diretor é exigente...

Sempre com o mesmo sorriso enigmático, brilhando naqueles olhos verdes, a moça falava:

— Eu não sou funcionária da casa, mas nas minhas horas de folga, atendo às pessoas que chegam. Tenho ordens do diretor para isso. E faço todos os dias as tranças da Vilma, por um sentimento particular. Gosto muito dela. Ela se parece muito com a minha irmazinha.

— E sua irmazinha?

— Ficou em Tenerife.

— Mas você estava me dizendo que não é funcionária da casa...

— De facto. Não tenho ninguém e por isso moro aqui. O diretor é meu amigo, foi também amigo de minha família. Vivo aqui para não viver só. Tenho horror a ser só. A senhora compreende? Gosto de ver muita gente o dia todo.

— E sua família ficou toda em Tenerife?

— Isso é uma longa história. Outro dia lhe contarei...

As faces da moça tornaram-se pálidas. Havia algum traço de dor em suas palavras. Desnorteei-me. Quis remediar?

— Desculpe...

— Não, em absoluto. E' porque não quero prendê-la demais logo da primeira vez. Talvez esteja com pressa... a senhora trabalha? Mas espere. Antes que me responda quero dizer o meu nome. Chamo-me Flor. E o seu?

— Lúcia.

— Está bem. Agora podemos nos conhecer melhor, não é mesmo?

— Eu sou professora de geografia num ginásio do interior. Falei.

— Professora de geografia... E o rosto de Flor se iluminou. Deve ser bom ser professora de geografia! A senhora viaja muito todos os dias, ainda que imaginativamente, não? Então a senhora conhece de perto Tenerife.

— Sim, um pouco. Não de viagem de verdade, mas nas viagens que você falou; ensinando aos alunos.

— Então a senhora vai falar um pouquinho sobre Tenerife, sim?

— Está bem, mas o que eu sei sobre essa ilha não é lá muita coisa... sei por exemplo que é a ilha mais importante do Arquipélago das Canárias. Sei que é montanhosa, de origem vulcânica, que lá são encontradas as famosas rendas de Tenerife, que há palmeiras dos Trópicos e que o solo é muito fértil. Enfim, pouca coisa eu sei não é? Quando olhei para Flor, ela estava longe, divagava... talvez tivesse alcançado a ilha de que tanto falava.

— Isso chega, sim. Exatamente. O solo... é de uma fertilidade singular. Que flores encantadoras! As rosas de Tenerife são de pasmar, de pasmar... Sinto-as ainda nas minhas mãos.

— Lamento você se ter tornado triste demais, Flor. Não queria ter vindo aqui aumentar a sua tristeza.

— Não, nada disso. E' claro que tenho saudades. Eles ficaram lá. Eles todos morreram lá. Todos os meus. Quisera voltar, sabe? Sinceramente.

Para mudar de assunto, como um bálsamo, resolvi falar:

— Flor, você me falou em horas de folga. Que faz você?

— Eu? Faço rosas de Tenerife.

— Rosas?...

— Sim, rosas. Para todas as igrejas. Moro aqui, tenho o meu quarto claro e cheio de sol, e vivo combinando cores e inventando perfumes para as minhas rosas. Quisera que a senhora pudesse ver como elas são naturais, chegam a cheirar a mel de abelhas, tais as rosas de Tenerife. O perfume que eu ponho depois delas confeccionadas, dá-lhes aquela feição verdadeira, aquele quê das rosas naturais. Todos são loucos pelas minhas rosas. Faço somente vermelhas, bem tropicais, exatamente como as rosas de Tenerife. Quisera lhe dar agora uma de presente para que não se esqueça de mim e tornar a voltar sempre, mas não tenho nenhuma pronta no momento. Amanhã lhe mandarei uma, sem falta. Sinto-me feliz, pela perfeição que alcanço fazendo essas flores.

— Pois o seu nome já é Flor!

— E' verdade. Disse sorrindo. Já nasci naturalmente para fazer rosas...

Despedi-me ainda sobre a forte impressão que me ficara de Maria Luíza, que pela primeira vez, nessas férias de julho, me fôra dado revê-la, desde que ficara doente e fôra recolhida à Casa de Saúde.

Prometi a Flor voltar muitas vezes. Perguntei se ela nunca saía. Combinei um encontro, num sábado, para um lance alegre na cidade. Gostou do convite e prometeu ir. Estávamos outra vez no caminho cercado de cedros pequenos. Tirei um papel da bolsa e escrevi meu endereço. Ela foi até o portão e estendeu-me a mão.

— Até breve.

Da esquina vi-me e lá estava ela, ainda, a espera que eu desaparecesse. Lembrei-lhe mais uma vez a rosa que me havia prometido:

— Não esqueça da rosa, Flor. Estarei esperando.

E uma vozinha muito doce, veio até mim:

— Não há dúvida. Amanhã...

★

Acordei. Abri a janela e o dia lá fora estava como uma flor. Havia até perfume no ar. Comecei a cantarolar uma canção qualquer. Senti-me feliz, mas pensei em Flor, tão só, e pensei na casa

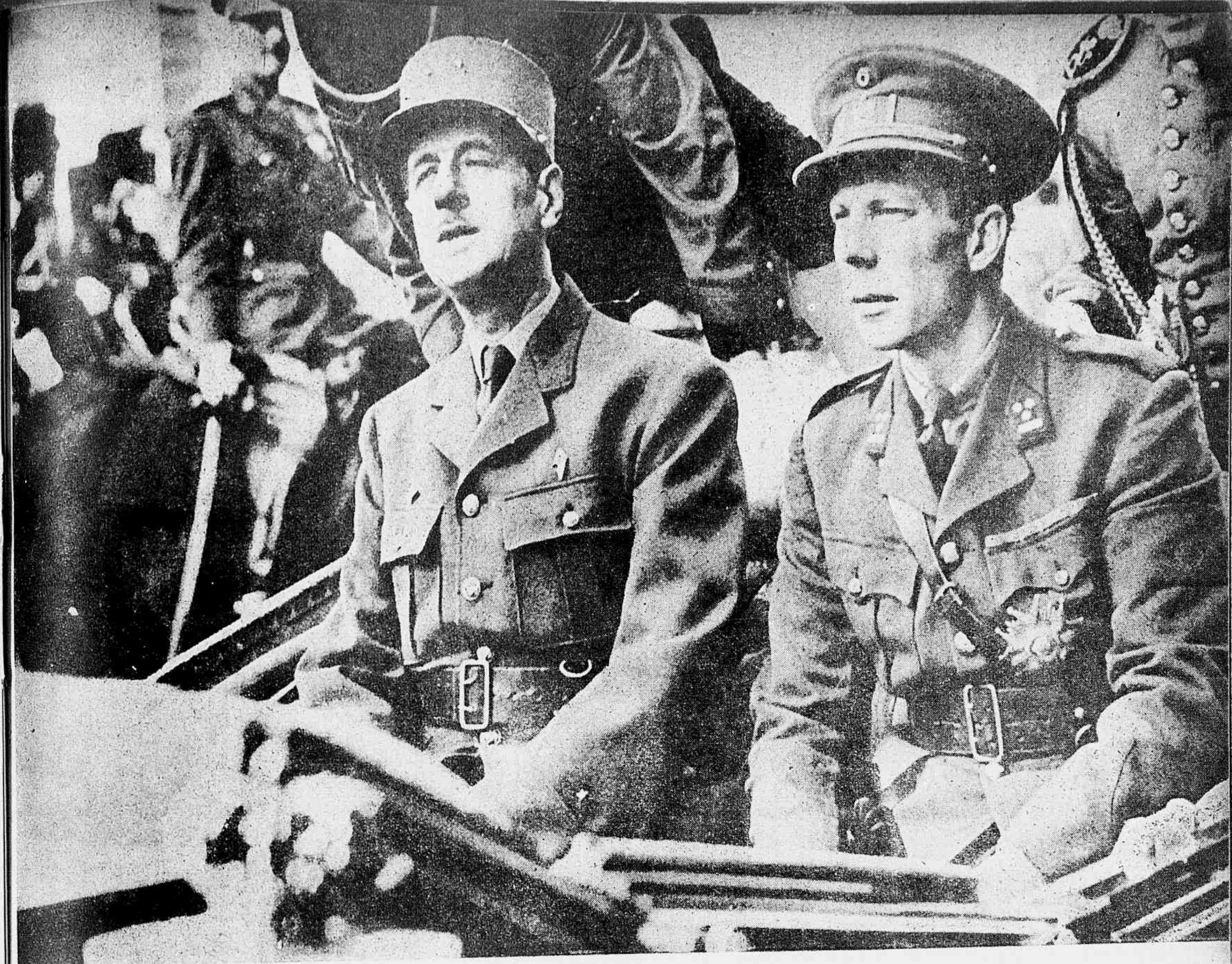
(Cont. na pág. 46)

ORLANDO
MATOS





Ao alto, à esquerda: Demonstrações em favor da volta do rei que capitulou aos alemães, feita por escoteiros monarquistas, em Bruxelas. Além da capitulação, muitos censuram ao rei, também, seu casamento morganático, de pois a morte da rainha Astrid, em um desastre de automóvel. A direita: O príncipe Charles, atual regente da Bélgica, passando uma tropa em revista, em companhia do general Charles De Gaulle, quando este era chefe do governo francês. Suas funções de regente só cessarão se: a) for restaurado no trono seu irmão Leopoldo; b) se o príncipe



Baudouin for declarado maior; e c) se for proclamada a república, a mais remota das três hipóteses, mas, em todo caso, possível. Em baixo, à esquerda: O príncipe herdeiro, Baudouin, ao lado de sua irmã, a princesa Josephine Charlotte, possível. Em baixo, à esquerda: O príncipe herdeiro, Baudouin, ao lado de sua irmã, a princesa Josephine Charlotte. Ele poderá vir a reinar em breve, se o movimento em prol da restauração de seu pai no trono vier a fracassar. A direita: Recordação do cativeiro de Leopoldo III. O ex-rei da Bélgica, privado do governo e do trono, quando prisioneiro dos alemães, em Hirschstein-sobre-o-Elba, de onde foi libertado pelas forças norte-americanas.

VOLTARÁ O EX-REI LEOPOLDO III AO TRONO DA BELGICA?

BRUXELAS, novembro — As facções monarquistas na Bélgica renovaram as suas tentativas para conseguir a restauração do ex-rei Leopoldo III no trono perdido com a sua capitulação perante os nazistas em 1940.

As acusações de que o ex-rei Leopoldo traiu a causa aliada estão sendo mais uma vez debatidas com espírito encarniçado. Alguns inimigos do monarca dizem que, com a capitulação, na verdade o que o rei fez foi passar a uma colaboração passiva com as forças de Hitler. Além disso, os aristocratas têm outro motivo contra o rei. Seu verdadeiro protesto tem como causa o segundo matrimônio do rei. Esses aristocratas não são como os monarquistas das ruas. Eles não perdoam.

Os belgas se recordam muito bem da rainha Astrid, que morreu nos braços de Leopoldo quando o seu carro se chocou com outro automóvel, na Suíça, em 1935.

Recordam-se os belgas de que Leopoldo e Astrid formavam um par ideal. Lembra-se da sua aflição quando sua encantadora esposa pereceu com cruel rapidez.

Nos anos que se seguiram, Leopoldo foi um pai devotado aos seus três filhos — dois meninos e uma menina.

Era uma história romântica que os belgas

PRESSÃO DOS MONARQUISTAS — DUAS CAUSAS DE DESCONTENTAMENTO: A CAPITULAÇÃO E O CASAMENTO COM "A MULHER QUE NINGUEM SABE DE ONDE VEIO".

Do King Features Syndicate — Exclusividade de "REVISTA DA SEMANA" no Brasil.

gostavam de contar ao pé da lareira. Essa história era a moldura romântica em que o rei Leopoldo era mantido.

Depois veio a guerra. Os nazistas derrotaram a Bélgica. Sem advertência aos aliados, Leopoldo apressou-se a render-se. Viveu na Bélgica, sob a proteção nazista.

Ainda assim, alguns belgas simpatizavam com ele. E' que esses belgas também sabiam que viver debaixo da agressão fascista, era

muito duro. Talvez que Leopoldo fosse impotente para resistir.

Depois caiu sobre os belgas o duro golpe. A 11 de setembro de 1941, souberam que Leopoldo estava casado outra vez. A sua segunda esposa — Marie Lilian Beals, — era uma jovem com quem estava repousando num luxuoso recanto do litoral.

Era, na verdade, um casamento morganático. Aquela mulher não tinha o título de rainha.

CONSEGUIRA' o ex-rei Leopoldo III, da Bélgica, vindo por seus próprios súditos, voltar ao trono que herdou de Alberto I, o rei soldado? Ou se converterá a Bélgica, dentro de mais alguns anos, em uma nova República socialista? Ou o jovem príncipe Baudouin, de menor idade, acabará, a seu tempo, ultimados os estudos, sucedendo o pai exilado como rei dos belgas? Tais são as perguntas que estão no ar. Só o futuro lhes dará resposta. De qualquer forma, é interessante o problema de que trata esta reportagem, adquirida com exclusividade para todo o Brasil pela "REVISTA DA SEMANA", visto como nos dá uma idéia precisa do que é o movimento monarquista que pretende fazer a revisão do processo histórico sobre o soberano que capitulou, em 1940, — e há sete anos, portanto, é um rei que não governa.

ha. Antes, ela usou o nome de Princesa de Rethy. Príncipe de Rethy era o título que Leopoldo III usava quando incognito.

Mesmo agora, Marie foge aos focos de luz. No "chateau" Le Reposoir, perto de Pregny, Suíça, ela vive em quase completo isolamento.

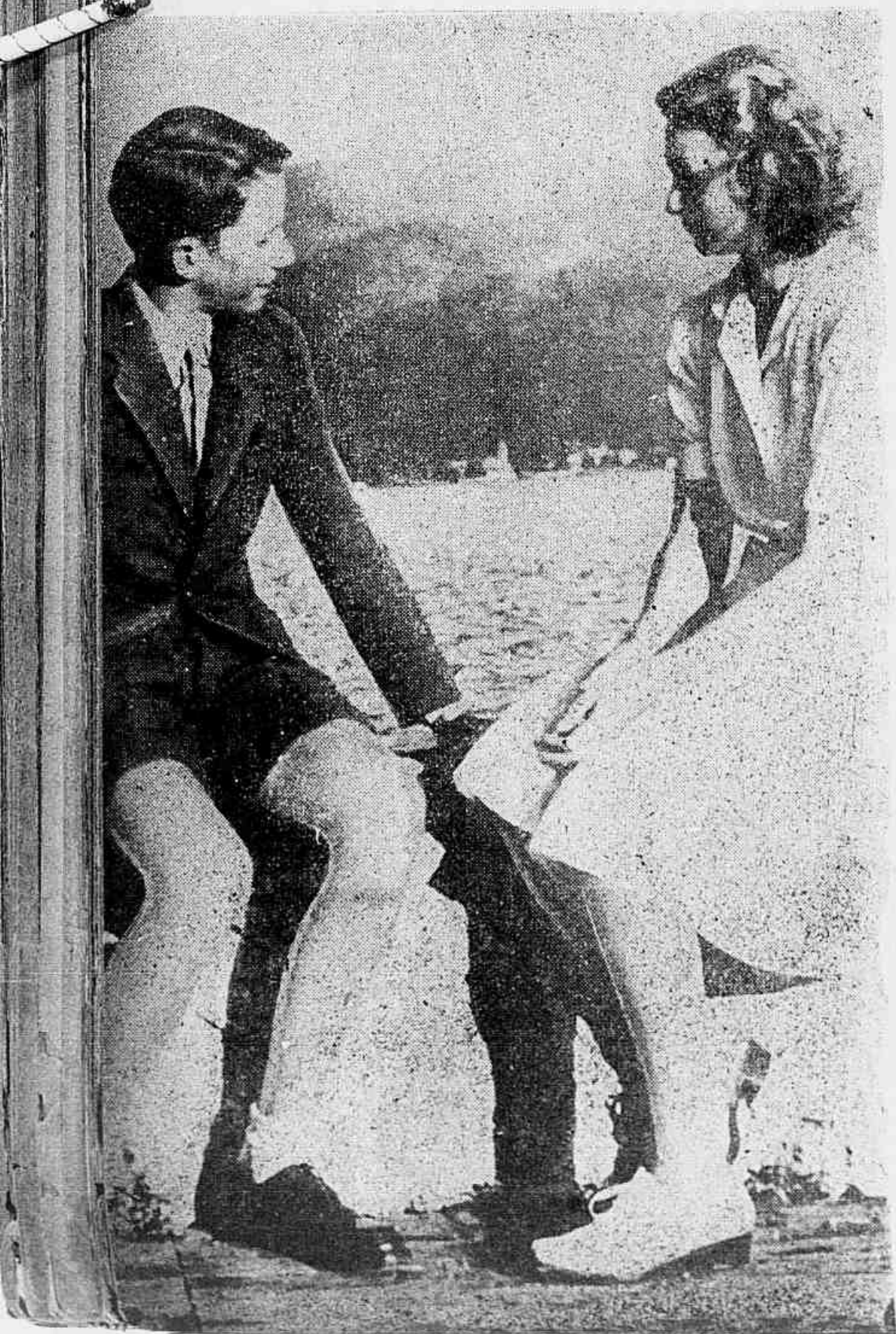
Talvez que saiba que na Bélgica nenhuma fotografia sua é publicada nos jornais. Seu nome nunca é mencionado em público. Há uma proibição tácita. Uma espécie de vergonha nacional.

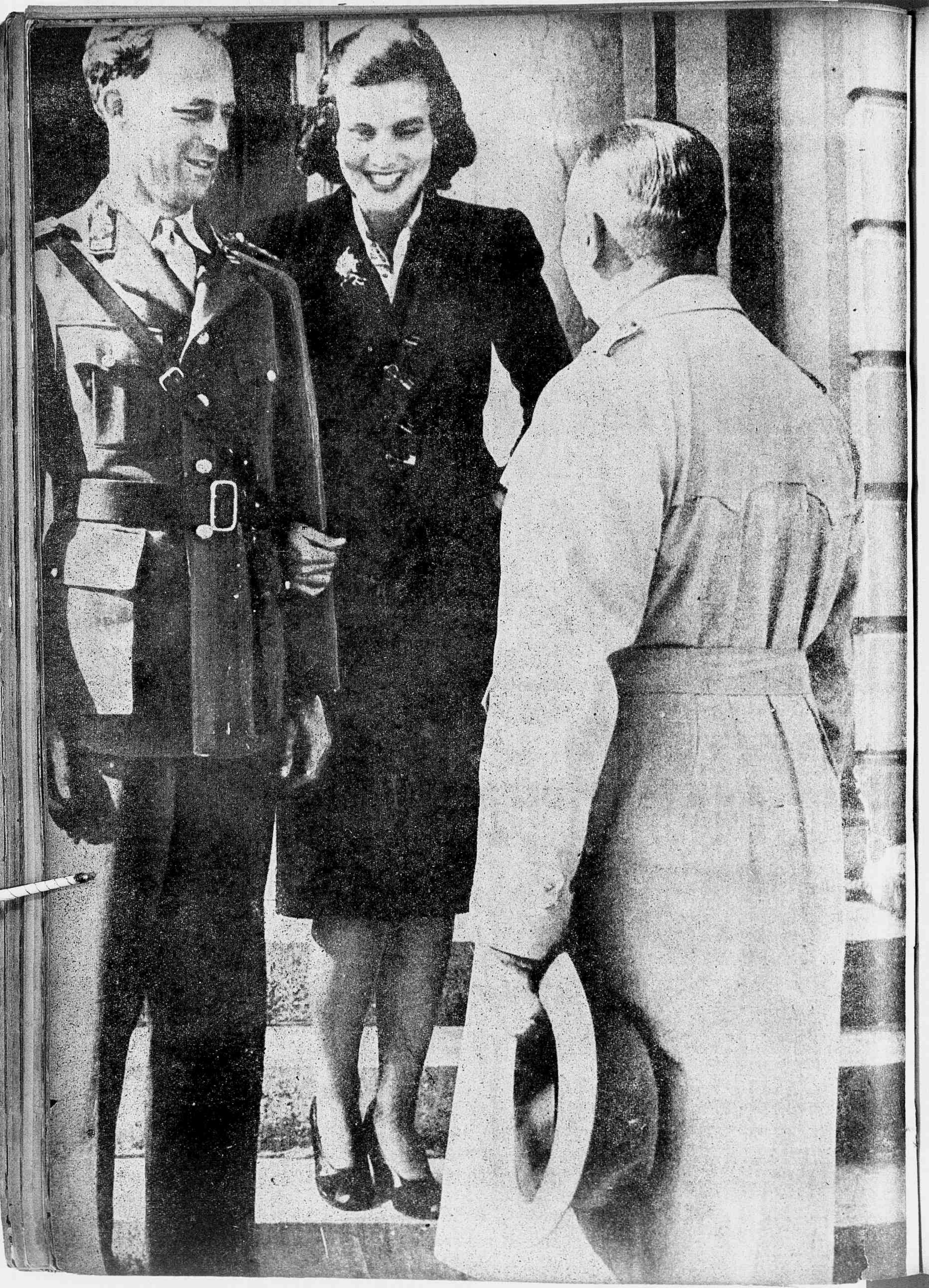
Mas, o povo sabe. E se recorda. O povo das ruas não se interessa por isso. São os aristocratas que acham que "a nobreza foi maculada"!

Albert de Vleeschauwer, líder do Partido Cristão, declarou recentemente que seria uma questão muito simples o retorno do rei Leopoldo III ao trono. Essas declarações encorajaram um movimento de opinião em favor do ex-rei.

O governo no exílio tomou conta do trono quando soube que Leopoldo estava com os nazistas em 1941. O rei foi levado para a Alemanha, e mais tarde confinado atrás de cercas de arame sob a "proteção" das famosas tropas de assalto de Hitler.

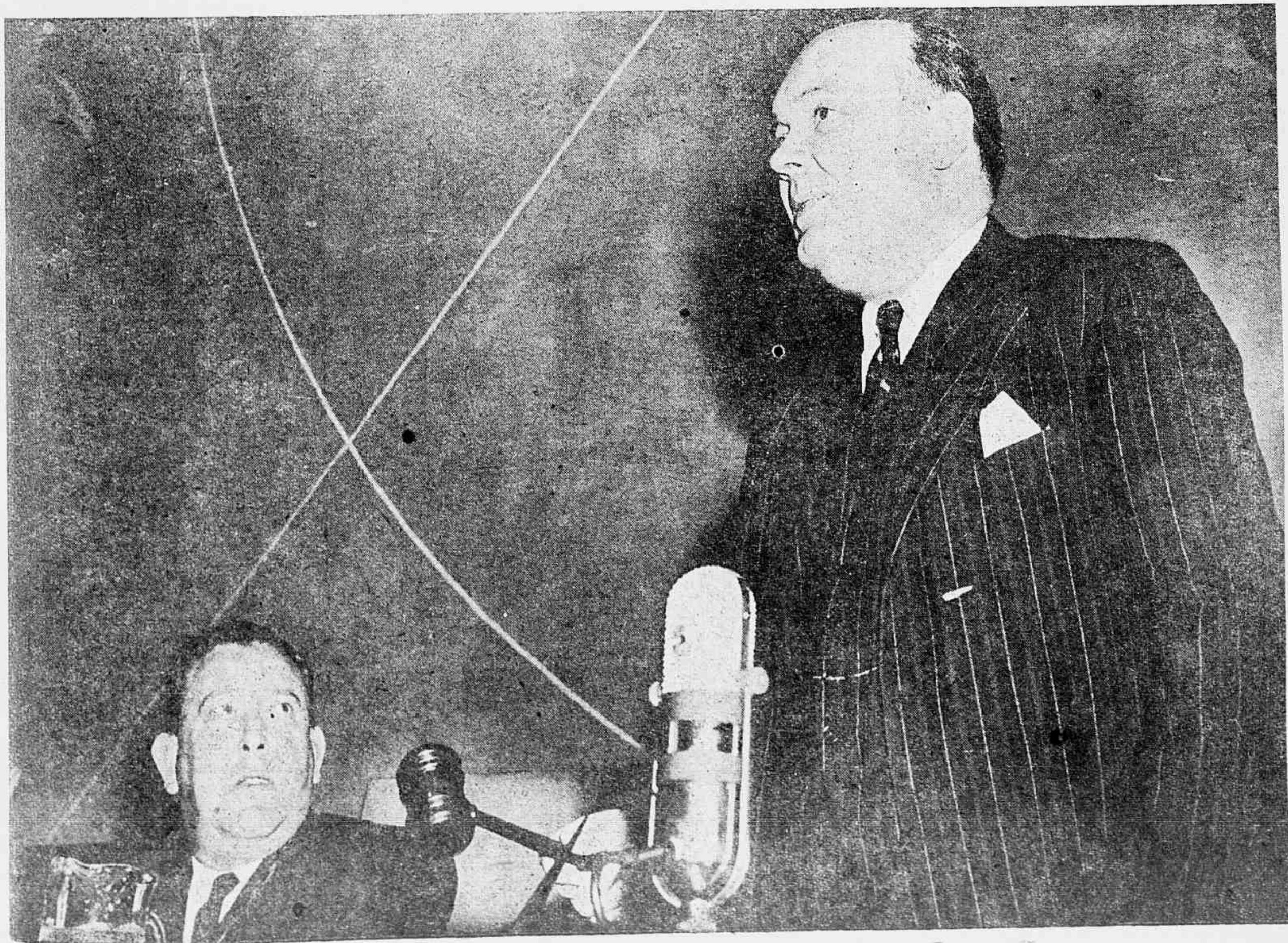
(Cont. na pág. 52)







Na página à esquerda: O ex-rei Leopoldo III, da Bélgica, ao lado de sua nova esposa, a atual princesa Rethy, em sua "Villa Reposir", na Suíça. Ao alto: O antigo primeiro ministro Pierlot, deixando uma reunião histórica do governo belga exilado, em Limoges, na França, em 1940: aquela em que anunciou que Leopoldo III havia sido destituído como rei da Bélgica. Declaração semelhante foi feita em 1945, pelo governo que assumiu o poder, após a libertação da Bélgica das mãos dos nazistas. Em baixo: O atual primeiro ministro da Bélgica, sr. Paul Henri Spaak, falando nas Nações Unidas, ao lado do sr. Trygve Lie. Os monarquistas estão fazendo pressão contra Spaak, para obter a restauração de Leopoldo III no trono. Mas os socialistas são contra e prefeririam a República.



A VIDA DE RIMSKY-KORSAKOV

(NIKOLAY ANDREEVITCH RIMSKY-KORSAKOV (1844-1908))

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

A melhor autoridade que possuímos sobre a vida de Rimsky-Korsakov é o próprio Rimsky-Korsakov. A sua autobiografia é um desses fenômenos raros — um livro em que o autor conseguiu olhar para si mesmo, com absoluta imparcialidade. Como o recrutado irlandês da fábula, Rimsky-Korsakov pôde sair das fileiras para observar as próprias manobras dentro das fileiras. "A História da minha Vida Musical", escreve ele no fim da sua biografia, "é destituída de ordem, toda ela desigualmente pormenorizada, escrita num estilo miserável e, não raro, extremamente insípido. Mas, em compensação, nada contém senão a verdade".

Ao acompanhar-lhe a autobiografia, depara-se-nos um homem que não foi nem humilde nem arrogante, nem modesto nem presunçoso, mas sempre e em todas as circunstâncias, veraz. Quando se agradava do próprio trabalho não hesitava em discutir-lhe os méritos; quando não o apreciava não titubeava em assinalar-lhe os defeitos. Em todos os casos considerava-se a si mesmo com a mesma objetividade com que considerava os amigos chegando a ponto de observar os próprios inimigos com científica isenção de ânimo e sem nenhum traço aparente de rancor pessoal. O seu caráter, como a sua música, tinha mais da perfeição da ciência que da paixão da arte.

Sem embargo, por estranho que pareça, Rimsky-Korsakov era, como músico, fundamentalmente, antes amador que profissional. De fato, nenhum dos assim chamados "Cinco Grandes Músicos" da Rússia era compositor por profissão. Cui era engenheiro de artilharia; Moussorgsky, tenente da Guarda Preobrazhensky; Borodin, professor de química; Balakirev, funcionário da Estrada de Ferro de Varsóvia, na estação de carga de São Petersburgo; e Rimsky-Korsakov, oficial subalterno da marinha russa. Rigorosamente falando, esses cinco homens não tocavam música, brincavam com a música (1). A sua arte era uma relaxação, uma espécie de saporosa sobremesa para o prosaico cardápio da vida cotidiana.

II

Nikolay Andreevitch Rimsky-Korsakov parecia desde a infância, destinado à vida prosaica de um marinheiro russo. Seu irmão mais velho, Voyin Nikalayeich, era tenente da marinha; e o pai, oficial aposentado com uma pensão respeitável, antecipava para o filho mais moço carreira semelhante. Nikolay Andreevitch tinha apenas doze anos de idade quando o pai o matriculou (julho de 1856) na Escola Naval de São Petersburgo.

A monotonia da rotina diária da escola era animada pelas surras administradas nos sábados à noite aos alunos que tinham falhado em alguma matéria durante a semana. Rimsky-Korsakov recebeu também a parte que lhe cabia dessas sovas.

Demonstrava pouco interesse aos estudos e menos interesse ainda à música. Aos domingos, por insistência dos pais, tomava lições de piano, embora nunca se tivesse tornado bom pianista. De quando em vez, no entanto, "por brincadeira", e movido de uma curiosidade científica por separar as coisas e tornar a ligá-las, "compunha música e reunia notas". Algumas dessas composições, observou ele satisfeito, eram "assaz coerentes". Mas não lhes prestou muita atenção.

Entretanto, com o correr do tempo, aumentava nele o interesse científico pela música. Encantou-se ao verificar que o arranjo simétrico das suas notas podia produzir um efeito melódico sobre o ouvido. Adquiriu o hábito de assistir à óperas em São Petersburgo, e, de vez em quando, divertia-se a fazer arranjos nas partituras para piano dessas óperas de quatro mãos para duas — tudo isto, "a fim de tornar a música mais fácil para eu tocar".

Num domingo, em novembro de 1861, o professor de música levou-o a visitar Balakirev. E desse dia em diante principiou o seu verdadeiro interesse à música.

"Balakirev", escreveu Rimsky-Korsakov, "causou sobre mim enorme impressão. Pianista magnífico, que tocava tudo de cor, era dotado de opiniões ousadas, de idéias novas e, por último, mas não menos importante que os demais, um dom de composição que eu literalmente adorava... Além disso era também crítico maravilhoso, crítico técnico principalmente". Balakirev arrogara-se, em suma, ditador musical da nova geração russa. "Obedeciam-no cegamente, pois o fascínio da sua personalidade

era tremendo. A sua influência "semelhava uma força magnética". Debaixo dessa influência aprenderam os jovens músicos da Rússia a considerar as sinfonias de Beethoven como "frouxas", as melodias de Chopin como "ereminadas", as canções de Mendelssohn como "burguesas". No céu da música havia um único Deus, Johann Sebastian Bach, e Balakirev era o seu profeta.

Rimsky-Korsakov ligou-se a Balakirev e converteu-se num dos seus discípulos mais ardentes. Aceitou-o como seu "conselheiro, censor, editor e professor". Sob certos aspectos a influência de Balakirev foi boa para Rimsky-Korsakov, pois animou-o a levar a música a sério, transformando o indiferente aluno da Escola Naval num sério compositor. Sob outro aspecto, no entanto, não menos importante, foi má, pois transformava os discípulos em meros satélites seus, obrigando-os a refletir apenas a luz peculiar do seu próprio gênio. Não tendo tido treino acadêmico, Balakirev reputava esse treino desnecessário para todos os outros músicos, insistindo em que o conhecimento da harmonia não tinha importância nenhuma. "Vocês devem mergulhar, intrépidos, no oceano da composição", dizia ele, "e aprender a afundar ou a nadar. Se tiverem talento para nadar, tanto melhor para vocês. Se forem infelizes e afundarem, tanto melhor para o mundo".

Empregou esse método de afundar-ou-nadar em relação ao jovem aluno, Rimsky-Korsakov. A primeira lição que lhe cometeu foi a feitura de uma sinfonia. "Peça a ele que me desse umas poucas lições preliminares de harmonia. Respondeu-me bruscamente que, como ele não tinha necessidade da harmonia, eu também devia arrumar-me sem ela".

Rimsky-Korsakov principiou a compor a sinfonia sem sequer um conhecimento elementar dos intervalos e dos acordes ou do significado de um contraponto duplo, da cadência, da tese, da antítese ou do período. O resultado foi uma cópia fiel de uma das composições do próprio Balakirev, Rei Lear. "Encontrei dificuldade principalmente com os instrumentos de corda, visto que o definido e os movimentos do arco eram, para mim, absolutamente desconhecidos. Indiquei legatos intermináveis, de impossível execução... Mas o próprio Balakirev fazia da técnica do violino a idéia mais confusa".



RIMSKY-KORSAKOV

Sem embargo apesar dessas desvantagens, Rimsky-Korsakov conseguiu completar o primeiro movimento, o Scherzo e o Finale. "O Finale, principalmente, obteve, naquele tempo, a aprovação geral". Mas não lhe foi possível escrever o segundo movimento — o Adagio. Quis dar-lhe a forma de um cantabile. A melodia, porém, era tabú para Balakirev, e Rimsky-Korsakov "adorava Balakirev e obedecia-lhe em tudo".

III

Pouco depois da composição da sinfonia, Rimsky-Korsakov foi obrigado a fazer extenso cruzeiro, como parte do seu treinamento naval. Era bom marinheiro, mas não se agradava do serviço, pois lhe faleciam as qualificações julgadas indispensáveis a um oficial de marinha. Não possuía habilidade executiva; não sabia dar ordens com voz rude; era incapaz de ameaçar, de xingar ou de punir. "Confesso", refere-nos ele, "que eu não possuía nenhum desses dons". A marinha russa do século XIX não era lugar para um homem que trazia música no coração, pois era aquele período dos "chicotes de corda e dos golpes brutais na boca". Amiudadadas vezes, informamos Rimsky-Korsakov, era obrigado a "assistir à punição de marujos com 200 ou 300 vergastadas sobre as costas nuas, em presença de toda a tripulação". Um dos oficiais do navio-escola Prokhov costumava receber os marinheiros bêbedos, ao voltarem de uma licença passada em terra, com um murro no queixo. "Grande era a reputação que lhe granjeava a sua habilidade como arrancador de dentes!". O comandante da divisão naval a que pertencia Rimsky-Korsakov, almirante Lyesovsky, era notório pelo seu gênio, que não tinha igual nem na marinha russa daquele tempo. De uma vez, num acesso de raiva, arremetera contra um marinheiro fatioso e mordera-lhe o nariz. "Toda a atmosfera moral da marinha estava impregnada de nauseabunda fedentina".

Não era, portanto, muito para admirar que, nessa atmosfera, até a delicadeza de caráter de Rimsky-Korsakov tivesse a manchada um pouco de cinismo. Ele cessara de acreditar num Deus que permitia tamanhos males debaixo do sol. Buscava, porém, encontrar consólio na música. Como fossem desatendíveis as suas obrigações a bordo, sobejava-lhe o tempo para consagrar-se à música — e ao estudo da astronomia. O oceano é um magnífico ponto de observação para se contemplar o esplendor do firmamento. O cruzeiro levava-o para a Inglaterra, os Estados-Unidos e, logo, para a América do Sul. O espetáculo dos céus do sul, à noite, inspirou-lhe uma das poucas passagens poéticas da sua Autobiografia. "O azul escuro do céu durante o dia era à noite, substituído por fantástica fosforescência. A medida que navegávamos para o sul, tornava-se o crepúsculo cada vez mais curto e as estrelas e os planetas rompiam sobre nós com súbito esplendor. Que refulgência no Via-Lactea, com a constelação do Cruzeiro do Sul! Que magnificência em Canopo, nas estrelas do Centauro, no vermelho ardente e brilhante de Antares, visível na Rússia como pálida estrela nas noites claras de verão! Sirius, que na Rússia se vislumbra nas noites invernosas, parecia aqui duas vezes maior e mais brilhante. Logo se tornaram visíveis todas as estrelas de ambos os hemisférios. A Ursa-Maior via-se baixa, justamente acima do horizonte, ao passo que o Cruzeiro do Sul se elevava cada vez mais. A luz da lua cheia, submergindo entre as nuvens amontoadas e delas emergindo, era simplesmente ofuscante. Maravilhoso é o oceano tropical com a sua cor azul e o seu brilho fosforescente; maravilhosas são as nuvens tropicais ao pôr do sol; mas o firmamento tropical, à noite, sobre o oceano é a coisa mais maravilhosa do mundo".

Demorou-se a esquadra durante algum tempo no Rio de Janeiro, onde ele encontrou um verdadeiro paraíso para um homem habituado aos ventos gelados de São Petersburgo — "um inverno tropical em junho!". Pandegou, delirando-se com a suavidade do clima, cuja temperatura oscilava entre dezoito e vinte graus centígrados. Declamou rapsódias para as águas azul-esverdeadas da baía e os esplêndidos matizes verdes das montanhas. Visitou o Jardim Botânico, ao qual davam vida de dia, os colibris, e, de noite, os pirilampos. Passou sob a Aléia dos Bambus, longo e estreito arco gótico formado pelo entrelaçamento do topo das bambuseiras. Passou alguns dias no palácio do Imperador do Brasil em Petrópolis, cidade engastada como jóia entre as montanhas e de extasio em novas excursões. E durante toda

(Cont. na pág. 52)

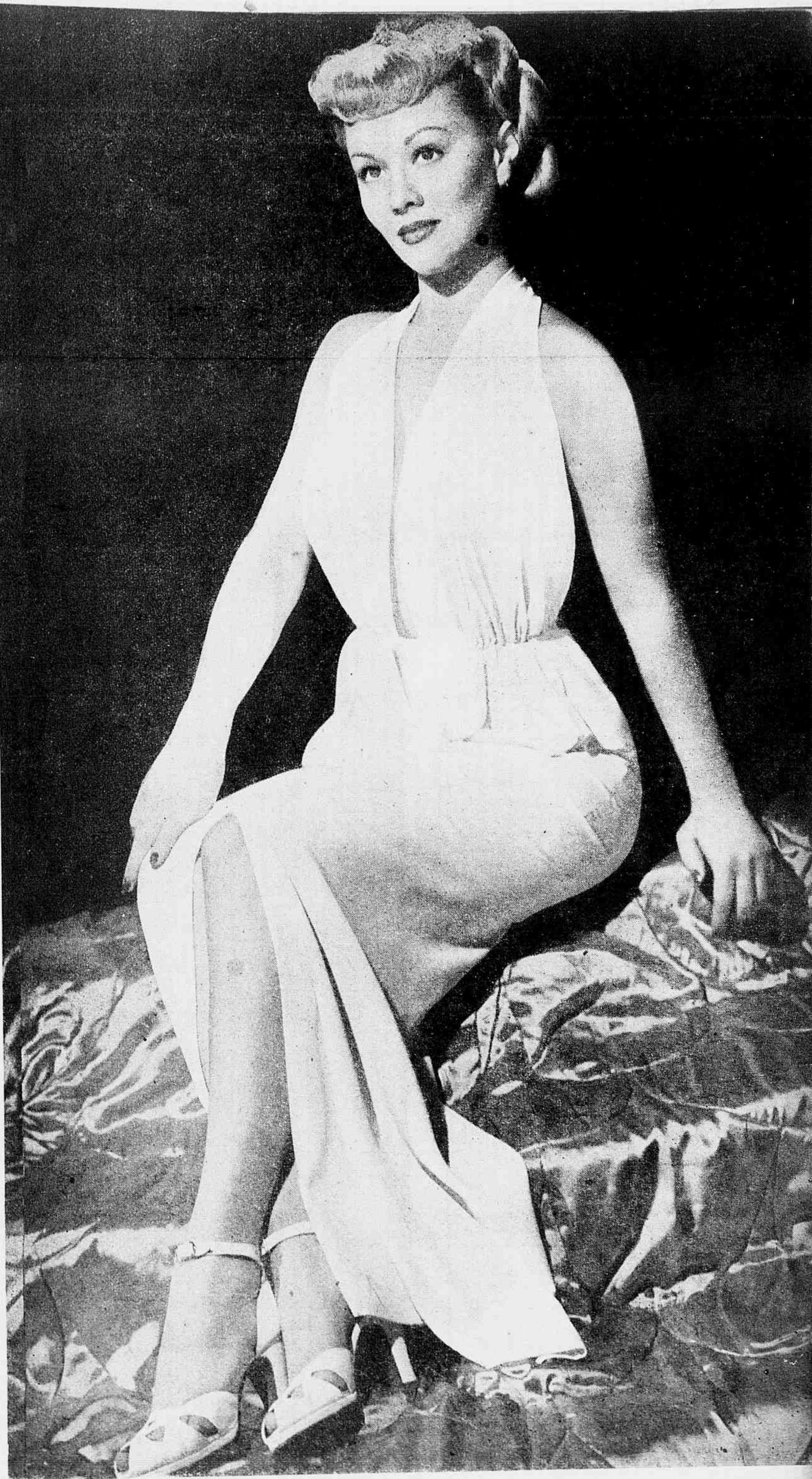
A FINAL, o que há com você? Por que é que você passa quase que o dia inteiro sonhando com a maravilha que, o mundo poderia ser si apenas você tivesse cabelos louros, ou si possuísse os vestidos que suas amigas possuem, ou si tivesse a liberdade de sair szinha com o seu namorado — enfim, si “apenas” você fosse diferente daquilo que realmente é? Por que é que as coisas nunca satisfazem a você? Vejamos, por exemplo a noite em que você organizou a sua festinha de aniversário. Tudo parecia ir às mil maravilhas. Você estava um encanto no seu vestido de menina-moça; “ele” não se afastou um só instante do seu lado, tudo parecia tão agradável! Mas eis que subitamente você olhou ao redor e percebeu que as outras pequenas também estavam encantadoras; algumas até talvez estivessem mais encantadoras do que você e, naquele momento você se sentiu infeliz. A festa estava perdida. Por que deverá você sofrer sempre? Por que esses desapontamentos? Por que há de você julgar sempre que você deveria ser diferente? Talvez você pense possuir um “complexo de inferioridade” — desculpa que muita gente dá para esconder a sua pouca inteligência ou pouca habilidade. Julgando-se inferior, você denota não possuir também confiança em si própria, e, é por isso que você se sente humilhada nas ocasiões em que sente não ser dona da situação. Não acha que seria muito mais honesto enfrentar bravamente a situação ao invés de buscar refugio nesse “complexo de inferioridade” que talvez só exista na sua imaginação? Quem sabe até si você não estará ocultando sob esse “complexo” um pouco de inveja, ciúme ou egoísmo? Vejamos, por exemplo, a noite da sua festinha. Você estava feliz até o momento em que reparou não ser a única pequena bonita e bem vestida da sala. Quando você deveria ter se orgulhado por haver reunido um grupo tão bonito, você desejou desaparecer para não presenciar o êxito que as outras também alcançavam.

Você queria ser a única, recusando-se a compreender que as outras também tinham direito de se apresentarem bonitas e elegantes. Você daria prova de inteligência si conseguisse compreender que vivemos num mundo imenso onde milhões de pessoas lutam arduamente para se tornarem populares, atraentes e admiradas e que isto não é um privilégio seu. A concorrência é grande e se revela em qualquer terreno. Não desespere ao perder uma batalha; os outros também têm o direito de vencer... Não deixe de lutar por isso, somente procure reconhecer que qualquer um de nós tem direito a “um lugar ao sol”.

KITTY

★

Lila Leeds, nova e jovem “estrela”, que a Warner Brothers lançará em “Romance High C”, apresenta um elegantíssimo modelo para “soirée” em crêpe de seda branco. Notar o original feltro da blusa.



NOS BASTIDORES FEMININOS

O ESPIRITO Feminino ATRAVES DOS TEMPOS

ESCRITORES

Quando Emily Kimbrough e Cornelia Otis Skinner foram contratadas por Hollywood afim de escreverem a cenarização de "Our hearts were young and gay", sentiram-se na obrigação de começar o trabalho logo que chegaram à terra do cinema. Indo visitá-las, Hedda Hopper, ex-atriz do cinema mudo e, presentemente, uma das mais célebres jornalistas em assuntos cinematográficos, pôs-se a indagar como e quando pretendiam iniciar o trabalho.

— Já arranjaram secretária? — perguntou.
As duas se entreolharam.

— Não. Nós mesmas batemos tudo à máquina.

— E quando começam a trabalhar?

— Já começamos. Já temos cerca de doze mil palavras no papel.

Hedda assombrou-se.

— Meninas! — disse — Vocês estão loucas! Ou então são inocentes demais para viverem sem uma proteção. Os escritores que são contratados pelo cinema, às vezes passam um mês, sem tomar contacto com a máquina de escrever. Alguns chegam a atravessar seis meses. Se vocês chegam aqui com a idéia de trabalhar imediatamente, os diretores que as contrataram vão ficar alarmadíssimos. Parem com isso e ditem de flunar um pouco!

CORRESPONDENCIA

Trecho de uma carta de George Elliot (romancista inglesa do século dezenove), dirigida a Mr. Felton: — "Fale com franqueza. As vezes, intimamente, você não briga comigo por causa dos meus enormes silêncios? Mas, duvido que brigue tanto quanto eu mesma. Entretanto, se pudesse ler metade as cartas que lhe mando em imaginação, garanto que seria capaz de me apontar como a mais constante correspondente do mundo

CONVERSA SERIA

A dançarina Ida Rubinstein acabava de sair da mesa, depois de um jantar glorioso, que lhe fora oferecido por um casal amigo. Falou de arte, de literatura, de Deus e da imortalidade da alma. Tristan Bernard, que estava presente, observou:

— E' curioso! Quase sempre, depois de um jantar como este, acaba-se sempre por discutir a imortalidade da alma.

— Claro! — respondeu a Rubinstein. — Depois de comer e beber tanto, ninguém sabe mais o que está dizendo...

ELOQUENCIA

Olga Navarro atravessava uma fase de intoxicação por D'Annunzio. Com sua voz quente de atriz dramática, italiana não pensava nem dizia nada que não fosse temperado pela literatura dannunziana. Acordava lendo "O Fogo" e adormecia lendo o "Intruso". Nessa perigosíssima fase, recebeu em seu camarim a visita de Itala Ferreira, que não estava sob influência nenhuma a não ser da temperatura. O verão estava no apogeu.

Olga suava, sem ânimo de se mover.

— Este ar sufocante, — dizia, — parece saído de uma fornalha ardente!

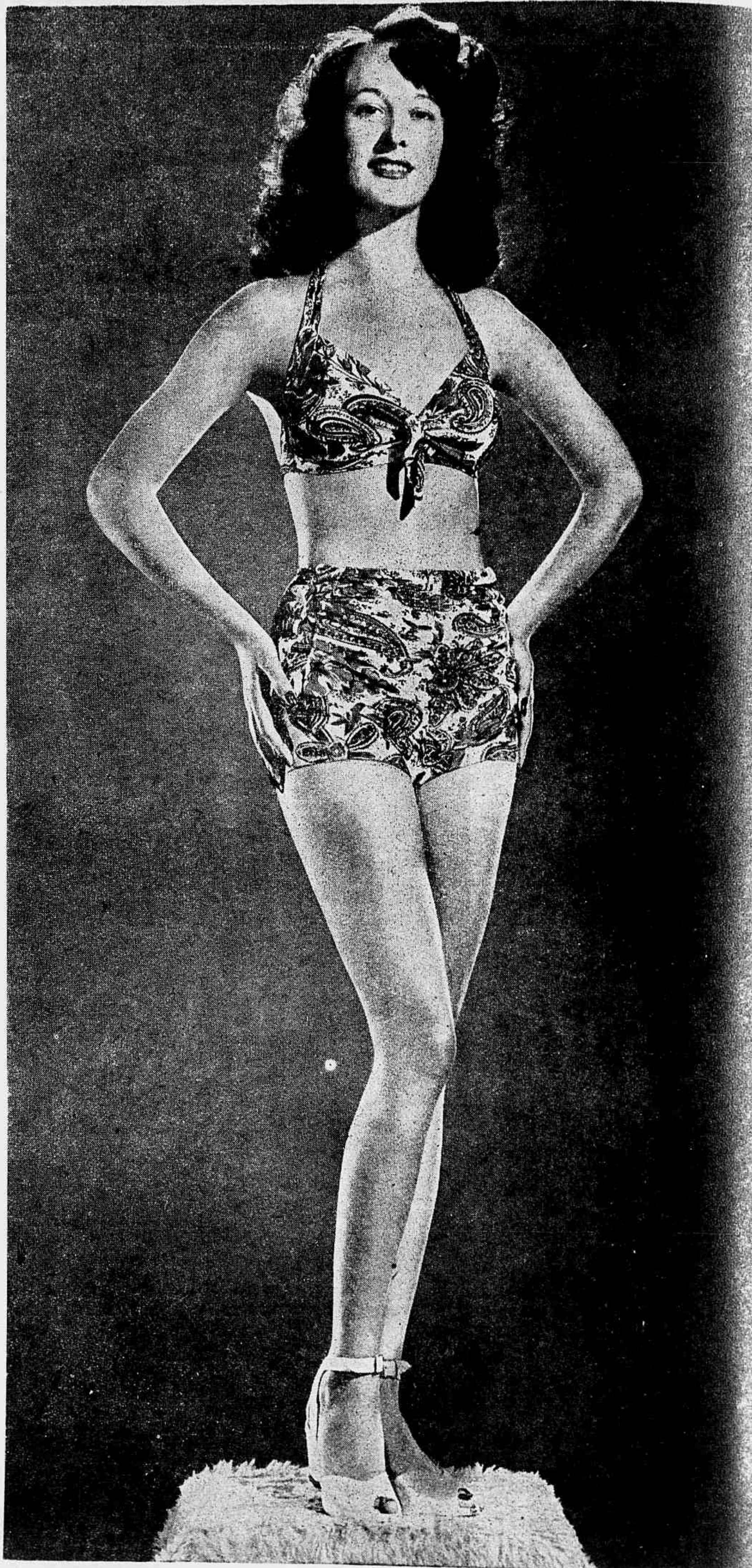
Itala Ferreira não respondeu.

— A canícula me envolve como tentáculos de braça e não sou mais que uma pobre coisa enlanguecida!

A inesquecível intérprete de "Carlota Joaquina" ergueu-se, foi abrir uma janela, e, ao voltar, confirmou:

— Está mesmo um calor de escachar!

(Seleção de L. B.)



ESTAS duas pequenas maravilhosas pertencem ao já famoso grupo das "GOLDWYN GIRLS", seleccionadas por Samuel Goldwyn entre as mais belas coristas norte-americanas. A primeira, Irene Vernon, tem tipo latino. Olhos e cabelos escuros, tez morena. A segunda, Lorraine De Rome, já esteve aqui no Rio, tam

SEREIAS DE

A PERSONALIDADE da Semana

DJANIRA



DJANIRA chegou dos Estados Unidos há poucas semanas. Seus quadros ainda não puderam ser retirados da Alfandega e tenho que me contentar em observar sua evolução nas fotografias e em alguns quadros inacabados nos quais está trabalhando. Djanira gosta de começar

diversos quadros ao mesmo tempo, continuando, ora um, ora outro, segundo sua fantasia.

Observo longamente um quadro quase acabado e uma grande alegria me invade. Sinto uma vontade irresistível de me juntar às crianças que brincam na neve, ouvir o barulhinho dos ônibus amarelos, ajudá-las a erguer homens de neve.

— Não sei o que é, murmura Djanira atrás de mim, mas minha neve nunca fica fria!

— Então é uma neve tropical, diz alguém rindo.

— Falo sério. Ponho tinta branca e mais tinta branca e continua com reflexo amarelo. Isto não é uma neve fria, não!

E rimos todos, olhando para a neve de Djanira que se tornou acolhedora, de tantos reflexos de criancinhas, vestidas de vermelho e verde, brincando alegremente com ela!

Djanira parece uma dessas crianças pois seu olhar e seu riso têm algo de sincero que raramente se encontra em gente grande. Aponto para uma fotografia e pergunto:

— Você também tem a impressão que no fundo dos mares existe uma vida real e deliciosa, não é, Djanira?

E Djanira me descreve as aventuras dos peixinhos que escolhi: peixinhos engraçados, com cartolina na cabeça e jogando cartas!

No quarto encontro um quadro esboçado mas no qual já distingo perfeitamente uma orquestra do fundo dos mares; o maestro, o violinista, o celista, todos muito sérios, enquanto peixinhos vermelhos passeiam de cá para lá.

Djanira me conta que acaba de escrever um livro de crianças.

— Não sou escritora. O texto explica rapidamente os quadros, pois não fiz ilustrações mas verdadeiros pequenos quadros, que poderão ser cortados e pregados nas paredes do quarto da criança. E, mais ou menos, uma série de impressões fantasistas do viajante que chega nos Estados Unidos. Também estou acabando outra história de crianças: as aventuras das três formiguinhas: uma delas é poeta, outra músico, a última pintor. São expulsos do formigueiro. É uma tragédia...

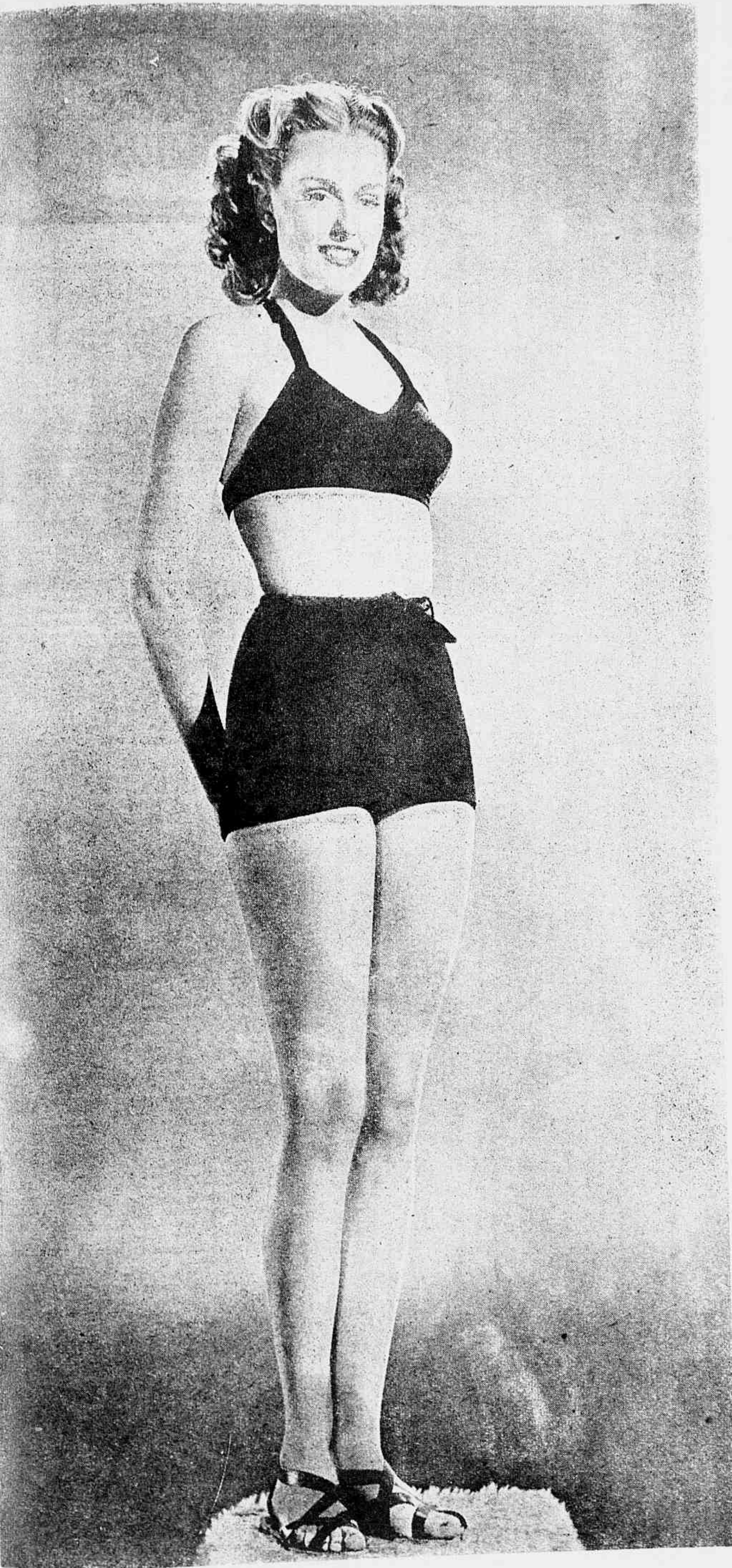
Ri novamente. Mas procuro, de repente, falar em coisas sérias. Descrevo os afrescos que fez nos Estados Unidos: o mural em Chicago, os anjos músicos numa escola de Nova York. Conta o encontro com Chagall, Milhaud, outras celebridades. Mas a atmosfera continua leve, alegre. Nunca me senti melhor na Pensão Internacional, ponto de reunião de tantos artistas.

Mostra-me mais alguns quadros começados, sem falsas desculpas para esboços nada definitivos, naturalmente. E enquanto olhamos para o Rio que se estende, magnífico, lá em baixo, pergunto-lhe ainda se gostou da vida na cidade muito grande.

— Gosto do ambiente grande porque nele a gente pode ficar mais isolado. Parece estranho, mas quando o meio é mais amplo, tem-se muito mais liberdade.

Espero, como todos no Rio, ver muito em breve o trabalho que realizou neste grande ambiente novo. Julgando pelo pouco que pôde me mostrar, acredito que sua próxima exposição nos trará a todos muita alegria e muita emoção.

YVONNE JEAN



HOLLYWOOD

traços delicados e é talvez uma das mais belas do grupo. Apesar de Paris anunciar que o "duas-pecas" para a praia pertence à estação passada, grande número de pequenas de Hollywood ainda conserva a preferência por esta espécie de vestuário (!)



O FILHO ÚNICO

VAMOS abordar, hoje, aqui, a questão do filho único. Na época presente de racionamento de víveres e de casas, não podemos encarar com a mesma severidade de antes o racionamento humano.

Esta restrição da natalidade representa, em primeiro lugar, temor por um futuro imprevisível; há a vista que, em épocas patriarcais e de abundância, o homem não se preocupa com o controle dos nascimentos. Mas nos dias de hoje, na cidade do Rio de Janeiro, quem seria ainda bastante audaz para ter uma penca de dez filhos e depender mais tarde da CEL para lhes dar o leite, esperar pela fundação da Casa Popular, para um teto ou arquivar os racionamentos de carne afim de que se tornem vigorosos e fortes?

Mas, voltando à questão do filho único, como fato consumado, quero recordar as desvantagens decorrentes da sua existência isolada. O maior perigo é tratá-lo como tal, isto é, como um ser aparte da sociedade, excepcional e distinto, que merecesse mais cuidados e desvelos do que teria se estivesse rodeado de irmãos. Ocorre, quase sempre, uma concentração de interesses sobre uma só pessoa, cerceando-lhe as possibilidades fisiológicas e mentais. As primeiras porque o excesso de atenção que muitas mães empregam não facilitam ao organismo da criança criar resistências naturais às infecções e as últimas porque a satisfação imediata das suas vontades e desejos cria um falso ambiente de segurança, que ela julgará encontrar sempre no decorrer da vida futura.

Não julguem os que me têm que o exagero decorra das minhas palavras; conheci uma senhora mãe de filho único, que esterilizava com água, fervente as roupas do filho e até o chão em que ele enatinhava; sem falarmos dos utensílios da criança que merecessem, razoavelmente, um cuidado semelhante de todas as mães cuidadoras.

Essa atenção obsessiva em torno da criança tende a transformá-la num pequeno ser absoluto que exige obediência imediata aos seus caprichos como um reininho autocrata. Em todos os momentos do seu dia revela esta necessidade absurda de desvelos; só dorme quando a casa mergulha no mais completo silêncio e o mais leve ruído a precipita num sobresalto que sobressalta mais ainda a inquieta mãe.

Mais tarde, ao perceber o interesse que desperta o fato de comer ou não comer, serve-se desta arma para dominar os pais e conseguir que lhe satisfaçam os caprichos.

Não há pediatra que não esteja bem orientado sobre a anorexia dos filhos únicos. Isto é, sobre a sua falta de apetite; um, que conheci, dizia humoristicamente, que a sua fortuna profissional e financeira tinha como base precípua a anorexia dos filhos únicos dengosos.

A anorexia por si só merecia um capítulo de um tratado de pediatria. Creio que muita gente tem um caso a contar sobre este assunto; mas o fato ocorre mais ou menos assim: a criança, a aproxima dos dois anos e toma um conhecimento mais exato do mundo que a rodeia; se um dia está um pouco indisposta e recusa alimentar-se, a mãe põe-se em lágrimas, obriga-a a deitar-se, chama o médico, e inventa, a última hora, um prato diferente que pretenha a viva força fazê-la ingerir. Esta cena é suficiente para que o petiz prepare as suas reações de acordo com as circunstâncias, e aceite ou recuse o alimento, quer a mãe queira ou não.

E quanto mais insistirem afim de que coma, mais fúrias que houver na mãe. O resultado, a irritabilidade, a corrida pelos consultórios dos mais afamados pediatras. Tudo em vão! Socorrida pelas sumidades, vivente em meio da abundância, a criança deixa-se definir lentamente pelo excesso de zelos que a cerca.

Como resolver, então, este caso, depois de instalado? Passemos à dramatização:

A MAE — Meu filho não quer comer.

... Consultou um médico?

A MAE — Sim; mas ele disse que Peirinho não tem nada; que está em boas condições de saúde; não posso compreender a razão porque ele recusa comida.

— Faça a primeira refeição do costume e lhe dê.

A MAE — E se ele rejeitar?

— Não insista; guarde e espere que a reclame.

A MAE — Mas ficará com fome?

— Se for por sua própria vontade não vejo inconveniente algum em que adie a refeição para quando lhe aprouver; mas estou certo de que na sua idade tenha sérios motivos para fazer greve da fome. Espere o dia inteiro, se preciso for, mas acredito que antes do lanche ou jantar, num ambiente de legítima indiferença pela sua atitude a criança buscará o alimento que rejeitou pela manhã. Uma ou duas experiências deste tipo serão suficientes para que ela jamais use a refeição como um truque para a satisfação dos seus caprichos.

ZOIA DE LAET

AZUL MARINHO E BRANCO

Quatro grandes modelos: 1) Modelo azul marinho para uma silhueta esbelta. Os três ba-

bados da saia e as mangas pelerines são arredondados com viezes brancos. 2 — Costume com casaco arredondado na frente. Blusa branca. 3) Modelo em seda azul-marinho. Gola e punhos em renda branca. 4) Modelo



para passeio. Gola e guarnição branca na frente. Seis pequenos modelos: 1 — De fácil execução é este modelo com colete branco. 2) Enfeites brancos nas mangas, na gola e na frente do vestido. 3) Os recortes são acentuados, tanto na blusa como na saia, pelos enfei-

tes brancos. 4) Modelo simples com pregas brancas na frente e nos bolsos. 5) Gola, punhos e bolsos de linho branco. 6) Muito jovial e moderno. Duas filas de botões brancos. Gola e punhos também brancos.



RETRATO DE JEAN GABIN



Pode-se acaso, descrever Jean Gabin? Todos os "habitues" do cinema conhecem este grande artista, sua estatura seu físico vigoroso, seu caminhar esportivo, seu olhar duro e terno, seu ar fatal. Afirmam seus íntimos ser ele um sentimental e serem suas criações de legionários e de assassinos apenas uma máscara. En-

fim, que este "out-law", este atleta do cinema, este Victor Mac Laglen francês é uma espécie de francês médio e pai tranquilo, que acaricia um sonho campestre e acabará seus dias entre galinhas e coelhos.

Estudos sem muita profundidade, uma curta carreira como operário até o serviço militar que fez como fuzileiro naval. Depois, encorajado pelo sucesso que conseguiu em alguns espetáculos improvisados, nosso herói decidiu tentar sua "chance" no teatro — não no cinema. O "café-concerto" e as "tournées" pelo interior só lhe trouxeram dissabores. Quando enfim tentou o cinema, não triunfou certamente desde o primeiro dia. Seus primeiros filmes não deixaram vestígios. Chamavam-se: "Glória", "Coração de Liliás", "A Alegria do Esquadrão", "A Bela Marinheira", "A Estrela de Valência", "Adeus, Belos Dias". Mas aprendeu o "métier" e descobriu seu personagem.

Foi Julien Duvivier quem lhe deu verdadeiramente "chance" em "Marie Chapdelaine" e, sobretudo, em "La Bandera", onde seu físico, seu tipo de homem, sua utilização, enfim, foram fortemente definidos.

A linha geral de seus papéis não variará posteriormente. Jean Gabin criava um personagem. Mas foi Marcel Carné quem permitiu a Gabin caracterizar-se definitivamente: sem dúvida, pode-se dizer que seu personagem jamais foi melhor representado que em "Pépe le Moko", "Cais das Brumas" e "Nasce o dia"... E... quem é este personagem? Um personagem trágico, quase à moda dos antigos e cuja boa vontade não pode impedir de matar. Um personagem conduzido pela fatalidade. Há talvez, matéria para um estudo psicanalítico neste caso de um rapaz antes gentil, antes ingênuo, antes delicado e que é prisioneiro de seu físico atlético, de suas mãos muito poderosas e que, segundo alguns jornalistas, não mais quer representar filmes cujos enredos não lhes permitam matar.

Hollywood reenviou aos franceses a imagem de um Jean Gabin caricatural, amável e todo frisado. Mas, ei-lo, após alguns anos, de volta dos Estados Unidos, em companhia de Marlene Dietrich. Seu primeiro filme, em França, mostra-o em plena evolução. Já não incarna o proletário sem esperança da sociedade mecanizada; não erra mais pelos arrabaldes e subúrbios de Paris. Efetivamente, em "Martin Roumagnac", ele é o mesmo pequeno patrão, em alguma modesta cidade do interior, pequeno patrão, a quem prestam homenagens e saudam nos cafés da cidade. O ator segue a evolução do homem que conseguiu vencer. Sem dúvida, é característico de Jean Gabin modelar os papéis por si mesmo e por sua vida, muito mais que a maioria dos atores. Mas a verdade trágica de seu personagem, nesses diferentes papéis, permanece a mesma: as mesmas cóleras, as mesmas mãos muito grandes, os mesmos crimes sem premeditação, a mesma impotência essencial em vencer o destino.

Não é talvez um ator de composição. Não que lhe falte "métier", nem compreensão do ofício — poucos cômicos são tão bem dotados a respeito — mas porque jamais foi prisioneiro de seu personagem. Tal qual é, com sua força e fraqueza, afirma-se Jean Gabin como o primeiro trágico do cinema francês.

JEAN QUEVAL

"WEEK-END" na Cozinha

UMA perita americana em arte culinária, resume os seus pensamentos sobre o assunto em cinco palavras: "deve ser uma coisa divertida". Ela acha também, que existe uma variedade tão grande de alimentos e tantas maneiras diferentes de prepará-los que os menus nunca deveriam ser monótonos. "Uma boa dona de casa, diz ela, deve considerar a cozinha não como um trabalho pesado e insípido, mas como uma distração que pode causar prazer a si e aos demais. O que distrai, principalmente, é a variedade. Cozinhar um mesmo alimento da mesma maneira todos os dias, é, sem dúvida, uma obrigação desagradável. Mas um tempero diferente, um modo novo de preparar e apresentar a alimentação diária, pode proporcionar muita satisfação. Pelo fato de uma pessoa gostar de ovos cozidos, não vamos obrigá-la a comer ovos cozidos durante o resto da vida. Há diversas maneiras de preparar ovos e todas elas são saborosas. Na cozinha é preciso usar também um pouco de imaginação e bom gosto. Os mais simples pratos permitem as mais variadas combinações.

Bons tempêros, alimentos em boas condições, uma boa apresentação, podem transformar um simples almoço numa refeição magnífica. Aos domingos, principalmente, a dona de casa deve se esmerar no menu. Todos estão em casa; há mais tempo para saborear os quitutes como há mais tempo também para descansar... O menu que indicamos abaixo é especialmente indicado para o Domingo.

PEIXE COM MOLHO BRANCO

Tratado e temperado o peixe, corta-se em postas que se põem a cozinhar numa caçarola, junta-se-lhes um pouco de água e levam-se ao fogo para cozinhar, deixando secar bem a água. Estando cozidas, põem-se numa travessa e regam-se com molho branco. Serve-se com arroz.

GALINHA ASSADA NO FORNO

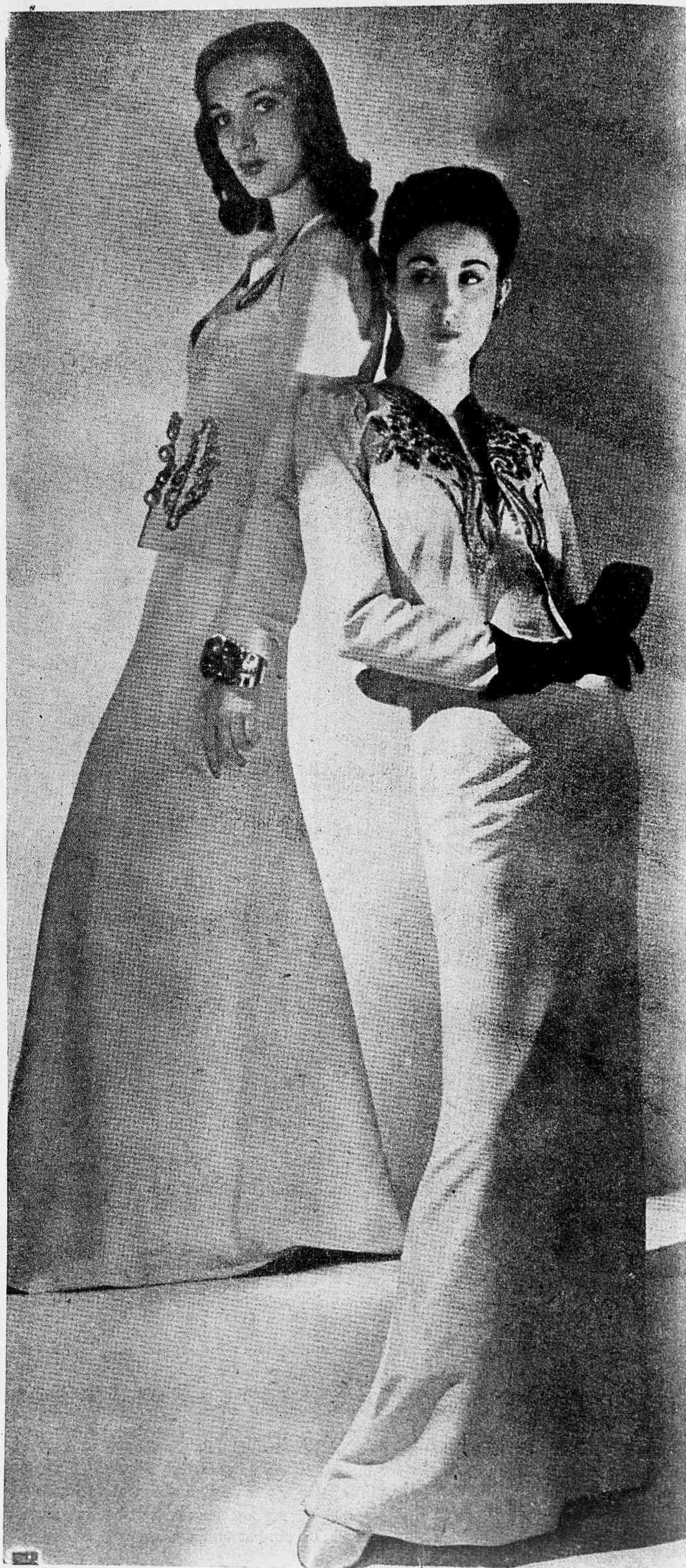
Tratada e temperada a galinha, introduz-se-lhe o toucinho cortado em pedaços (250 grs.) Unta-se com toda a banha (250 grs.), embrulha-se num papel impermeável, põe-se numa assadeira também assim untada e leva-se ao forno. Quando estiver quase assada, tira-se o papel e vai se regando a galinha com o molho que se encontra na assadeira. (100 grs.) e leva-se tudo ao fogo para refogar. Em seguida, adiciona-se-lhes os miúdos que já devem estar tratados e temperados, deixam-se tostar um pouco e acrescenta-se-lhes algumas conchas de água quente. Depois que tiverem fervido por uns 10 minutos, retira-se do fogo e da caçarola, passa-se o molho num coador, junta-se-lhe dois ovos anteriormente cozidos, picados, assim como os miúdos picadinhos e azeitonas; levado à mesa numa molheira. Dispõe-se a galinha no centro de uma travessa, enfeita-se em volta com raminhos de agrião e serve-se com farofa de manteiga.

CREME SANTA CLARA

Bate-se muito bem 12 gemas e oito claras com 250 grs. de açúcar, juntando-se-lhes depois 125 A parte toma-se uma caçarola, põe-se a manteiga grs. de farinha de trigo, 1 colher das de sopa de manteiga, 1 garrafa de leite. Mistura-se tudo muito bem, põe-se numa fôrma caramelada e cozinha-se em banho-maria.

SORVETE DE LARANJA

Junta-se 1 litro d'água com 500 grs. de açúcar e leva-se ao fogo para fazer uma calda rala. Quando começar a ferver acrescenta-se as cascas de 3 laranjas e deixa-se ferver durante mais cinco minutos. Retira-se em seguida, deixa-se esfriar e adiciona-se o caldo de 12 laranjas. Mistura-se tudo e leva-se à geladeira.



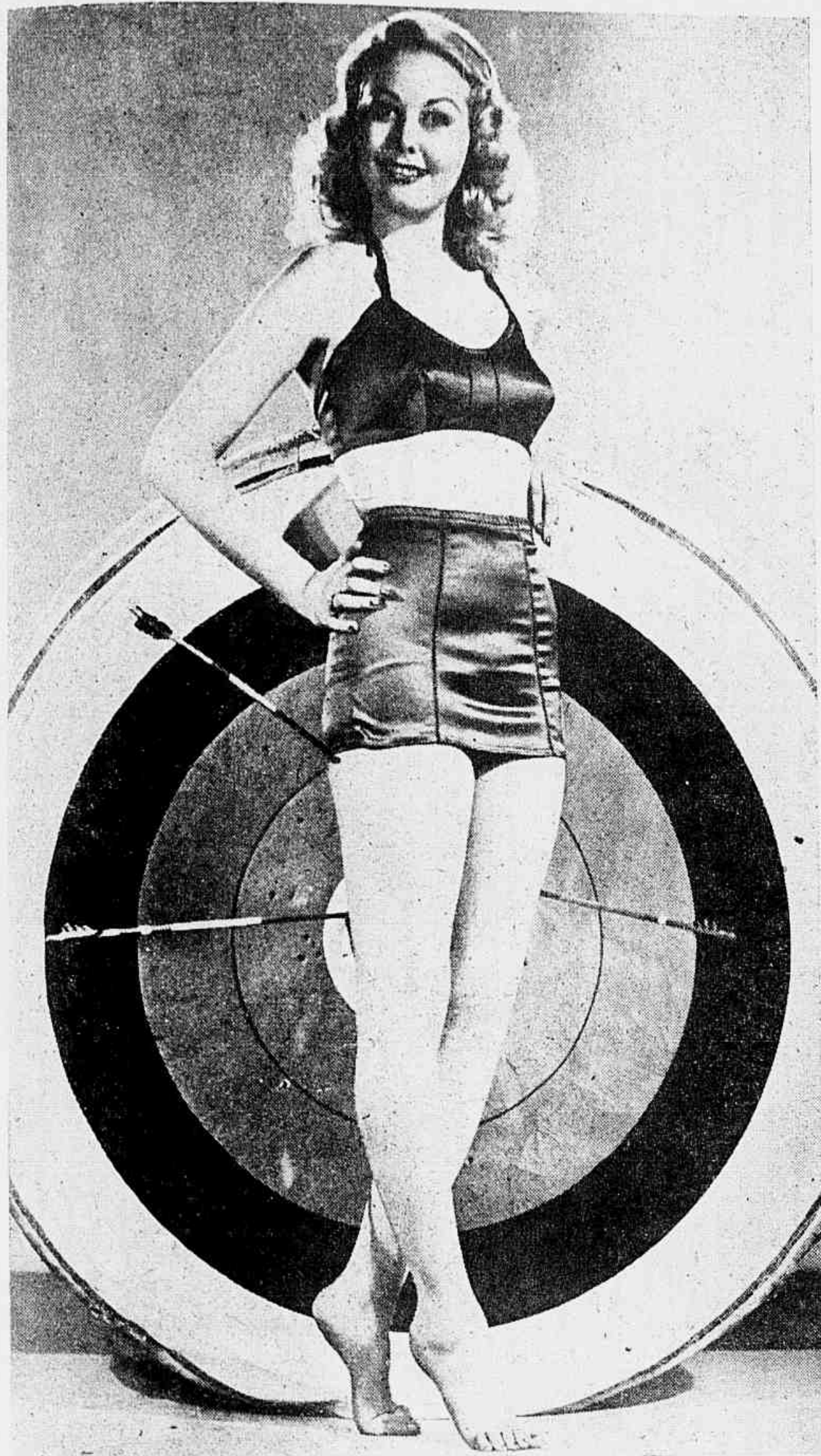


DE PARIS

Na página à esquerda: Dois modelos para jantar. Ambos de crepe branco, um com jaqueta, outro com bolero bordado em "paillettes". Ao alto, da esquerda para a direita: De Grès, modelo em seda estampada, bolero em tom unido. Modelo estampado de Jacques Costet. Saia muito franzida. "Basque" armada sobre os quadris. Elegantíssimo modelo de Bruyère. A saia é feita em "machos". Blusa com original bordado. Em baixo, da esquerda para a direita: De inspiração grega é este lindo modelo executado em crepe branco, criação de Catherine Parel. Modelo de grande elegância, criação de Jean Lanvin, para reuniões de maior cerimônia, jantares, etc. O vestido é preto, todo ajustado ao corpo, abrindo no meio da perna. Na cintura, em forma de "V", há uma "basque" drapeada, que arrasta atrás. Mangas justas com punhos bordados em pedras de cores vivas. O mesmo bordado é feito para a gola. "Toque" de veludo negro com penas brancas corapleta o "charme" dessa "toilette". Em brocado azul turquesa é executado este elegantíssimo modelo de Germaine Lecomte, cuja maior beleza reside nos drapeados da saia.







O verão está custando a vir, enquanto isso, vocês ter... a seu guarda-roupa, onde naturalmente não faltarão os "shorts" e os "maillots" que alegrarão as nossas praias. Hollywood, como sempre, por intermédio das suas mais bonitas pequenas, está a vanguarda na apresentação de trajes para a praia. Na página à esquerda: "Duas peças" em algodão estampado. "Ela" é Venne Lester, da RKO. Em cima, à esquerda: Este, de Adele Mara, da Republic, é um "duas-peças" em cetim preto. Sem dúvida muito "chic". À direita: Novamente Adele Mara, num "robe" de inspiração chinesa. Em baixo, à esquerda: Alexis Smith, da Warner Bros., num "duas-peças" em tecido estampado, exibindo composições musicais. À direita: Beverly Tyler, da MGM, apresenta gracioso modelo em tecido quadriculado. Babado plissado ao redor da saia.

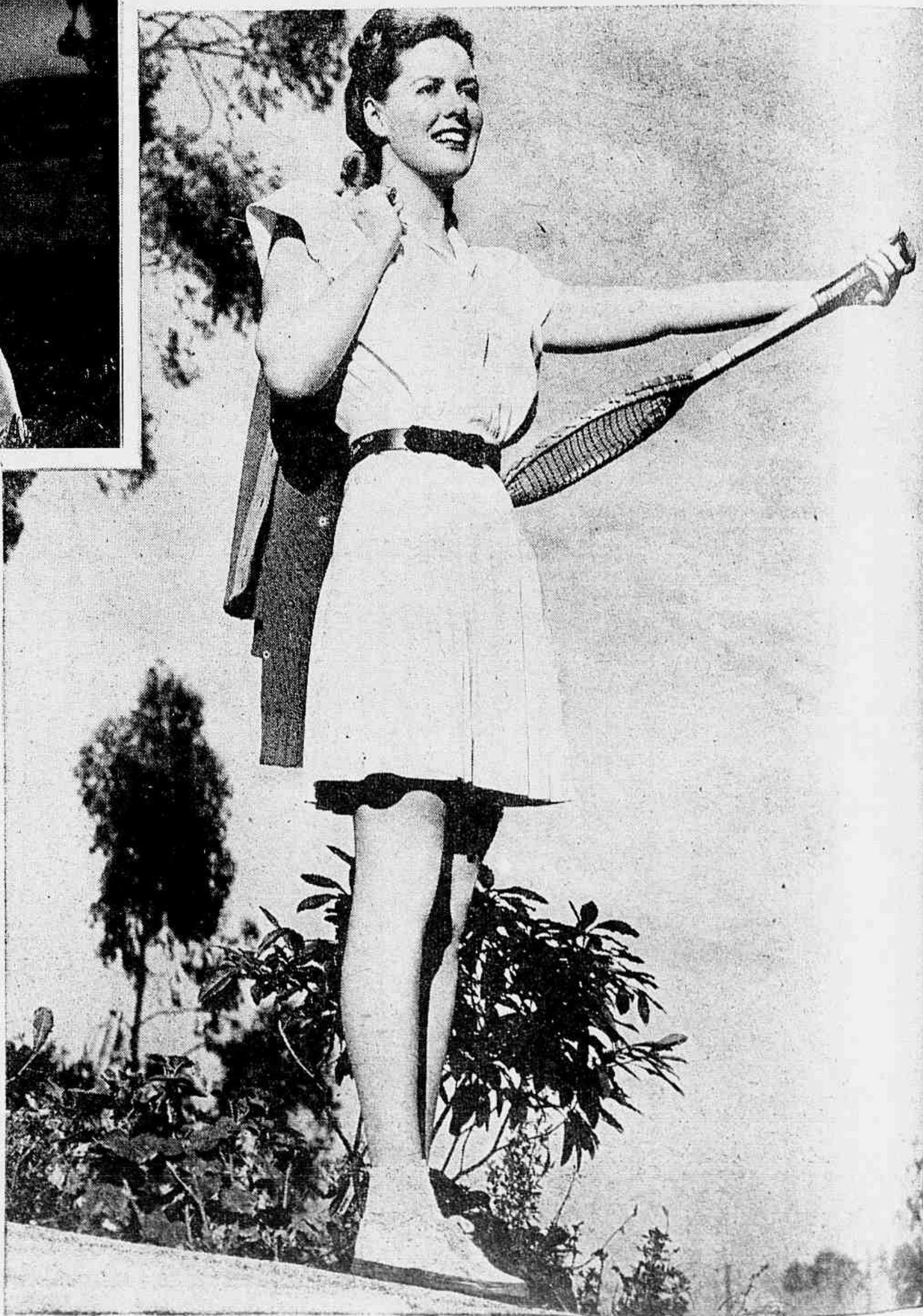
"SHORTS" E "MAILLOTS"





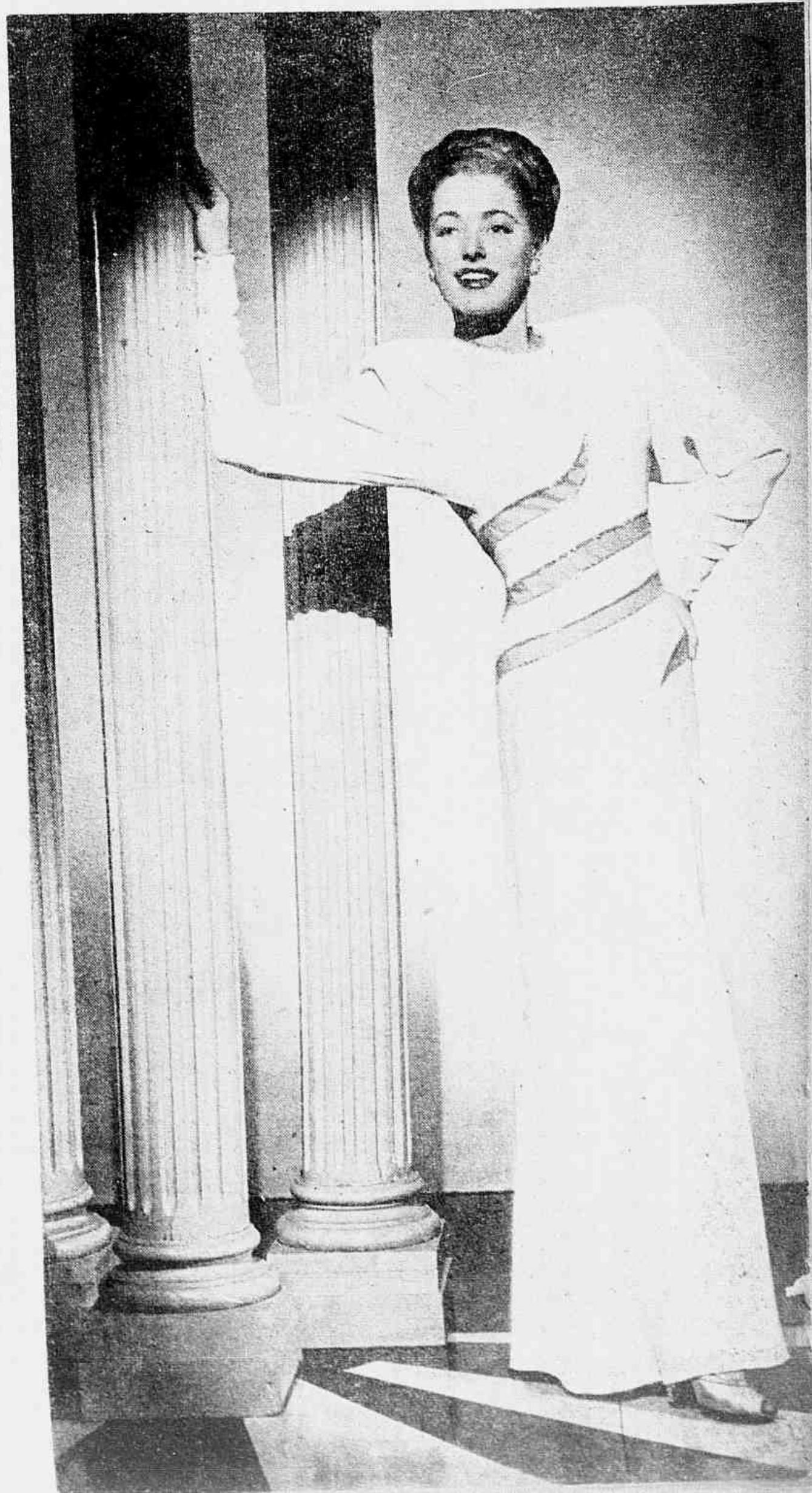
PARA A VIDA AO AR LIVRE

A beleza física reside na vida ao ar livre, nos exercícios esportivos, na perfeita higienização do corpo na harmonia dos gestos e das atitudes. Dois exemplos vivos dessa beleza encontramos nessas duas maravilhas de Hollywood. Ao alto, Barbara Hale, a linda "estrêla" da RKO, que vem se impondo em Hollywood não só pelo seu talento, como também pela sua beleza física, apresenta às nossas leitoras este lindo "duas-peças" esportivo, em quadriculado azul e branco. Acompanha amplo casaco. A direita: Penny Edwards, da Warner em outro traje esportivo, inspirado no lendário Robin Hood. Finalmente, em baixo: Janis "Paula" Carter da Columbia, num outro interessante modelo para esportes.



PARA O JANTAR DE CERIMONIA

PARA um jantar elegante, Joan Bennett, uma das mais belas mulheres de Hollywood sugere dois belíssimos modelos, aliás usados por ela no filme "Segredo da Porta Fechada" da Universal-International. O primeiro consiste numa sãia de pesado crepe cinza tôda bordada com lantejoulas prateadas. Cinto igual. A blusa é de jersey de seda, também cinza, com talhe alto e vistoso clips. O segundo é um conjunto composto de sãia e bolero em tecido azul-marinho com "pois" brancos e blusa branca. Cinto de couro com pedras vistosas na frente. O terceiro modelo aqui apresentado por Eleanor Parker, é de jersey de seda branco, com aplicações em gase branca.



Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Belita

ramosa estrela da MONOGRAM PICTURES que aparece em "SUSPENSE"

Milhares e milhares de pessoas dizem o mesmo!
É que o poder de limpeza do creme dental Kolynos
— concentrado e suave — revela a beleza natural
dos dentes e deixa na boca uma sensação incom-
parável de saúde e frescor. As mais lindas estrelas
do cinema preferem Kolynos porque...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

K-408-PH

McCann

MÚSICA

EM TANGLEWOOD HÁ DE TUDO — DAS AULAS DE
COMPOSIÇÃO ÀS NOVELAS DE RÁDIO — UM PE-
DAÇO DO CÉU, DISSE WEINGARTNER — CASOU-SE
COM A SECRETÁRIA — OS LAÇOS COM O ESTRAN-
GEIRO — POESIA, MÚSICA E O LUCRO...

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

DE volta dos Estados Unidos, Eleazar de Carvalho demonstrou que os meses que passou estudando, sob a orientação de Koussevitski não foram inúteis. Mais firme, na regência, domina, agora, a orquestra, com facilidade, evidenciando, também, na composição de seus programas, um critério menos acadêmico, insistindo em obras de compositores modernos, divulgando trabalhos de colegas da nova geração, assim como de mestres já consagrados que ainda não atingiram, por aqui, toda a repercussão e todo o sucesso que souberam merecer nos grandes centros de cultura musical.

Pode-se dizer, assim, que o nosso maestro patricio é um atestado da eficiência dos cursos, em Tanglewood. Já tivemos oportunidade de aludir a essa organização que, sob a benevolente e autorizada direção de Koussevitski, reúne, num cenário campestre, alguns artistas moços. Ali encontram eles um ambiente de estudo, a paz e a tranquilidade indispensáveis para desenvolver as suas aptidões.

Tanglewood não é, como pode parecer, à primeira vista, uma escola de música. O próprio Koussevitski tem feito o possível para esclarecer esse equívoco. Não funcionam, em Tanglewood, séries regulares, com aulas metódicas sobre a matéria versada nos diferentes conservatórios do mundo. Essa, precisamente, a originalidade de Tanglewood.

SONHOS DE UMA TEMPORADA DE VERÃO

Em primeiro lugar, Tanglewood só recebe o artista que, já senhor de um grau mínimo de conhecimentos, procura aperfeiçoar-se, busca um rumo, na composição, deseja aprofundar-se nos segredos da regência.

Tanglewood proporciona, tão somente, uma orientação. "Crítica construtiva, cordial acolhimento, um método prático para o aproveitamento dos talentos que aqui surgem", especificou Koussevitski.

E esse método prático, criação do maestro Koussevitski, constitui o atrativo máximo de Tanglewood. Esta é, em suma, uma solônia de músicos, de onde não é excluído, nenhum dos ramos dessa arte. Ali se organizaram conferências. Ali se interpreta e analisa a obra dos maiores compositores, em grandes auditórios, criando, ao mesmo tempo, uma atmosfera musical, que, com a beleza natural do lugar onde está situado Tanglewood, formam um quadro de profunda sugestão musical, propício ao fecundo trabalho que se realiza.

Koussevitski diz, com orgulho, que, em Tanglewood, que ele próprio organizou, nasceram muitos compositores de valor. E é interessante assinalar, aqui, os laços com centros de todos os continentes, ligando Tanglewood pelos jovens artistas que mandam para aquela comunidade exemplar, recebendo-os, de volta, amadurecidos em sua arte.

Assim, Eleazar de Carvalho deu-nos, logo à sua chegada, no primeiro concerto, uma amostra do que se tem feito em Tanglewood, contribuindo, desta forma, para a divulgação daquela obra de extraordinário alcance cultural.

A temporada de verão, em Tanglewood, é um acontecimento de relevo na vida musical dos Estados Unidos. Ali se organizam concertos de tão excepcional qualidade artística que o auditório se enche de visitantes, atraídos pelo anúncio dos programas dos quais constam obras raramente ouvidas em tão apurada execução.

FELIX WEINGARTNER NO PARAISO

O velho regente Felix Weingartner costumava contar uma lenda sobre a origem da música que, ainda recentemente, foi aplicada a Tanglewood. Dizta o musico que, quando Deus castigou Adão e Eva, mandando retirar-lhes o paraíso, aconteceu um acidente.

Ao ser transportado o paraíso para longe do casal condenado, caiu um pedacinho, que ficou, como consolo aos exilados nesse "vale de lágrimas." E foi, justamente, nesse limitado mas belíssimo terreno que nasceu a música, mais divina que humana.

Não faltou quem dissesse, porém, que, justamente, esse recanto mágico a que alude a lenda, foi Tanglewood...

Enfim, essas histórias são de músicos quase poetas... Mas é fato que Tanglewood inspira esses arrebatos líricos, muito ao gosto dos sentimentais e dos românticos.

O Berkshire Music Centre, instituição que veio a ser chamada, depois, Tanglewood, suporta, prosaicamente, os ônus da aventura musical, mas está muito satisfeito com o maestro Koussevitski. O paternal regente conseguiu transformar aquela localidade muito prestigioso centro — o que tem rendido, para os financiadores, não só as alegrias espirituais da arte como a satisfação mais objetiva do lucro.

Mas, para não terrairmos com esta nota que contrasta, em seu aspecto menos simpático, com as desinteressadas alegrias de Tanglewood, lembremos que foi Tanglewood, certamente, com seu sortilégio, que conduziu um capítulo de história amorosa, a ser incorporada aos registros dos principais acontecimentos da localidade.

Koussevitski, o orientador de Tanglewood, ali mesmo, sucumbiu diante da tradicional flechada de Cupido — se me permitem essa expressão fora da moda — e casou-se com sua secretária, que, havia dezoito anos, acompanhava o maestro. "De secretária a esposa", eis aí um título digno de uma novela radiofônica. E depois disso, quem terá coragem de dizer que em Tanglewood não há de tudo?

MURO DAS Lamentações

SUA ALMA, SUA PALMA

Os ditados populares, muitas vezes, escondem grandes ensinamentos por trás de sua "chama no pilhado". Um dos mais verdadeiros é aquele que diz: "sua alma, sua palma". De fato, os castigos e recompensas que recebemos estão quase sempre em perfeita concordância com o que somos no fundo de nossos corações.

Frequentemente ouvimos queixas: "Ah! eu não tenho sorte". Ou então: "Tudo me sai ao contrário". Essas queixas nos inspiram piedade por quem as profere, e num desejo muito generoso de ajudar, nos aproximamos dessas pessoas. Ao fim de certo tempo de convívio, verificamos que os motivos da "falta de sorte" e de "tudo sair errado" está nas próprias pessoas. Elas não conseguem melhores destinos porque não têm qualidades para conquistá-los, se os fracassos de suas vidas estão em consonância absoluta com o que pensam, o que fazem, o que são, enfim.

Claro que existem exceções. Claro que há situações em que a lógica parece estar ausente, e onde alguma coisa aparece fora de justa e de adequada. Mas isso é outra coisa, e o resumo de desígnios divinos, após demais para o nosso entendimento. Exatamente os ocultistas serão conseqüências de vias pretéritas, de que nos estariam purgando nesta incarnação. De qualquer modo, abandonando as exceções, difíceis de compreender sem uma análise mais profunda, vemos que a regra é serem os nossos êxitos e fracassos resultado direto de nossas próprias ações e pensamentos. Aqueles que dessa verdade tão simples sabem convencer-se, conseguem fazer de suas vidas a realização feliz de todas as suas possibilidades.

Devemos principiar por uma rigorosa auto-análise, feita sem o menor sentimentalismo, de todos os insucessos que tivemos nos últimos tempos. Se a fizermos com absoluta sinceridade, verificaremos que aqui não usamos da necessária energia, que ali tomamos uma decisão sem ter feito as observações e reflexões necessárias, e que acolá nos faltava o preparo suficiente para uma responsabilidade que levianamente assumimos. E se ao mesmo tempo examinarmos sem inveja as pessoas que estão vencendo na sua vida pública e particular, nelas teremos de reconhecer qualidades de perseverança, de docura e de sagacidade, que não possuímos ou que não sabemos desenvolver devidamente.

Conhecedores, então, de nós mesmos e das causas interiores que provocaram os nossos insucessos, temos de resolver firmemente não fazer mais nada do que nos prejudica, exercendo uma constante vigilância sobre os defeitos que nos inabilitam para vitórias maiores. Outra coisa, indispensável após um consciencioso exame de nós mesmos, é o reconhecimento exato de nossas verdadeiras aptidões e capacidades.

Precisamos evitar a todo custo o bovarismo — essa tendência que quase todos temos para afastar os fatos reais dos nossos problemas, substituindo-os por outros que mais agradam a vaidade de nossos sonhos de grandeza. Perdemos, assim, o que podemos ter, em troca do que não podemos obter, e, principalmente, reter.

É o caso, profundamente verdadeiro, da personagem de Flaubert que deu origem à expressão bovarismo: Madame Bovary. Esta mulher era casada com um homem bondoso, embora medíocre, e moravam na província. Madame Bovary, sem perceber que era tão medíocre quanto o marido, sonhava com a vida magnífica de Paris e com amores românticos. Desprezou a feição simples mas verdadeira que lhe dedicava o marido, a quem estralçou e a quem acabou por levar a uma dolorosa desmoralização. Madame Bovary morreu também profundamente desgracia, sem ter realizado nenhum dos sonhos para os quais estava preparada, e que não lhe cabiam na situação em que vivia.

Por evitar o bovarismo não quer dizer que se vá evitar também todos os sonhos e aspirações que formam a parte mais nobre do coração humano. Não, absolutamente. O sonho foi, e será sempre uma das grandes forças propulsoras da humanidade. O que precisamos é não querer transformar em realidade aqueles sonhos que, mais fortes do que as nossas forças, acabariam nos matando. Liberando nossas possibilidades, honestamente verificadas, a algum sonho legítimo, estaremos certamente colaborando no enobrecimento da vida. Os que se analisarem e se conhecerem sinceramente poderão realizar grandes coisas, mas os que encararem os fatos bovaristicamente acabarão derrotados, humilhados e oprimidos pelo rancor.

Como é doloroso ver exibir-se como canthera a "menina prodígio" sem voz, sem talento, mascarando celebridades! E o que dizer dos oradores sem nenhum dote tribunicio? E dos candidatos a representantes do povo sem quaisquer credenciais, sem elas de experiência, morais, ou mesmo simplesmente de popularidade? Todos esses bovaristas sofrem terrivelmente, e sofrerão sempre, pelo desacordo entre suas ambições e suas possibilidades. O que não impede que exista o tipo contrário — o daqueles que, por humildade ou por modéstia, ficam sempre aquém do que são capazes. Para esses a regra não é muito diferente, porque em geral a modéstia e a timidez não passam de formas com que alguma fraqueza interior se defende. Por isso o conselho é o mesmo para estes: um bom exame interior. Se existir alguma fraqueza profundamente arraigada, será melhor não combater a timidez, porque ela serve de escudo preventivo para muitos choques, assim evitados. Somente se tal fraqueza não existir será útil procurar combater a timidez e a modéstia excessiva por meio de sugestões estimulantes, dissecação das raízes do medo, etc.

Algumas vezes, só a própria pessoa pode saber do quanto é realmente capaz, em contradição com fatos exteriores de sua vida. Típico exemplo disso é o caso de Bolívar, que quando rapazinho não passava de um estrolha, um almofadinha das rodas elegantes de Paris e Londres. Tentando várias vezes a libertar a América do jugo espanhol por meio de luta armada, foi seguidamente derrotado, e exilado em duas ocasiões. Numa terceira investida, no entanto, conseguiu impôr-se, e libertando cinco países, a Venezuela, a Colômbia, o Equador, o Peru e a Bolívia, transformou-se no maior herói americano de todos os tempos. Somente ele, quando moço, jurava em Roma salvar a América da escravidão castelhana, sabia do que seria realmente capaz. E mais tarde, ao lhe perguntarem a que atribuiu seus êxitos, respondia:

— A arte da vitória aprende-se nas derrotas...

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Conte-nos o seu caso. Este murterá prazer em ajudá-lo a resolver os seus problemas. Escreva-nos, aos cuidados da "REVISTA DA SEMANA", para a rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

Epoca

Bem femininos

Adequados à
sensibilidade feminina, pela
sua delicada composição!

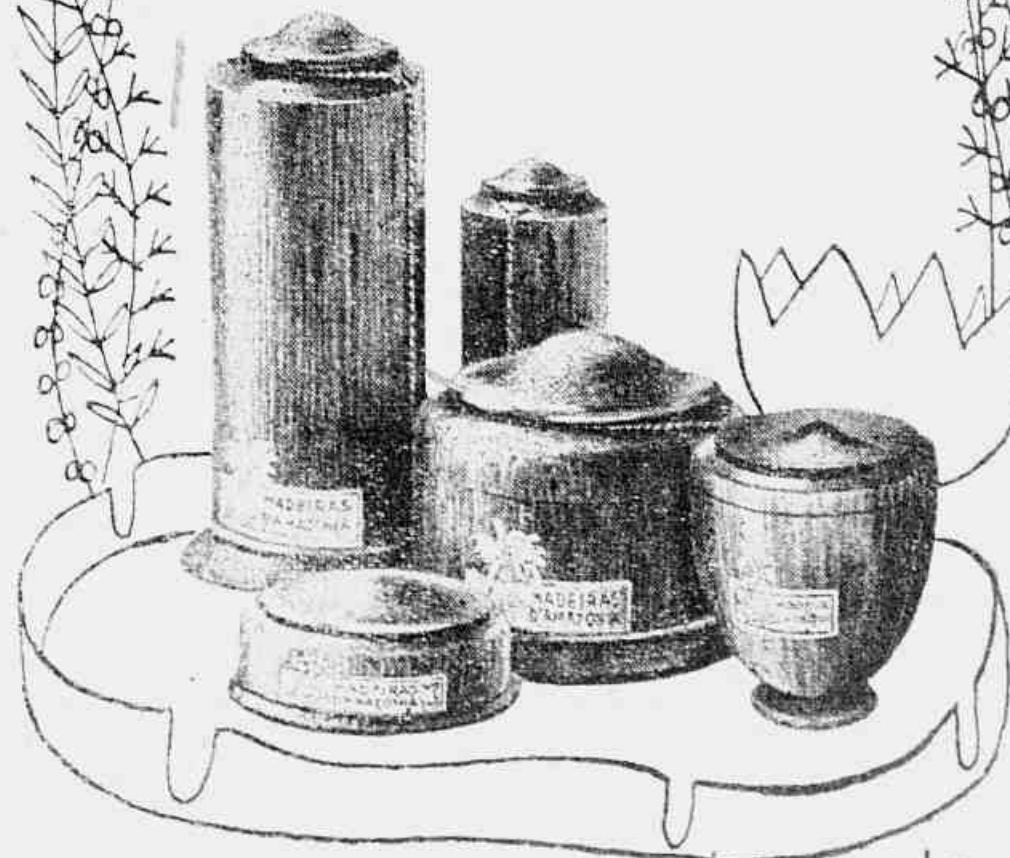
Perfume... maior sedução!

Madeiras d'Amazonia
eis a sensação do momento
criada por PHEBO.

Uma linha de beleza
nascida na selva
amazônica.

EXTRATO — LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
ROUGE E BRILHANTINA

MADEIRAS D'AMAZONIA



PERFUMARIAS PHEBO LIMITADA



Fume! Mantenha p râm, s us dentes livres das an i- es éticas Manchas de Nic t n !

O Crem Dental Nicotan (for uia ori-
gin l americana) é recomendado espe-
cialmente para fumantes. Remove
completamente as manchas da nicotina
e acimada nos interstícios dos dentes e
causa a pelo us) contin o do cigarro.
Nictan dá ao dentes um brilho des-
lustrante e às gengivas uma cor ro-
n tural e sadia. Na ataca o e-malte. Não
c ntem pedra-pomes nem substâncias
ácidas ou corrosivas. Tem sab r de ce-
rej s. **NICO AN**, Creme Dental especial
para fumantes.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bo-
nita. Hoje em dia só é feto quem quer.
Essa é a verdade. Os cremes protetores
para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface
"Brilhante" ultra-concentrado que se
caracteriza por sua ação rápida para
embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observ-
como a sua cutis ganha um ar de na-
turalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e tor-
na-se horrivelmente escura. O Creme de
Alface "Brilhante" permite a pele res-
pirar ao mesmo tempo que evita o-
panos, as manchas e asperezas e a ten-
dência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sa-
dia volta a imperar com o uso do Creme
de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Al-
vim & Freitas.

PARA CABELOS BRANCO
LOÇÃO

LEBLON

Contra Caspa, Seborréia e Queda dos Cabelos

MANIPULADO COM AS ÁGUAS
DAS FONTES DE SERRA NEGRA

PERFUMARIA LEBLON S.A.
SERRA NEGRA



USE A POMADA NO LOCAL E
BESA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

IMPRESSIONANDO OS MEIOS
CIENTÍFICOS DO PAÍS

EMAGRINA

Um produto nacional que em-
greve sem prejudicar a saúde.
Centenas de atestados médicos
confirmam, na prática, o efeito
de 20 anos de estudos da ciência
para o emagrecimento dos gordos
e a conservação da elegância
dos magros.

Adquirir nas farmácias ou
drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso
CAIXA POSTAL Nº 2335
Rio de Janeiro

Perfeitamente iguais

(Cont. da pág. 23)

destruí-las. Mas uma piedade pelo ami-
go que lhe confiara em seu momento
extremo aquela confidência, animou-o
a lê-la.

Se a grafia da carta era desigual, na-
quela primeira página Tarciso reco-
nheceu logo a letra do amigo. E com
profunda emoção ele foi lendo:

"23-8-35.

Depois de uma viagem pavorosamen-
te fatigante, cheguei a Anápolis. E'
uma cidade simpática. Dentro de dois
anos, no máximo, serei o dono disto
aqui."

"24-12-35.

Não sei porque, hoje amanheci ata-
cado de pieguice. Talvez por ser vés-
pera de Natal. Dei-me um presente:
comprei, de um judeu, um maravilho-
so nar de pérolas. Nunca supus fôsse
possível conseguir duas tão iguais."

"31-12-35.

Já tenho vinte e seis contos de réis
no banco. Ganhei, sem contar as despe-
sas, trinta e seis contos nestes quatro
mês. Dez contos paguei pelas péro-
las. Desejo-me um Feliz Ano Novo!"

"5-4-36.

Já não me julgo invulnerável. Está
na terra uma professorinha que me pôs
a alma em desassossego."

"3-5-36.

Descobri que sou capaz de ir às nove-
nas. Tornei-me um fervoroso devoto da
Virgem Maria!"

"7-7-36.

Hoje passei a escritura da compra de
um terreno. Paguei quarenta e dois
contos por três mil metros quadrados!
Sinto que fiz um ótimo negócio. Vai fi-
car bem bonita a nossa casa."

"17-7-36.

Pedi Maria em casamento. Negou-
me a sua mão."

"23-8-36.

Faz um ano que estou em Anápolis.
Tenho ganho muito dinheiro. Já sou
proprietário e tenho conta corrente no
banco. Mas a professorinha continua a
não me querer."

"5-9-36.

Tornei a pedir Maria em casamento.
Negou-se outra vez. Mas aceitou uma
das minhas pérolas. E' estranha essa
moça."

"12-10-36.

Maria contou-me uma história muito
complicada. O pai está às portas da fa-
lência. Pedi-a de novo em casamento.
Negou-se novamente. Mas aceitou cin-
te contos de réis que lhe dei a título
de empréstimo."

"13-11-36.

Ainda não conseguí demover Maria.
Nega-se a aceitar meu pedido de ca-
samento. Mas aceita empréstimos em
dinheiro. Já me deve perto de oitenta
contos de réis."

"19-11-36.

Maria era virgem... E assim mesmo
continua não querendo se casar comi-
go."

"20-12-36.

Maria concordou em morar comigo.
Desde ontem instalou-se em minha ca-
sa. Parece gostar de mim. Tem muito
temperamento. Já me deve cento e de-
zoito contos de réis."

"24-12-36.

Maria provocou um aborto. Que in-
do presente de Natal!"

"9-1-37.

Maria está fora de perigo. Esteve en-
tre a vida e a morte. Está fraquíssima.

E continua teimando em não se ca-
sar..."

"3-2-37.

Faz dois meses que não ganho um ní-
quel. Já não tenho tranquilidade para
o trabalho. Estou cada vez mais preso
a Maria Lucia. Minha conta, no banco,
não chega a dois contos de réis..."

"27-2-37.

Maria abandonou-me depois de eu ter
gasto com ela o meu último tostão. Vou
me embriagar."

"13-3-37.

Já não sou proprietário. Vendi casa e
terreno por oitenta e cinco contos. Pe-
derei beber durante muito tempo..."

"26-8-37.

O segundo aniversário da minha che-
gada a Anápolis passou sem que eu me
lembrasse. Não sou dono de nada. Só
tenho, infelizmente, muito boa saúde.
Levarei anos para morrer. Nem sinal de
Maria. Orcei a minha vida para alguns
anos. Passo miseravelmente, mas bebo
todos os dias."

"3-2-38.

Ninguém me dá notícias de Maria.
Continuo bebendo."

"24-12-42.

Faz seis anos que Maria matou a
vida que poderia ser um filho meu.
Ela inutilizou a minha vida. E eu da-
ria tudo para vê-la ainda uma vez."

"31-12-44.

Meu dinheiro está se acabando. E eu
também. Não chegarei até o fim do ano
que vai se iniciar dentro em pouco.
Tomara que as minhas economias res-
sistam até o meu último alento, pois a
minha pérola viúva está destinada ao
Tarciso."

"5-4-45.

Graças a Deus! O médico marcou o
térmo da minha viagem. Não tenho
três meses de vida... Não fôra Maria.
e eu poderia ter sido dono da cidade..."

"24-6-45.

Estou no fim. Há três dias que não
bebo. A imagem de Maria não me
abandona. Preciso escrever ao Tarciso e
enviar-lhe o meu legado. Ele, ao menos
há de estar feliz..."

"27-6-45.

Terminei e datei, hoje, a minha carta
ao Tarciso. E ainda tenho forças para
juntar estas folhas e a pérola. A morte
que espere um pouco. Não quero mor-
rer antes que o sol se ponha."

Tarciso abriu de novo a caixinha e
admirou mais uma vez aquela pérola.
Depois de se inteirar da história do
amigo, pareceu-lhe que seria um pecado
dá-la a Malú..."

Tarciso chegou à casa antes das doze
horas. A cozeira avisou:

— Dona Malú não se demora, doutor
Mendes.

Ele foi até à sala de jantar e colocou
a pérola, que havia envolvido em papel
de seda, sob o prato da esposa.

Malú vinha descendo as escadas quan-
do ele deixou a sala de jantar. Ela or-
denou:

— Vá para o escritório enquanto eu
vou preparar a sua surpresa!

— Não antes que você me beie.

Beijaram-se. E em seguida, ele foi
fazer tempo no escritório.

— Pode vir!

Aquele chamado ele dirigiu-se à sala
de jantar.

Sentaram-se à mesa.

Quem os visse, havia de acreditar na
felicidade.

Tudo neles rescendia a ventura. Os
olhos, então, tinham um brilho que só
se encontra no olhar das pessoas verda-
deiramente felizes.

— Muito obrigada pelas flores.

— Gostou?

— Muito...

Ficaram sorrindo um para o outro.

— E muito grato pelo seu telefonema.

— Gostou?

— Adorei!

Continuaram sorrindo um para o ou-
tro.

— Vamos às surpresas? — propôs
Tarciso.

— Vamos, — concordou Malú.

Levantaram os pratos.

Estavam sorrindo.

Abanham os presentes.

Ainda sorriam.

Abriam ao mesmo tempo.

O sorriso morreu-lhes nos lábios.

Como que impulsionados por uma
mola, levantaram-se ao mesmo tempo.
E ao mesmo tempo, rolou-lhes, da mão
para a mesa, uma pérola.

O'haram-se, atônitos.
E viram as duas pérolas, juntinhas,
sobre a toalha da mesa.

Eram iguais.

Absolutamente iguais.

Perfeitamente iguais.

AQUELA FLOR ESTRANHA

(Cont. da pág. 28)

de saúde da véspera e na toalha no res-
to de Maria Luiza, que parecia estar ali
mais branca em minha frente.

Se soubera não teria ido lá. Enfim, ain-
da alguma coisa tinha ficado da visita
para que não tivesse sido de toda inútil.
Flor, a sua palestra atraente, e tinha gan-
ho uma amiga que me contaria um dia,
como me prometera, muitas coisas a
respeito de Tenerife...

Estava ansiosa pelo presente de Flor.
Não teria por acaso se esquecido. Tinha
falado tanto na rosa que minha tia já
a esperava como quem espera uma jóia.
Fiquei à janela como se esperasse al-
guém muito querido. Nada. Tudo estava
como no dia anterior. As mesmas pra-
ças, as mesmas árvores.

Voltei para dentro de casa. A cam-
painha estava chamando agora. Deve
ser o mensageiro com a rosa. Corri. As-
sinei um papel e dei uns níqueis ao ca-
roto. Uma caixinha embrulhada, enfi-
dosamente em papel de seda azul claro.
Chamei tia Carola. Estava custando a
desembrulhar, tal a minha agitação.
Abri. De fato Flor não se tinha esqueci-
do da promessa. Mandara a rosa prome-
tida que ela via tão linda, igual às ro-
sas de Tenerife, como fazia questão de
frizar. Tia Carola estava feliz! Aos
meus olhos e aos dela, nada mais estava
ali, do que um pedaco de jornal velho,
cuidadosamente replicado nas pontas e
enfiado num arame qualquer... Não
havia dúvida, aquela rosa era uma flor
estranha...

A louca

(Cont. da pág. 13)

Durante quinze anos ficou assim, es-
chada e inerte.

V veio a guerra; e nos primeiros dias de
Dezembro, os prussianos entraram em
Cormell.

Lembro-me como se fosse ontem. Ge-
lava a ponto de fender as pedras; eu
próprio estava estendido numa cadeira,
imobilizado pela gota, quando ouvi o
bater pesado e rítmico dos seus passos.
Vi-os passar da minha janela. Desfila-
vam, interminavelmente, todos iguais,
com esse movimento de fantoches que
lhes é particular. Depois, os chefes dissi-
buíram os seus homens aos habitantes.
Tive dezessete. A vizinha, a louca, teve
doze, dos quais um, comandante, ver-
dadeiro militarão violento e casmurro.

Durante os primeiros dias tudo se
passou normalmente. Disseram ao ofi-
cial que a senhora estava doente; e ele
não se importou com isso. Mas depres-
sa se irritou com essa mulher que

(Cont. na pág. 15)

Nesta época em que saudamos a mecanização como o grande imperativo da sobrevivência e do progresso da agricultura, ninguém pense que se deva desdenhar a figura, por todos os títulos heroica, do enxadeiro. A esse trabalhador humilde, que maneja instrumentos às vezes tão primitivos para o nosso tempo, se deve a grandeza da agricultura brasileira. A ele se devem as colheitas fartas que têm enchido carros, caminhões, vagões ferroviários, saveiros, "gaiolas" e navios. A Standard Oil Company of Brazil orgulha-se

O MONUMENTO QUE RESTA FAZER

de fornecer o querosene
que ilumina sua choupana

— o querosene Jacaré — e servir gasolina,
lubrificantes e outros produtos aos
veículos que transportam a messe-
ddivosa das suas lavouras, ou lhe levam os
produtos industrializados da cidade.

Trabalhando
com ESSO,
Brasil afora!

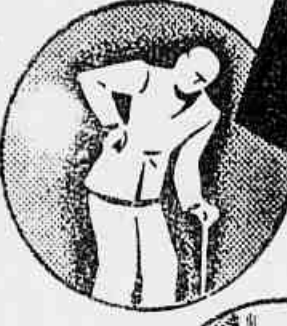
Esso



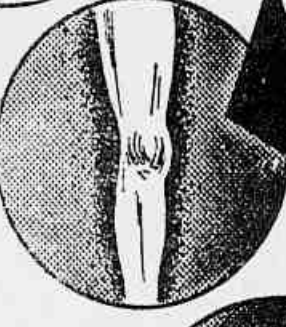
Não há distâncias, nem isolamento suficientemente absolutos, em que alguém neste país não possa servir-se de produtos do pe roleo.

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★

McCann



ACIDO URICO



REUMATISMO



ARTRITISMO



GOTA

LYTOPHAN



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

OMLANDINSKA

(Cont. da pág. 53)

a completa desorganização deles mesmos franceses, que, digamos de passagem, é a prenda que mais lhes admiro.

O REPOUSO

Após seis horas de esforço suspendem-se as atividades. Outro batalhão recebe o material para continuar a tarefa.

Um banho de fonte, o almoço e a tarde para o repouso. A comida é preparada por um grupo de voluntários e tem todos os encantos e desencantos dos imprevistos. A tarde, sob as macieiras, formam-se grandes grupos para conversar, ler ou repousar. Mil vezes fui submetido a interrogatório. Na Europa circulam algumas idéias gerais e vagas sobre a América Latina: o Brasil é um país fabulosamente rico mas onde as revoluções se sucedem como as estações do ano e a segurança pessoal é nenhuma; a Argentina é uma nação completamente dominada pelos nazistas...

Impressiona desde logo a seriedade das preocupações desses jovens. Alguns têm a cabeça cheia de literatura, sofrem angustias cósmicas, são existencialistas... Quase sempre, entretanto, estão voltados para problemas objetivos e palpantes. Uns são operários, outros pequenos empregados de comércio, outros estudam ou se iniciam em alguma profissão liberal. Entre os ingleses muitos eram das classes abastadas: torres. Alguns franceses eram católicos praticantes. O denominador que os une a todos é o desejo de trabalhar para que o mundo no futuro seja livre de guerras, do medo e da miséria. Essa mocidade já não pensa no futuro em termos de felicidade pessoal: — em "vencer", em "fazer fortuna". A tragédia que todos viveram foi suficiente para evidenciar que não há felicidade pessoal onde não há segurança e justiça social.

DE MÃOS PESADAS E ALMA LEVE

A noite, as brigadas se visitam mutuamente. Organizam festas com danças folclóricas, cantos, contadores de anedotas... E' a hora do fogo de campo. Nove, dez horas o acampamento está deserto: o sono é o prêmio das que trabalham.

Um céu estrelado ou uma noite de lua são um belo espetáculo nessa região balcânica. Para um brasileiro impenitente essa é a hora da saudade: não há — luar — não há... E também é a hora do reencontro consigo

mesmo: a vista percorre o rio, o leito da estrada construída de suor e de entusiasmo de tantos jovens, as barracas brancas, onde os camaradas de dez nações descansam confiantes no futuro. Mais ao longe, as montanhas da Bósnia, onde durante séculos o homem tem vivido encadeado à terra pela miséria e pela ignorância. Aqueles jovens acreditam que a salvação do mundo está em abolição da face da terra miséria e ignorância. Acreditam que no fundo o homem é bom e que um dia a vida será bela e digna do homem. Acreditam que a maldade tem resultado antes de certas contingências da história e que os homens têm sido traídos pelas suas próprias obras, como um feiticeiro que ainda não tenha completo domínio sobre as forças que já é capaz de despertar. Entretanto não há razão para desesperar: naufragado um barco, cumpre construir outro mais sólido. E alguma coisa já anuncia a proximidade de Canaan. Já se pode dizer que a miséria não é mais uma contingência da vida sobre a terra, e que a felicidade de uns já não é necessariamente a contra-partida da infelicidade de outros.

Quando se pensa assim e se tem tanta fé nos homens e tanta confiança no poder construtivo do amor, pode-se fazer uma longa viagem e ir construir uma estrada nos balcãs, na Arábia ou na China. As mãos ficam mais pesadas, mas a alma fica mais leve.

O brasileiro é o último a entrar na barraca branca de dormir. A noite lhe reserva esse privilégio — a ele que vem de um país onde a mocidade ainda é uma força amorfa: — admirar a juventude que dorme confiante, certa de que durante o dia trabalhou para construir o futuro.

JANE POWELL

(Cont. da pág. 53)

Hollywood. Praticamente desconhecida, com o lançamento de "Romance no México" Jane Powell foi elevada ao estrelato. Tanto pela magnífica voz como por sua graciosa pessoa, Jane se impôs ao público como legítima favorita. Logo depois deste seu primeiro filme na Metro, Jane tomou parte em "The Birds and the Bees", alinhando o seu nome com os de Jeanette MacDonald e José Iturbi. E agora, a Metro promoveu-a a estrela adulta, com o simpático ruivo Tommy Breen. E' essa a recompensa que a Metro dá à talentosa jovem cantora: um legítimo romance.

— Ah... e isso tudo aí que você escreveu, quer saber como aconteceu? — Jane nos pegou por cima do assunto. E' claro, Jane, fale à vontade! — Foi assim: Logo depois do programa de rádio em que apareci com o querido Charlie McCarthy, a Metro me ofereceu um teste cinematográfico. Eu fiquei doida. Papai concordou e lá fui. Então a Metro deu-me um longo contrato, e eu passei a frequentar os vários cursos do estúdio, tanto o escolar como o dramático. Continuei também com minhas aulas de canto, é natural. Mas como o estúdio não tinha nenhum papel que me servisse, fui emprestada a RKO, onde tomei parte em "Song of the Open Road", com Robert Beren, Charlie McCarthy e o falecido W. C. Fields, de quem guardo muito gratas recordações. E então surgiu minha oportunidade na Metro, "Romance no México", que, como você está me dizendo, foi lançado há pouco. Eu não me casaria ao seu país. Espero que todos os brasileiros gostem do filme. Quanto a "Romance no México", há uma coisa interessante a contar. Minha dupla favorita do cinema sempre foi Greer Garson-Walter Pidgeon. E um dos instantes mais felizes da minha vida foi aquele em que fui apresentada aos dois no "set" de "Song of the Open Road". Assim, é fácil imaginar a minha alegria ao ser escolhida para um papel ao lado de Walter em "Romance no México"! Creio que é difícil um outro filme que me dê maior satisfação, excepto, naturalmente, algum que eu venha a fazer de novo com Walter ou com Greer. Não quero com isso dizer que não tenha gostado de trabalhar com José Iturbi, Jeanette MacDonald, que, cada vez canta melhor, George Brent, Lauritz Melchior (outra grande voz), ou Tommy Breen (sim, Tommy Breen!), pois gostei imensamente de todos. Mas, você compreende, não é? Afinal, Walter e Greer são especiais...

Jane Powell tem um amor todo especial pela música. Além, com a voz que tem, não é para menos! Ela tem maior orgulho é uma colossal e seleta discoteca de mil discos, na qual ocupam os lugares de honra Louis Pons e Lauritz Melchior, de quem ela tem todas as gravações até hoje feitas. E agora Jane Powell vai nos dar das suas predileções.

— Minha ocupação favorita nos fins de semana é jogar tênis, o meu esporte. Na escola, gosto mais de Matemática, Inglês e Francês. Lido romances e biografias, e tenho desejos de escrever. O que, não sei. Mas um dia escreverei qualquer coisa. Atualmente, distraio-me bastante modelando objetos em barro, que existe em abundância, e muito bom, na minha casa do Vale de San Fernando. E na minha casa, a piscina constitui a menina dos meus olhos. E creio que é bem natural, isso, pois como você sabe, é minha primeira piscina!

E para terminar, vou dar alguns pequenos detalhes sobre a linda Jane Powell. Seu verdadeiro nome é Suzanne Bruce, nascida num dia 1.º de abril, em Portland, Estado de Oregon. Fez curso primário numa escola daquela cidade, e secundário na escola da Metro-Goldwyn-Mayer. Seus olhos são azuis, seus cabelos castanhos escuros. Tem um metro de altura e pesa 43 quilos. Atende pelos apelidos de "Hep" e "Bert", isto para os amigos. Jane é muito graciosa e sua característica principal é a simplicidade, perfeitamente sincera e sem a menor afetação.

As estátuas aprendem .,

(Cont. da pág. 11)

tes com o ator e depois, só depois, com o Imperador. Sorriu, no entanto, amigavelmente, — e observou:

— Oh! Eu já estava pensando que não vinha... E, todavia, estava ansioso para desabafar as minhas mágoas...

— Que mágoas, Majestade?

— Ora, que mágoas! Então isso é culpa que se faça? Deixam-me aqui, neste descampado, sozinho... Por que, em vez da estátua do João Caetano, não puseram ali a estátua de uma atriz bonita? Meu amigo, esta praça está precisando de um monumento com uma figura de mulher... Ouvi dizer que puseram uma, a da Amizade, lá na Avenida Belra-Mar. Pois devia ter sido aqui. Perto de mim. Sempre achei que, quando o amor não era possível, a gente podia ir se contentando mesmo com a amizade...

— Vossa Majestade tem ainda alguma reclamação?

— Sim... e não.

— Como?

— Sim... e não. Quero dizer, a não ser essa, não tenho. Para falar a verdade, acho que esta praça é do barulho. Tenho aqui jornal, pão quente, restaurantes, cafés, leiterias e... "dancings" a valer. Ouço samba a noite inteira. Como sabe, sempre fui boêmio. Namorei atrizes. A Ludovina, por exemplo. Não sou nenhum puritano. O Pedro, meu filho, é que viveria corado de vergonha, se estivesse morando nesta zona. Fizeram bem em deixá-lo lá entre as árvores da Quinta da Boa Vista... Confesso, entretanto, que os cartazes de certas revistas às vezes me envergonham. Assim também é demais. Acho que a Dercy e o Walter Pinto às vezes se excedem...

— Mas, Majestade! Não foi o senhor Dom Pedro quem escreveu aquelas cartas assinadas "Fogo-foguinho" e "Demônio"?

— Ah, lá isso foi... Mas a "escrita", era outra... Está vendo? Até giria eu já falo! Meu Deus, como eu estou estragado!

DEODORO COMENTA O QUE VE LÁ DO ALTO

Da praça Tiradentes, fomos à praça Paris, entrevistar Deodoro da Fonseca. O proclamador da República estava estarecido.

— Não sei, — disse Deodoro, — porque razão estão querendo acabar com a bala de Guanabara. Aquele aterro, ali em frente, já está se transformando, para mim, em um pesadelo... aterrador. Será, que vão entupir tudo, ligando o Rio a Niterói?

— Não sabemos, marechal...

— Essa gente parece estar louca... respondeu o marechal. — Eu bem dizia ao Floriano que a nossa República iria nos dar muitas surpresas. O Brasil tem terras para dar e vender. Mas as terras não lhe bastam... e começa a entupir o mar! Se houvesse tulipas aqui em volta da minha estátua, nos dias de celebração, em que não visse o Pão de Açúcar, eu lhe juro que pensaria estar na Holanda...

Nisto, passou roncando um grande avião. O marechal olhou para cima:

— Esta vendo esse aeroplano, aí adiante? Pois foi uma das grandes burradas administrativas dos últimos tempos. Era, desde o início, um aeroporto condenado, por falta de espaço, por ser no centro da cidade, por não poder atender ao tráfego crescente das aeronaves. Naquela época, em que o construíram, lembre-me de que alguém se insurgiu contra isso. Foi uma mulher. Uma viadota. Anésia Pinheiro Machado. Disseram que era uma maluca, que não entendia daquilo, etc. Agora, é ela quem está de camarote...

PEDRO ERNESTO JÁ PERDOOU O PADRE OLÍMPIO

O busto do antigo prefeito do Rio, doutor Pedro Ernesto, está situado no Passeio Público, entre dezenas de outros bustos, de poetas, jornalistas, escritores e musicistas. Ainda agora, a preocupação do prefeito que foi adorado pelo povo da cidade é a questão da

saúde e dos hospitais. Autor de um plano magnífico para a construção de uma série de nosocomios, viu o seu programa sabotado e paralizado depois da sua morte. Ele relembra tudo isso, sem rancor, "porque onde está não existe este sentimento".

— Já perdoei até mesmo ao padre Olímpio de Melo, meu mais implacável inimigo, todo o mal que ele me fez, consciente ou inconscientemente. Do que ele não poderá se livrar — e nisso não posso interferir — é da prestação de contas aqui, em cima. Por que mandou paralisar as obras dos hospitais que deixei em construção? Essa é a primeira pergunta que lhe farei cá no alto, e é bom que ele se prepare desde já para respondê-la. Dando-lhe esse aviso, quero mostrar ao ex-vice de Paulo, que, apesar de todas as suas falsetas, ainda continuo a ser camarada...

OUTROS TAMBÉM FALARAM

A nossa reportagem seria longa se fôssemos entrevistar todas as estátuas do Rio. Só no Passeio Público — o "laidim pallteiro" — existe quase uma vintena. Entrevistamos livremente com a maestrilha Chiquinha Gonzaga, cuja herma se encontra defronte do cinema Plaza. Está contente com as comemorações que a S. B. A. T. fez há pouco, quando transcorreu o centenário de seu nascimento. Falamos de passagem com o Barão do Rio Branco, cujo monumento se acha em frente do Ministério da Fazenda. O Barão disse-nos que só tem um desejo, que a Polícia não mais permita comícios naquela praça. Tremou de indignação com as barbaridades praticadas durante o último que ali se realizou. De volta à redação encontramos no Largo de São Francisco o vulto do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva. O ilustre paulista acredita que a mocidade do Brasil, como os moços da Escola Politécnica, cujo prédio está atrás do monumento, possam reformar o Brasil e endireitar as coisas. "Porque até hoje — disse-nos José Bonifácio — os políticos velhos ainda não aprenderam o que é governar com o povo e para o povo".

A LOUCA

(Cont. da pág. 48)

nunca via, e informou-se da doença; responderam que a sua hospedeira estava doitada há quinze anos, como consequência de um violento desgosto. Ele não acreditou em nada daquilo, decerto, e imaginou que a pobre insensata não sabia nunca da cama, por altivez, para não ver os prussianos, e não lhes falar e não lhes tocar.

Exigiu que aparecesse; fizeram-no entrar no quarto. Disse-lhe em tom brusco:

— Peço-lhe, senhora, que se levante e desça que a vejamos. Ela voltou para ele os olhos vagos, os seus olhos vazios, e não respondeu.

Ele continuou:

— Não tolerarei insolências. Se não se levantar de boa vontade, arranjarei um meio de a pôr a passear sozinha.

Ela não fez um gesto, sempre imóvel como se o não tivesse visto.

Ele enraivecira-se, tomando este silêncio calmo, por um sinal de supremo desprezo. E acrescentou:

— Se não descer amanhã...

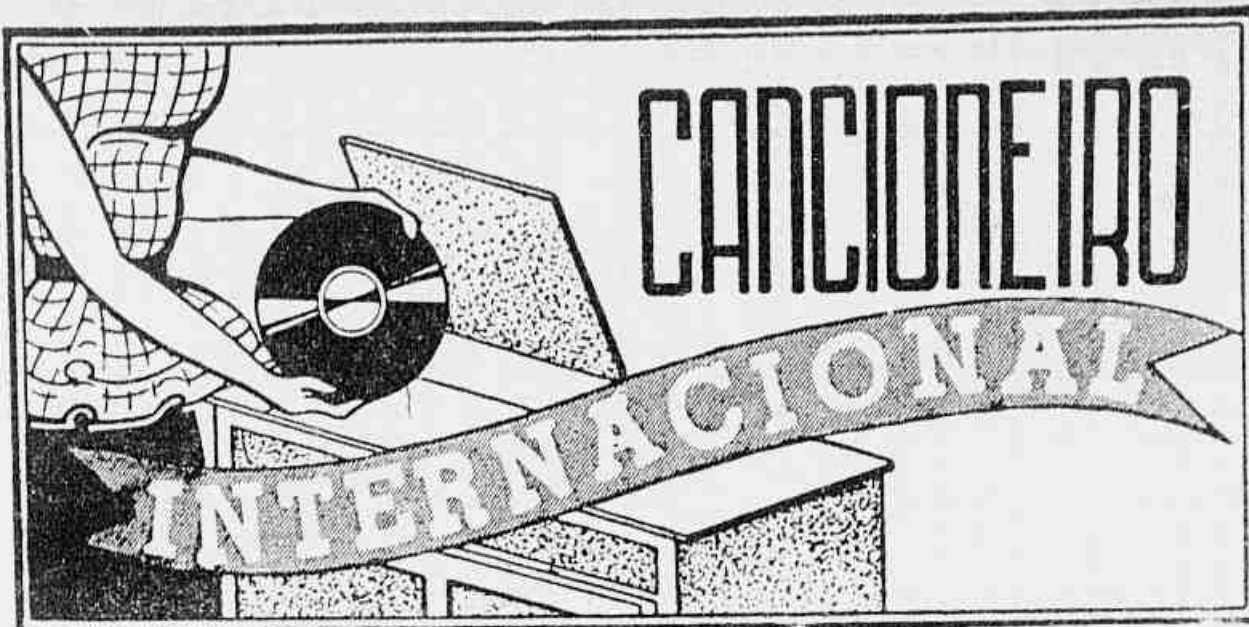
Depois saiu.

No dia seguinte, a velha criada, aflita, quis vesti-la, mas a doida pôs-se a gritar, debatendo-se. O oficial subiu muito depressa; e a criada, atirando-se-lhe aos joelhos, gritou:

— Ela não quer, senhor, ela não quer. Perdoe-lhe; é tão desgracada!

O soldado estava embaraçado, não ousando apesar da sua cólera, fazê-la

(Cont. na pág. 55)



NÃO VETE, SR. PREFEITO!

Na campanha injusta e desorientada, levada a efeito por alguns repórteres da nossa imprensa, contra o projeto aprovado pela Câmara dos Vereadores, criando o selo de circulação sobre o disco estrangeiro, falou o sr. W. J. Linderman, um dos cardiais das matrizes estrangeiras. Como diretor da poderosíssima RCA-Victor — a fábrica do cachorro — ele parece não ter ficado com a cachorra, pois, muito embora tivesse se referido que o projeto poderia ocasionar prejuízos às fábricas de discos, confirmou a construção, em São Paulo, da nova fábrica Victor, que estará em pleno funcionamento dentro de quinze meses e contará com a mais moderna maquinária. Os seus planos incluem a gravação das mais famosas músicas brasileiras, de todos os gêneros, com executores exclusivos e, também, de todas as músicas do seu grande repertório internacional. O sr. Linderman falou em gravação, o que é muito diferente de regravação. Ora, o projeto quer, apenas, o disco estrangeiro e as gravações de melodias estrangeiras com letra portuguesa e, dessa forma, não vemos porque não poderão as fábricas gravarem as obras do repertório clássico internacional. Bach, Beethoven e outros gigantes não precisam de versos... A Continental é uma fábrica que pode servir de exemplo à Victor e Odeon. Ela não importa nem regrava matrizes estrangeiras. As suas gravações são 100% brasileiras: música, cantores, executantes, diretores, operários, etc. É uma séria concorrente daquelas duas organizações internacionais e muitas de suas gravações andam colocadas nos primeiros postos da preferência popular. Está dando prejuízo? A resposta é pela negativa. Por isso mesmo, os que combatem o projeto Ary Barroso precisariam conhecer estas ninharias antes de se atirarem nessa campanha que visa única e exclusivamente a arrancar do honrado sr. Prefeito um veto injusto e anti-brasileiro.

F. CORREIA DA SILVA

THROUGH A THOUSAND DREAMS

Fox de Leo Robin e Arthur Schwartz.
— Do filme UM SONHO E UMA CANÇÃO, da Warner.

Through a thousand dreams,
My heart has looked for you;
And now my search is ended,
You descended from the blue;
It seems a thousand dreams
Have all at once come true,
And through a thousand years
My heart will still love you.

I'VE GOT YOU UNDER MY SKIN

Fox de Cole Porter. — Do filme CANÇÃO INESQUECÍVEL, da Warner.

I've got you under my skin,
I've got you deep in the heart of me,
So deep in my heart, you're really a
part of me.
I've got you under my skin.
A tried so not to give in,
I said to myself: "This affair
Never will go so well."
But why should I try to resist,
when, darling,
I know so well I got you under my skin,
I'd sacrifice anything, come what might,
For the sake of having you near, in
spite
Of a warning voice that comes in the
night
And repeats and repeats in my ear:
"Don't you know, little fool, you never
can win,
Use your mentality, wake up to reality".
But each time I lo,
Just the thought of you
Makes me stop before I begin,
'Cause I've got you under my skin.

APRIL SHOWERS

Fox de B. G. de Silva e Louis Silvers.
— Do filme THE JOLSON STORY, da Columbia.

Though April showers may come
your way,
They bring the flowers that bloom
in May.
So if it's raining, have no regrets,
Because it isn't raining rain,
you know,
It's raining violets.
And where you see clouds upon the
hills,
You soon will see crowds of daffodils.

So keep on looking for a blue bird
And list'ning for his song,
When April showers come along.

ANOTHER NIGHT LIKE THIS

Fox de Harry Ruby e Ernesto Lecuona.
— Do filme da 20TH — "Carnival in Costa Rica".

Another night like this,
Is what I'm wishing for;
The moon above would gladly give its
light.

To another night like this,
I've never known such bliss,
How could I hope for more?
My heart and I would glory in the
sight.

Of another night like this,
There must be some reason
Why you came along;
And turned a sigh into a song,
But I won't know until
I've known the thrill of your kiss,
Nobody else but you
Could make my wish come true;
So promise me that you'll make every
night

Just another night like this.

★

JEALOUSY

Fox de Vera Bloom e Jacob Gade.

Jealousy!
Night and day you torture me;
I sometimes wonder
If this spell that I'm under
Can be only a melody,
For I know no one but me
Has won your heart but,
When the music starts,
My peace departs,
From the moment they play
That languorous strain,
And we surrender to all its charm
once again,
This jealousy that tortures me
Is ecstasy,
Mystery, pain!
We dance to a tango of love,
Your heart beats with mine as we sway,
Your eyes give the answer I'm dream-
ing of.

That soft word your cruel lips
Will never say,
I fear that the music will end,
And shatter the spell it may lend,
To make me believe,
When your eyes just deceive,
And it's only the tango you love,

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A VIDA DE RIMSKY-KORSAKOV

(Cont. da pág. 34)

esse tempo, esqueceu-se da música, que era para ele, como o vinho, mero estimulante contra a monotonia. Só quando a vida se tornava monótona é que ele recorria à criação da beleza. "Durante o meu cruzeiro à América", escreve ele, "desfaleceram de todo os meus sonhos de atividade artística... e não lamentei os sonhos passados".

IV

Retornou, após um cruzeiro de três anos, à monótona existência de S. Petersburgo, onde voltou a sujeitar-se à influência de Balakirev e reencetou os sonhos interrompidos. Numa de suas primeiras visitas a Balakirev conheceu um recém-chegado ao círculo, o talentoso e excêntrico Borodin.

Dir-se-lhe que esse interessante químico músico fosse uma personagem de Turguenev. Queria, mais do que a qualquer outra coisa no mundo, aos seus cadinhos e ao seu piano; sem embargo, conquanto igualmente apaixonado por essas duas amantes, descurava-as ambas, pois tinha muitos outros interesses além das duas paixões principais. Procurava estabelecer cursos médicos para mulheres; fazia parte de várias sociedades organizadas para o sustento de estudantes necessitados; não se opunha a que o carregassem para qualquer comício fosse qual fosse a causa que esses comícios visavam defender; e dava cama e comida a todo e qualquer mendigo desgrenhado que viesse apelar para a sua caridade. O chão do seu apartamento de quatro salinhas vivia coberto de tais "hóspedes" dorminhocos, e a mesa da sala de jantar enxada de gatos. Esses gatos "estavam-se sobre a mesa, enfiando o nariz nos pratos e saltando, sem-cerimoniosos, sobre as costas dos convivas".

Homem de físico forte, Borodin comia voraz mas irregularmente. "Ele era capaz de jantar duas vezes por dia ou de não jantar de maneira alguma, e ambas essas coisas ocorriam frequentemente". Quando ia visitar um amigo à hora das refeições e este amigo o convidava a que comesse, aceitava prontamente o convite. "Visto que já jantei, adquiri uma espécie de hábito; e, por isso, não faço questão de jantar outra vez". Por outro lado, havia dias em que se esquecia totalmente de comer. Voltava noite alta para casa e reunia-se a família, à mesa do chá, em derredor do samovar. "Onde é que você come hoje?", perguntava-lhe a esposa. E Borodin, lembrando-se de súbito: "Por Júpiter! Hoje não comi em lugar nenhum!".

Com as suas aulas, os seus experimentos químicos e as suas preocupações filantrópicas, Borodin trabalhava mais do que qualquer conhecido seu. Não obstante, dormia muito pouco, pois a esposa padecia de acessos de asma que o mantinham acordado todas as noites. Não era, por conseguinte, para admirar que encontrasse pouco tempo para as suas composições. Sentiam os amigos que nele havia um grande gênio mal aproveitado, e em certos momentos expressavam a clínica esperança de que lhe ocorresse alguma coisa que lhe permitisse ter tempo suficiente à sua disposição. "Só posso compor", observava, certa vez, a rir, "quando passo demasiado mal para dar aulas. Por isso, meus amigos, ao revés do costume usual, nunca me digam "Passe bem", mas "Passe mal".

Depois de Balakirev era Borodin, para Rimsky-Korsakov, o homem que este mais admirava em toda a Rússia. Expandia-se-lhe o engenho debaixo do despotismo benevolente no primeiro e da generosa estimulação do segundo. Principiou a alimentar um interesse cada vez menor ao seu trabalho profissional — era agora guarda-marinha destacado para serviço em terra — e a consagrar cada vez mais os vagares à composição. Começou a escrever: canções, aberturas e fantasias; e logo, ignorante ainda dos princípios da orquestração, compôs a primeira obra importante — o quadro sinfônico, Sadko. Em sua Autobiografia discute francamente os dotes e as limitações que transparecem nessa obra. "Em resumo", diz-nos ele, "Sadko é bem bom; a forma geral, satisfatória; os temas de dança, impressivos; e o colorido orquestral, um milagre de beleza". Confessa, não obstante, tratar-se de obra grandemente imitativa — "coisa de retalhos e remendos. A Introdução lembra Liszt; o Allegro foi tirado de Glinka; o movimento em Ré maior recorda Balakirev; e a Festa do Rei do Mar é um eco de Dargomyzhsky... É fácil verificar que eu desconhecia os problemas técnicos de orquestração quando escrevi isto".

Descreve com franqueza igual a obra importante seguinte — o poema sinfônico, Antar. "Quando examinei a forma de Antar, volvidos muitos anos, posso afirmar que fiz um bom trabalho... Onde consegui, àquele tempo, a lógica coerente da sua estrutura, é difícil explicar... A brevidade excessiva da forma do I e II movimentos indica, sem dúvida, imaginação inferior e conhecimento insuficiente de técnica... Falando, porém de um modo geral o jogo de tonalidades dos vários movimentos é interessante, belo e legítimo". Rimsky-Korsakov dissociava, com perfeita maestria, a habilidade crítica da habilidade criadora. O intelecto e a imaginação eram nele quase que duas personalidades distintas. Diversamen-

te de Wagner, não censurava nem apreciava indevidamente o seu trabalho; limitava-se a apreciá-lo sem paixão.

Essa desapassionada avaliação de suas limitações bem como de sua habilidade foi-lhe extremamente proveitosa quando nomeado professor de composição prática do Conservatório de São Petersburgo. "Foi tolo e desonesto de minha parte tornar-me professor... Pois eu era um dilettante e não sabia coisa alguma. Confesso-o e atesto-o francamente perante o mundo". Aceitou a oferta com o firme reconhecimento da própria incompetência e começou, incontinenti, a trabalhar com o intuito de tornar-se digno do cargo. Empreendeu um estudo completo de harmonia e contraponto; familiarizou-se com todos os instrumentos de corda e de sopro; e transformou-se, de certo modo, não só no melhor professor, senão ainda, como ele mesmo dizia, galhofeiro, no melhor aluno do Conservatório. Logrou também, dessa maneira, "desatar as mãos" para o seu trabalho, de sorte que, dentro de poucos anos, passava por um dos mais hábeis expoentes de orquestração entre os compositores russos contemporâneos, sendo nomeado extra-oficialmente orquestrador de quase todas as grandes composições cujos autores, ao morrer, não tinham tido tempo de termina-las. Tornou-se, destarte, literalmente, possuidor em parte, por ser em parte criador, de grande número das riquezas musicais da Rússia.

V

O ano de 1872 trouxe duas ocorrências felizes para Rimsky-Korsakov — a bem sucedida apresentação de sua primeira ópera, A Donzela de Pskov, e o seu casamento com Nadezhda Nikolayevna Purgold, mulher de encanto e talento musical excepcionais. No ano imediato foi nomeado Supervisor das Bandas de Músicas Nacionais. A partir desse momento tornou-se-lhe a vida, exteriormente, isenta de quaisquer acontecimentos notáveis. Excursões aos sítios onde estavam localizadas as diversas bandas, aulas no Conservatório, invernos em São Petersburgo, verões nas regiões revigorantes dos lagos e dos pinheiros na Rússia, a educação dos filhos e uma contínua torrente de música colorida como as flores selvagens dos estepes e melodiosa como as murmuras florestais de Gulyovo — tal era o círculo perene das suas atividades. Vida serena, suave e generosa. Era o protetor de todos os jovens músicos de talento. De vez em quando se enfiava, apenas para se arrepender com a costumeira sinceridade, "De longe em longe eu ficava meio esquentado. Lembro-me de que durante o ensaio de um dos meus concertos, o moço de recados da orquestra, Yuzegovich, que se esquecera de preparar alguma coisa, recebeu de mim tamanha descompostura que os músicos principiantes a valar-me... Em outra ocasião, se não me falha a memória, berrei com o bibliotecário do Conservatório, Buslayeff, porque este não me trouxera a música em tempo... Tais acessos de cólera, em que eu assumia totalmente um tom superior, eram, — acredito — resultado de minha educação na marinha".

A pouco e pouco o seu interesse pela marinha e pela política russa em geral diminuíra quase a ponto de se desvanecer. A música absorvia-a cada vez mais. Rico, respeitado, dedicado à família e leal ao czar, vivia num mundo encantado de dias sem nuvens e noites imperturbadas, que retratou em sua música encantada — A Donzela de Neve, O Capricho Espanhol, Mlada, Vêpera de Natal, O Car Saltan, Kashchel o Imortal, Scheherazade — música em que os deuses se avantajam ao demônio, cabos de vassoura dançam com os ferros de aticar o lume, gênios emergem de cal teirões, sereias folgam com os deuses marinhos e estrélas brincam de cebra-cega. Durante toda a sua vida foi uma criança, dotado da imaginação fértil mas irreal das crianças. Nalgumas poucas ocasiões apenas lograram as realidades amargas da vida interromper-lhe os sonhos deliciosos da fantasia. A morte dos filhos, Masna e Slavichk, foi um golpe terrível, principalmente para ele, que não se acostumara ao sofrimento. E a sua demissão do Conservatório fê-lo quase perder o equilíbrio, pois lhe revelou um mundo de que ele, por muitos anos felizes, não dera fé.

A sua demissão ocorreu da maneira seguinte:

Em 1905, durante a revolução abortiva da Intelligentsia russa, os alunos do Conservatório aderiram à turbulência geral. Rimsky-Korsakov, que não entendia de política mas que se interessava pelas aspirações da juventude, pediu aos estudantes expusessem as suas queixas e confessou depois que estes, de certa maneira, tinham razão. "Como resultado de tudo isso, fechou-se o Conservatório, mais de cem alunos foram expulsos e eu fui demitido das fileiras dos professores".

Os discípulos, indignados com a sua demissão, prepararam um concerto de suas músicas, cuja realização foi impedida pela polícia. Milhares de cartas de simpatia principiaram a chegar-lhe de todos os cantos da Rússia. Rimsky-Korsakov foi saudado como herói, como revolucionário, como salvador. Tudo isso, no entanto, não trouxe senão enleio para o pequeno conservador que sonhava os seus sonhos encantados, pois nada poderia distar-lhe mais do espírito que a revolução. Não o interessava a rebeldia, senão a justiça. Resumiam-se-lhe todos os desejos num mundo em que músicos como ele pudessem, sem ser incomodados, aplicar-se à sua arte e alegrar



Em São Paulo...
e sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

TRAGÉDIA FEMININA

E' tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão frequentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito este título sugestivo: "A Tragédia Biológica da Mulher". Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de toda ordem, dores, mal-estar, nervosismos, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem curados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora, não permita que a sua vida se transforme em tal tragédia! A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos, por que é fabricado de acordo com a natureza deles — o Regulador Xavier. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências, o Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, de acordo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde, e viva alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA
em São Paulo:
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613
2.º AND. SALA 217
FONE — 6-6718

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório de GUARAMIDINA

os colegas. Rimsky-Korsakov no papel de um cruzado? Essa simples idéia bastava para fazê-lo corar. "A minha posição", lastima-se ele, "tornou-se insustentável e absurda!"

O desgosto com a polícia durou, felizmente, muito pouco. Foi-lhe restituído o cargo de professor e ele pôde, mais uma vez, deslizar para a serenidade dos sonhos depois do mergulho repentino e atemorizador no pesadelo da realidade.

E assim, a sonhar, escreveu mais uma ópera encantada, *Le Coq d'Or*, e recolheu-se depois (aos sessenta e quatro anos de idade) ao sono sem sonhos.

(Do livro "Vidas de grandes compositores").

Jane Powell a .

(Cont. da pág. 25)

ver Hollywood e arranjar o máximo possível de autógrafos dos meus favoritos, para mostrá-los ao pessoal quando voltasse para Portugal.

Se Jane só quer a isso, a coisa saiu completamente diversa. E' que logo após a chegada da família a Los Angeles os pais dela, Paul e Eileen, Burke, levaram-na a assistir um famoso programa de rádio, no qual a animadora, Janet Gaynor, apresentava seis calouros de habilidades variadas, e o público depois escolhia o favorito. Os pais de Jane pensaram um pouco e decidiram inscrever a filha na audição. E na semana seguinte lá estava a pequena Jane em pleno auditório. — Ah, você nem imagina como fiquei tremendo. Mas o pessoal bateu palmas quando eu apareci, e a querida Janet Gaynor me acalmou um pouco, felizmente. A orquestra entrou, e só me lembro do fim, todo o mundo batendo palmas e pedindo bis. Então eu cantei uma ária da "Carmen" e recebi novos aplausos! Nessa altura eu já estava a mais do que calma, e cantaria até o resto da noite, se o horário o permitisse. Você sabe, não é? Dessas coisas a gente toma logo o gostinho... E depois uns senhores procuraram papai, conversaram muito com ele e alguns dias depois eu tomei parte no programa de Chase e Sanborn, com Edgar Bergen e Charlie McCarthy. E foi o primeiro cavalheiro que encontrei na minha vida, Charlie McCarthy. Gentilíssimo, ele. E engraçadíssimo também. Mora em meu coração, o Charlie.

Agora, enquanto Jane posa para algumas fotografias, no "set" de "Luxury Limer", eu vou lhes dizer mais alguma coisa sobre a carreira dela. Em três anos essa linda garota fez cartaz entre os grandes astros musicais de

VOLTARÁ O EX-REI LEOPOLDO AO TRONO DA BELGICA?

(Cont. na pág. 55)

Depois da vitória, o legislativo belga reconheceu a lei de emergência que alijava do trono o rei, e que fôra tomada pelo gabinete oficial de guerra.

Albert de Vleeschauwer disse que há anseios no povo belga em prol da restauração de Leopoldo. A única necessidade que existiria para isso seria a do Legislativo revogar o seu édito.

Atualmente, o irmão de Leopoldo, Príncipe Carlos, é o regente. Será o regente até a maioridade do Príncipe Baudouin. Ou até a restauração de Leopoldo III, ou, ainda, até a proclamação da República, que é a mais remota das três hipóteses, embora a mais grata aos partidos das esquerdas.

Vários grupos políticos, entretanto, são favoráveis à ascensão do filho de Leopoldo, príncipe Baudouin, como próximo rei.

E' claro que existe divergência.

A tentativa atual da facção de Leopoldo para apressar a sua volta ao trono está encontrando uma série de resistências, baseada em muitos e diversos argumentos. E um dos argumentos, do lado político, é o casamento de Leopoldo com a plebéia Marie Lilian Beals. — a mulher "que ninguém sabe de onde veio" e que é, também, alcunhada "a falsa princesa Rethy"...

A vida de Aristóteles

(Cont. do núm. ant.)

Quanto à validade científica da especulação aristotélica sobre o Motor não movido, ou a Causa não criada e todo movimento, a fraqueza da posição de Aristóteles é bem sintetizada pelas palavras de uma mentininha que perguntou, "Mas, mamãe, quem é que fez Deus?"

III

Quando Aristóteles passa do céu à terra torna-se-lhe o pensamento mais lógico, mais compreensível, mais concreto. Uma por uma, estuda as várias formas de governo já experimentadas no mundo — a ditadura, a monarquia, a oligarquia (governo dos poucos) e a democracia. Analisa cada qual de per si, reconhece-lhes as excelências e aponta-lhes as fraquezas. De todas as formas de governo, a pior é a ditadura. Pois subordina os interesses de todos, às ambições de um só. A forma de

governo mais desejável, por outro lado, é aquela que "permite a cada homem, seja quem for, exercer as suas melhores habilidades e viver o mais agradavelmente os seus dias." Tal governo, seja qual for seu nome, será sempre um governo constitucional. Qualquer governo sem constituição é tirania, seja ele o de um só, ou o de uns poucos, ou o de muitos homens. A vontade irrefreada de um punhado de plutocratas ou de uma horda de proletários, é exatamente tão tirânica quanto a vontade irrefreada de um só homem. A ditadura de uma classe não é menor que a ditadura de um indivíduo.

Partindo desse ponto, passa Aristóteles a descrever o que considera um tipo perfeito de governo não ditatorial:

Em primeiro lugar, não seria esse governo — como a República de Platão — comunista. A posse comum da propriedade, e especialmente das mulheres e das crianças, resultaria em contínuas incompreensões, contendas e crimes. O comunismo destruiria a responsabilidade pessoal. "Pelo que é de todos, ninguém se interessa." A responsabilidade comum significa a negligência individual. "Toda a gente inclina-se a fugir a uma obrigação quando espera que outrem a desempenhe". Não se pode esperar comunicar os bens humanos assim como não se pode esperar comunicar a natureza humana. Advoga, Aristóteles, o desenvolvimento particular do carácter de cada homem e a posse privada de propriedade de cada homem.

Mas, como o carácter particular de cada homem deve ser dirigido para o bem estar público, assim deve a propriedade privada de cada homem ser empregada para uso público. "E a tarefa principal do legislador consiste em criar em todos os homens essa disposição cooperativa." Cabe inteiramente ao legislador a obrigação de prover ao interesse público por meio de altruística reciprocidade dos interesses privados dos cidadãos. Para esse fim não deve haver uma distinção rígida entre as classes, particularmente entre as classes dos dirigentes e a classe dos dirigidos. Na verdade, todos os cidadãos deveriam, igualmente, a seu turno, governar e ser governados, com cláusula geral de que "os velhos são os mais indicados para governar, e os jovens para obedecer."

A classe dirigente há-de preocupar-se vitalmente com a educação dos jovens. E essa educação há-de ser, a um tempo, prática e ideal. Não deve proporcionar, apenas, aos cidadãos adolescentes os meios de prover à sua subsistência, mas deve também ensiná-los como viver de acordo com os meios de que dispõem. Dessa maneira, o Estado assegurará a formação de uma cidadania esclarecida, próspera, cooperativa e satisfeita.

Acima de tudo, devem os dirigentes ter por objetivo o contentamento dos dirigidos. Contentamento por meio da justiça. Porque somente dessa maneira poderão evitar revoluções. "Nenhum homem sensato sofrerá um governo injusto se puder escapar-lhe ou derribá-lo." Tal governo semelha o fogo que aquece, até ao ponto de explosão, o ressentimento encontrado do povo. Está destinado, mais cedo ou mais tarde, a reinar em violência. Julgada do ponto de vista da imparcialidade com respeito aos cidadãos, "parece a democracia ser mais segura e menos exposta à revolução do que qualquer outra forma de governo." Os países que mais facilmente explodirão em rebeliões antecipadas são os governados por ditadores. "A ditadura", observa Aristóteles, "é a forma mais frágil de governo."

IV

O fim do governo, escreve Aristóteles, é garantir o bem estar dos governados. E assim traduz-se em ética a política. O Estado existe para o homem, e não o homem para o Estado. O homem nasceu com um único fim — ser feliz.

Mas que é a felicidade? E' o estado agradável de espírito decorrente do exercício habitual de boas obras. Contudo, para ser feliz não basta simplesmente ser bom. E' necessário ser também dotado de um certo número de bens — isto é, boa origem, boa aparência, boa fortuna e bons amigos. Acima de tudo, é indispensável a obtenção da felicidade, vida longa e sadia. "Uma andorinha não faz verão, nem o faz um dia só." Para tornar a nossa vida um verão perfeito havemos mister de muitos dias, uma grande quantidade de luz solar e uma dose suficiente de harmonia.

Sem embargo, mesmo numa vida breve, e no meio do infortúnio, é possível, a um homem nobre, ser feliz. Pois a alma nobre pode ensinar a insensibilidade ao sofrimento, a qual é, em si mesma, uma benção. Em outras palavras, podemos, alguma vez, alcançar a felicidade renunciando a ela. Além disso, nenhum homem pode ser chamado infeliz se procede de acordo com a virtude. Pois um tal homem "jámais fará algo útil ou mesquinho." E a felicidade, como já observamos, consiste na feitura de boas obras. Não obstante, o único homem completamente feliz é o "que age de conformidade com a virtude completa e é suficientemente dotado de riquezas, saúde e amizades, não por um período transitório, mas durante a vida inteira."

Mas se a felicidade é o resultado da virtude, que é então a virtude? Para os antigos, não significava esta palavra, como hoje para nós, apenas excelência moral. Significava qualquer espécie de excelência. Dessa maneira um Casanova grego poderia ser denominado um virtuoso amante pelo fato de ser um amante eficiente. Um general competente mas impiedoso seria, em Atenas, considerado como o soldado virtuoso. Na verdade, a pa-

ALMANAQUE

EU SEI TUDO

PARA 1948

Um anuário de literatura, ciência, arte, conhecimentos práticos, diversões. Os mistérios da profundidade do oceano; lendas, costumes, episódios emocionantes da vida dos povos. Contos e romances. Calendários e resumos do ano esportivo, artístico, científico. A sua leitura equivale a uma viagem pelo tempo e no espaço. Será posto à venda na primeira quinzena de Dezembro, ao preço de Cr\$ 15,00 em todo o Brasil.

Pedidos á

COMPANHIA

EDITORA AMERICANA

R. VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

Atende-se pelo Serviço de Reembolso Postal, sem aumento de preço.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Goes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelandia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

lavra grega para virtude, arete, derivava de Ares, o deus da guerra. O nosso termo, virtude, procede da tradução latina de arete — virtus, que significa a qualidade de varão. Uma pessoa virtuosa, na filosofia de Aristóteles, era uma pessoa que possuísse coragem física, competência técnica e virtuosidade mental. A essas três qualidades, aduz, agora, Aristóteles, um quarto requisito para a felicidade — a nobreza moral. Essa excelência completa, portanto, era preciosa ao "guerreiro feliz" de Aristóteles no campo de batalha da vida.

Aristóteles sintetizou essa múltipla excelência em sua famosa doutrina da "Aurea mediocridade." O homem

feliz, o homem virtuoso, é aquele que preserva a aurea mediocridade entre os dois extremos de um indigno procedimento. É o que navega pela rota média entre os baixos que ameaçam, de ambos os lados, arruinar-lhe a felicidade. Em cada obra, em cada pensamento, em cada emoção, pode um homem ultrapassar o seu dever, cumpri-lo insuficientemente, ou cumpri-lo com justeza. Assim, partilhando os seus bens com outras pessoas, pode ser extravagante, o que é ultrapassá-lo, avaro, o que é cumpri-lo imperfeitamente, ou liberal, o que é cumpri-lo com justeza. Ao enfrentar os perigos da vida pode ser um homem temerário, covarde ou bravo. Em relação a

Corta os resfriados

Instantina

Alivia as dores

BAYER

★

seus apetites será glutão, abstêmio ou moderado. Em todos os casos, o meio racional de vida consiste em nada fazer de mais ou de menos, porém adotar o meio termo. O homem virtuoso não será nem super-normal nem sub-normal, mas justa e sabiamente normal. Agirá "nos momentos certos, em relação aos objetos certos e às pessoas certas, com o motivo certo e da maneira certa." Observará, em suma, em todos os tempos e em todas as condições, a aurea mediocridade. Pois é a aurea mediocridade a estrada real da felicidade.

E tendo pavimentado a estrada da felicidade descreve, agora, Aristóteles, o homem ideal, digno de ser feliz. O homem ideal, o cavalheiro aristotélico, "não se expõe desnecessariamente ao perigo mas está preparado, por ocasião das grandes crises, para dar a própria vida se preciso for. Sente prazer em fazer favores a outros homens, mas envergonha-se quando outros homens lhe fazem favores. Pois, como é indicio de superioridade prestar um obséquio, assim o é de inferioridade recebê-lo." Essa falta de egoísmo, entretanto, não é senão uma forma mais alta de egoísmo, um egoísmo esclarecido. A teitura de uma boa ação não é um ato de auto-sacrifício, mas de auto-preservação. Pois um homem não é uma criatura individual senão uma criatura social. De mais, toda boa obra é um rendoso emprêgo de capital. Está destinada, mais cedo ou mais tarde, a ser retribuída com juros. "O homem ideal, por conseguinte, é altruístico porque é sábio... Não fala mal dos outros, nem esquece os inimigos, a não ser que o faça diretamente a eles... Não guarda rancor e sempre esquece as injúrias... Em resumo, é um bom amigo para os outros porque é o melhor de si mesmo."

V

O retrato do cavalheiro ateniense é, na realidade, o auto-retrato de Aristóteles. Delicado, imperturbável e sábio, continuou a apontar aos seus semelhantes o caminho médio da segurança, situado entre a temeridade da conquista, de um lado, e a covardia da submissão, de outro. Mas os tempos andavam desarticulados. Os atenienses não se encontravam predispostos a prestar ouvidos à sabedoria. Acusaram Aristóteles de ser um espião a favor dos Macedônios. Não lhes esqueceram o fato de ter sido ele o preceptor de Alexandre. Quanto ao próprio Alexandre, este também se tornou hostil a Aristóteles. A sabedoria e a guerra eram dois inimigos irreconciliáveis. A moderação, a calma, a aurea mediocridade — essa era uma doutrina perigosa demais para ser ouvida entre os estrondos das armas conquistadoras. Alexandre já matara Calístenes, sobrinho de Aristóteles. Seria mais seguro para Alexandre, se Aristóteles também pudesse ser posto fora do caminho.

E assim, viu-se o suave filósofo cercado de perigo de ambos os lados. Um desses perigos foi eliminado quando Alexandre morreu em consequência de uma bebeteira. Mas o outro perigo, nascido da suspeita dos atenienses, continuou a crescer constantemente até que, por fim, foi Aristóteles ameaçado de prisão.

Lembrando-se do destino de Sócrates, saiu Aristóteles da cidade antes que fosse tarde demais. Não queria proporcionar aos atenienses "uma segunda oportunidade de pecar contra a filosofia", disse.

Aristóteles escapou aos seus juizes, mas não pôde escapar à morte. Esta esperava por ele no exílio. Morreu o filósofo um ano depois de sua partida de Atenas.

Pouco antes de sua morte escreveu a maior de suas obras — Um testamento breve, mas que fez época, no qual culpava do livramento de seus escravos. Foi a primeira proclamação de alforria na história.

(Do livro "Vidas de grandes filósofos")

OMLADINSKA...

(Cont. da pág. 15)

biente da melhor maneira possível: dormindo no chão envolto no impermeável, rindo alto com os franceses a propósito de qualquer coisa, tratando as pequenas com o mínimo de cerimônia. No dia seguinte havia feito boa camaradagem e meu prestígio tinha crescido. Apareceu uma jovem de Midí, com um banjo, e pôs todo mundo para cantar. A minha vez chegou inexoravelmente: um "zamba", o Brasil é a terra do "zamba".

(Cont. na pág. 56)

-Faça Bolos!!!

BOLO AMARELO

- | | |
|---|----------------------|
| 6 colhs. (sopa) manteiga ou outra gordura | 1 1/2 chics. farinha |
| 1 1/4 chics. açúcar | 1/2 chic. araruta |
| 1 colh. (chá) essência | 1 colh. (sopa) Royal |
| 3 ovos | 1 colh. (chá) sal |
| | 1/2 chic leite |

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa, alternados com o leite, batendo sempre. Use fôrma untada, forno regular cerca de 50 min. e cubra com o seguinte glacê: numa panela, sobre fogo baixo, derreta 2 chics. açúcar, mexendo sempre até ficar dourado. Junte aos poucos 1 chic. leite bem quente, continuando a mexer. Junte 1 colh. (sopa) manteiga e tire do fogo. Quando estiver morno, bata até ficar cremoso e consistente.

...e haverá sempre festa em seu lar!

Um lar em que há sempre bolos é um lar feliz... Bolos tornam a mesa mais farta, mais variada... e, sobretudo, muito mais festiva! Indubitavelmente! Vale a pena fazer bolos! É só começar! E, mesmo fora das grandes datas, sentirá logo que a presença de bolos cria em seu lar um ambiente de constante festa... Por certo, para garantia do êxito, utilize o Livro de Receitas Royal, usando o produto de qualidade e de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal.

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!



Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão, escreva para: Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.



PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. RIO DE JANEIRO

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



**NÃO
seja vítima da
PIORRÉIA...**

**De cada 5 pessoas -
4 estão ameaçadas**

Se as gengivas lhe causam incômodo... se estão sensíveis e sangram facilmente — tome cuidado! — pode ser Piorréia, a grande praga moderna que mina as gengivas e faz perder os dentes.

Comece a proteger-se logo com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstraram que, com este tratamento simples, 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora no decorrer de um mês.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para conservar o encanto natural de seus dentes e a saúde e o vigor de suas gengivas — comece a usar hoje mesmo o famoso dentífrico Forhan's.

**Escove os dentes com
Forhan's**



R. J. Forhan D.D.S.

"NÃO ESPERE SOFRER DE
PIORRÉIA PARA USAR FORHAN'S -
USE FORHAN'S E EVITE A PIORRÉIA"



Senhoras!
Se a
Natureza Falta

MENAGOL
REGULAR

Minha mãe vai me bater

(Cont. do núm. ant.)

Contou o dinheiro: dois cruzeiros. Na bacia, ao lado, ainda uma boa porção de frutas. Saiu de casa com oito litros. Tinha vendido a metade, apenas.

Meteu os dois cruzeiros no bolso, segurou com força a bacia na cabeça e seguiu a rua acima. A um rapaz de pasta debaixo do braço, Pedrinho fez oferta, mas não teve sequer resposta. Enquanto não vendesse tudo não poderia regressar. Tinha a testa coberta de suor, suor frio. Seria fraqueza? Bem que estava sentindo fome. Se "ela" não ficasse zangada, ele teria comprado um pão e comido. Distrairia o estômago até chegar em casa, sabia lá que hora. Ai dele, coitado, se não levasse a ela os quatro cruzeiros, contadinhos. "Oito litros a quinhentos réis, quatro cruzeiros. Ouviu? Quatro cruzeiros que o senhor tem de me trazer".

As três e meia da tarde, sentou-se novamente num pedaço de calçada sombreada, pés de lado a bacia vazia e esticou as pernas cansadas. Sentiu doloridos todos os músculos do corpo. Andara muitos quilômetros dentro da cidade, mas conseguira vender toda sua mercadoria. Agora descansava um pouco para encetar a marcha de regresso. Ela nada teria que lhe dizer. Contou os níqueis: "Um... dois... três... quatro. Quatro cruzeiros."

Uma mão violenta, passando por cima dos seus ombros, arrebatava-lhe os níqueis. Não teve tempo para oferecer a menor resistência. Foi tão rápido e inesperado aquilo. Um moleque, um menino qualquer, muito maior do que ele, corria pela calçada, olhando para trás. Levava o produto todo de um dia de trabalho estafante para Pedrinho. Este, passado o susto e o instante de indecisão, gritava: "Robou meu dinheiro!". Gritava e corria no encalço do ladrão audacioso. De quando em vez implorava: "Me dá meu dinheiro!"

Os transeuntes olhavam e seguiam o seu caminho.

O ladrão era muito maior e mais forte do que Pedrinho. Correndo à toda velocidade, desaparecera num canto de rua. E Pedrinho, cansado, sem forças para continuar perseguindo o larápio, encostou-se a um muro e chorou sentidamente. Outros garotos apareceram a sua volta, inquirindo e explicando:

— Foi o "Mão de gato".

— Ele sempre faz dessa com os mais crianças.

— Eu sei onde ele mora.

— Não adianta. O pai dele anda sempre embriagado e a mãe não liga pro filho.

— Quanto ele levou?

— Quatro cruzeiros.

— Hote ele vai assistir o seriado e pagar pipocas.

— Com dinheiro roubado.

— Vai fazer farol.

Esmagado, tonto, Pedrinho deixou que o corpo arreasse ao pé do muro. Foi sem querer, até. Sentiu as pernas bambas e foi caindo de vagar, de leve, até que as nádegas batessem na calçada. A noite veio caindo aocomnapode-ha veio encontrá-lo ainda ao pé do muro, de cócoras, soluçando...

— Minha mãe vai me bater...

S O H O

(Cont. da pág. 12)

nervos, trazendo o "Tico tico no fubá".

Não consigo encontrar o Senhor Raffles. Todos os homens que passam perto de mim têm um ar pacato, de bons chefes de família. Foram ali afim de fazer compras, na esperança de obter alguma coisa melhor do que nos seus próprios bairros. Onde estarão os criminosos célebres? Os gatunos, todos esses tipos de "bas fond", cuja existência o anúncio de um "filme" continua a apregoar? Algumas mulheres passam. Como em qualquer cidade do mundo, fazem "trottoir", aqui mais desleais e abundantes que em Paris. E creio que essa é, realmente, a única nota de pecado, existente no Soho — a minha grande decepção em Londres.

No restaurante, "garçons" de casaca nos oferecem o que de melhor se encontra na Inglaterra. Vinhos de "avant-guerre" acompanham alguns pratos que fogem ligeiramente das normas oficiais do racionamento. E aqui, nesses recantos, por vezes, quando se é amigo do patrão, é possível obter essa coisa que atualmente é rara na vida dos restaurantes britânicos — um pedaço de pão...

Toda a minha esperança, agora, se concentra no anoitecer. É certo que neste verão londrino, com o adiantamento dos relógios, às dez horas, ainda é dia claro. Vamos esperar até meia-noite. O Soho está em "black-out", pois só as grandes ruas estão iluminadas. Greek Street, Frith Street, Soho Square, Dean Street, mergulharão na grande noite. E então... quem sabe o que sucederá quando isto acontecer?

Pouco a pouco as suas ruas se tornam desertas. As onze e meia, começam a fechar os "bars". A sanfona, de há muito, foi dormir. Os frequentadores dos "pubs" procuram alcançar o último trem do "under ground". Todo mundo vai pacatamente para casa. Começa, então, na escuridão, a vida sentimental do Soho, sem personalidade, monotona, igual à de todas as grandes cidades do mundo. Nem ao menos nisso, existe alguma interessante originalidade. E o "black-out" me faz voltar mansamente para a luz, rumo ao lar.

No dia seguinte, conto a um inglês, meu amigo, a aventura da noite anterior. E ele não esconde o seu espanto — Mas você é louco. Você se arriscou horrivelmente. Não foi abordado? Não foi assaltado?

— Não, meu velho... infelizmente não.

LOUCA

(Cont. da pág. 51)

tirar da cama pelos seus homens. Mas de repente pôs-se a rir e deu as suas ordens em alemão.

Depressa se viu sair um destacamento que transportava um colchão, como se leva um ferido. No leito que não tinham desfeito, a louca, sempre silenciosa, ficava tranquila, indiferente aos acontecimentos, contanto que a deixassem deitada. Um homem, atrás, levava um embrulho de roupas femininas.

E o oficial murmura, a esregando as mãos:

— Agora é que vamos ver se se pode vestir sozinho e dar um pequeno passeio.

vinos depois o cortejo afastar-se na direção da floresta de Imauville. Duas horas depois, os soldados voltavam sos.

Não se tornou a ver a doida. Que lhe tinham feito? Onde a levaram? Nunca se soube.

A neve caía agora, noite e dia, sepultando a planície e os bosques sob um lençol de espuma gelada. Os lobos vinham ulvar até às nossas portas.

O pensamento desta mulher, perdida, perseguia-me; fiz muitas diligências junto das autoridades prussianas, com o fim de obter esclarecimentos. Estive quase a ser fuzilado.

Voltou a primavera. O exército de ocupação afastou-se. A casa da minha vizinha continuou fechada; a erva crescia abundante nas alamedas.

A velha criada morreu durante o inverno. Já ninguém se ocupava desta aventura; só eu pensava nela sem descanso.

Que tinham feito desta mulher? Teria ela fugido através dos bosques? Teria-lhe recolhido em qualquer parte e guardado num hospital sem poder obter dela qualquer esclarecimento? Nada vinha aliviar as minhas dúvidas; mas, pouco a pouco, o tempo apaziguou o cuidado do meu coração.

Ora, no outono seguinte, as galinhas passaram em massa; e como a minha gota me dera umas tréguas, arrastei-me até à floresta. Tinha já matado quatro ou cinco aves de bico comprido, quando abati uma, que desapareceu num fôssco cheio de ramos. Vi-me obrigado a descer para apanhar o animal. Encontrei-o caído junto de uma caveira. E brus-

**RICARDO brilhava
EM 1927...**



...e continua

brilhando EM 1947!

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

camente, a recordação da louca bateu-me no peito como uma pancada. Muitos outros tinham expirado neste bosque, talvez, naquele ano sinistro; mas não sei porque, tinha a certeza, a completa certeza de ter encontrado a cabeça daquela pobre maníaca.

E de repente compreendi, adivinhei tudo. Tinha-na abandonado no colchão, na floresta fria e deserta; e fiel à sua idéia fixa, tinha-se deixado morrer sob a espessa e leve penugem das raves, sem mexer braço nem perna.

Depois, os lobos tinham-na devorado. E as aves fizeram o ninho com a lá do seu leito rasgado.

Guardai este triste despójo. E fiz votos para que os nossos filhos não vejam nunca mais a guerra.

OMLADINSKA ..

(Cont. da pág. 54)

— Que será de mim, meu Deus, se o Adhemar Nobrega souber que andei cantando samba em tourné pela Europa? — Com três ou quatro compassos arrancados da memória roída e um pouco de imaginação, improvisel uma jardineira e um limão meu limoeiro. O sucesso foi extraordinário, modestia à parte. A noite concederam-me como especial deferência o privilégio de dormir deitado num banco de cabine. O banco, entretanto, era para dois. Meu companheiro de privilégio: uma francesa. Consequência: tive que dormir em posição de sentido!

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Atravessámos a fronteira iugoslava depois da meia noite e na primeira cidade fomos recebidos com uma festa. Cantos, danças populares, vivas, hurrahs, etc. Entramos num grande cordão e todo o mundo dançou, à boa maneira da terra. Os iugoslavos me pareciam alegres e corteses. O contraste ressaltava com a Hungria e principalmente com a Alemanha onde se tem a impressão de estar num presídio. Os alemães parecem ter uma aguda consciência da tragédia do seu próprio país. É esta uma constatação superficial mas significativa porque leva a crer que a letargia presente da Alemanha poderá desaparecer de um momento para outro.

Penetramos profundamente na Iugoslávia com paradas ligeiras em algumas cidades. O cultivo extensivo da terra e a pobreza dos habitantes do campo denunciam um país em estágio inferior de desenvolvimento econômico. As cidades, entretanto, constituem um espetáculo curioso. Por um lado apresentam sinais de profunda devastação: é a herança da guerra. Por outro, uma febre intensa de reconstrução. Na pequena cidade de Brod — quase completamente eliminada pela guerra — vi centenas de casas modernas de dois pavimentos e compreendendo quatro residências, em ritmo acelerado de construção. Por toda parte onde havia gente, se trabalhava de dia e de noite. Uma coisa, porém, choca à primeira vista: a pobreza do equipamento técnico disponível para o trabalho. Seja na indústria de construções, seja na extrativa. O mesmo, aliás, eu iria constatar depois nas indústrias de transformação em geral. Os iugoslavos, quase se pode dizer, partem do marco zero.

A COAÇÃO NO TRABALHO

A região em que acampámos, no centro da Bósnia, é montanhosa e de rica vegetação. A nova estrada de ferro conta essa zona antes abandonada mas de grande importância para o futuro industrial do país. Pela nova Constituição a Bósnia foi elevada a categoria de estado federado, com governo e administração autônomos. Isto porque é habitada por um povo que tem tradições culturais próprias. A religião maometana é o traço principal dessas tradições culturais. E as mulheres de rosto velado, que encontramos por toda parte, são o elemento mais pitoresco dessas tradições.

Grandes barracas de madeira já nos esperavam construídas. Um leito de tábuas, duas ou três mantas, quase conforto. Ao lado um rio, adiante uma fonte, além as madeiras carregadas de frutos.

Outras brigadas estavam acampadas na mesma região: búlgaros, ingleses, gregos, iugoslavos...

Depois que nos estabelecemos é que percebi como o nosso grupamento era variado: americanos do norte, italianos, poloneses, austríacos, haitianos, turcos, românicos, italianos, suíços, e por aí afora. A maioria era de franceses e o nosso pavilhão a bandeira tricolor.

A brigada foi dividida em batalhões para que se pudesse fazer a competição no trabalho. Fui enquadrado no batalhão Liberté. Ao meu lado estava o Romain Rolland. Todos os grupamentos compreendiam homens e mulheres.

A presença das mulheres valia como elemento de coação; essas francesas tão delicadas e tão femininas quando põem o short para trabalhar são um Deus nos acuda. Picareta, pá, carro de mão, nada elas estranham. O sol de verão na Bósnia queima como um ácido. A tarefa do nosso batalhão era cavar os alcerces de uma ponte; durante seis horas por dia a picareta rachava o chão duro e os carrinhos de mão transportavam a terra para o leito da estrada — era a contribuição do batalhão Liberté na edificação da Omladinska Pruga.

O conjunto do trabalho é organizado e liderado por jovens iugoslavos, cabendo a cada batalhão se organizar e dirigir por si mesmo. O trabalho é completamente espontâneo, e nisto está o segredo de seu rendimento. As nove e meia da manhã há um lanche. Formam-se grupos com elementos de outras brigadas. Os franceses tem uma incansável curiosidade: qualquer estrangeiro que lhes cá nas mãos eles descascam: problemas sociais, políticos, religiosos, culturais em geral, tudo se debate. E sempre o problema da mulher em primeiro plano. Nada lhes escapa: nem a religiosidade acendrada de alguns croatas, nem a disciplina de escoteiro dos búlgaros, nem a estreiteza de vista dos ingleses, nem a frieza dos gregos. Tudo se discute e comenta, inclusive

(Cont. na pág. 55)



A gravura focaliza um aspecto do desembarque, no Aeroporto Santos Dumont, do Comissário de bordo Carlos Ernesto Schroeder, da "SERVIÇOS AEREOS CRUZEIRO DO SUL LTDA.", que atingiu recentemente a quota notável de dois milhões de quilômetros de voo. Com esse acontecimento, ascende a 16, o número de "bi-millionários do ar" da "CRUZEIRO DO SUL".

O sr. Carlos Schroeder recebeu o distintivo de honra e foi entusiasmamente festejado por amigos e colegas após a conquista do título.



No dia 11 de Outubro pp., consorciaram-se nesta cidade os jovens Orlando Manjon Ramos e Purificação Dias Rodrigues. O enlace realizou-se na Igreja de S. José, sendo padrinhos dos noivos os Srs. Joaquim Mendes Ramos e Senhora, Waldemar Dias Rodrigues e Magdalena Rodrigues D'as. Na foto acima, vêem-se os recém-casados ao receberem a bênção nupcial.



Realizou-se no dia 8 do corrente mês, a tradicional "FESTA DA CARPULE", promovida pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Odontologia da Universidade do Brasil. Damascos acima um aspecto da linda festa que teve lugar nos Salões do Cassino Atlântico.

"CASS TIMBERLANE"

Um folhetim-sintético ilustrado de
"REVISTA DA SEMANA"

Por SINCLAIR LEWIS
Desenhos de J. MONTGOMERY FLAGG



Cass leu a carta cinco vezes...

No começo de Julho Cass escreveu um bilhete a Jinny, convidando-a para uma festa na qual ele faria um discurso. Na resposta, ele viu pela primeira vez a letra dela. Aspirando profundamente, ele abriu o envelope: "Prezado Cass".

Assim é melhor. Nada de "Caro Juiz". Ela já me considera um amigo. Naturalmente "Querido Cass" ficaria muito melhor. "E" uma amolação, mas já tenho compromisso para a sua noite...

Mas havia isso também: "Espero a sua visita". Cass leu a carta cinco vezes, concluindo duas vezes que ela gostava dele, uma que ela o amava loucamente, uma que aquilo era uma resposta rotineira e uma que ele a aborrecia de tal maneira que ela preferia ir dançar com um sujeito qualquer, como Elno Rosknen.

Mas, eles continuaram a passear nas tardes dominicais, e, quando ela foi para casa, em Pioneer Falls,



Jinny, você bem sabe o que vale para mim!

passar as férias, ele implorou e finalmente conseguiu um convite para passar três dias com ela. Lá, fazendo um piquenique numa colina, sobre um lago, estavam os dois deitados no capim, quando Cass pediu: — Deite a cabeça no meu ombro.

Ela o olhou, muda e séria, depois esfregou o rosto no ombro dele e ficou imóvel. Ele então disse: — Querida Jinny, você sabe o quanto você vale para mim! Amo seus olhos e seus cabelos, amo seu gênio incerto e sua mascote, Isis... você a trouxe, também?

E' claro. Ela fez questão de vir. Ela é tão fascinada pelos homens e seus hábitos como eu própria.

Você não está pensando que estou simplesmente seguindo um "Hábito" no que digo, está?

Não. Eu gosto de você, acho-o muito bom e creio que você realmente gosta de mim.

Eles nada falaram sobre compromissos, mas, como



Agora ouça, — interrompeu Queenie.

crianças, traçaram planos... planos sonhadores de viagens pelo mundo. Depois, ela contou a sua infância, na casinha branca lá na borda do prado...

E foi somente quando ele voltou para Grand Republic que todo o mundo achou que já era tempo de correr e salvá-lo. Boone Havock e a esposa, Queenie, decidiram isso quando ele os visitou.

Boone atacou: — Cass, que negócio é esse que ouvi falar sobre uma sua paixão por uma estenografazinha de quinta categoria?

Ela é um anjo, Boone.

Queenie aproveitou: — Preste atenção, Cass. Nenhuma dessas garotas de hoje quer saber de ajudar o marido. Por que você não arranja alguma criatura aí de seus trinta e cinco, disposta a ficar em casa e cuidar de você? — Cass não fez o que teve vontade, esbofeteados e sair. Mas perdeu o hábito de procurar os Havock...



— Não, Cass. Isso é impossível...

O juiz Timberlane escapou sucessivamente de vários "salvadores", mas ficou receloso de que o falatório chegasse aos ouvidos de Jinny, que então talvez o proscrisse para sempre. Ele resolvera não falar ainda em casamento, mas sentiu o perigo de que ela ouvisse os boatos sem estar já presa a ele.

Assim, numa tarde de Agosto, estando deserta a sala da 4ª. Hatter, ele sentou-se na respeitável cadeira de balanço e disse: — Venha sentar-se aqui, Jinny.

Não. Isso já está muito fora de moda, juiz.

Sente-se aqui! — Ela obedeceu e ele continuou: — Minha querida, você sabe muito bem como eu quero casar com você!

Ela respondeu tão calmamente quanto ele falara: — Não, Cass, é impossível. Isso nunca daria certo.

Diferença de idade?

Oh, você não é tão mais velho assim. Mas eu nun-



— São excelentes, — disse Hubbs.

ca poderia suportar a sua turma. São todos uns antiquados de marca. Mas... — (as maneiras tradicionais de Jinny combinavam muito bem com as dos amigos dele...) — mas continuemos os maiores amigos.

Ele a beijou sofregamente e ela se abandonou, para logo se pôr de pé, de repente, ao som de passos, e Elno entrou... Herdemente, Cass guardou sua ansiedade... até uma noite no cinema, quando a mão dela, sem ser procurada, deslizou para dentro da sua.

Mais tarde, Cass ofereceu um jantar a Jinny, com meia dúzia de convidados. A gatinha, Cleo, corria alegre de um para outro. E porque um dos presentes, Abbott Hubbs, era redator-chefe do jornal "Banner", Cass persuadiu Jinny a trazer alguns dos seus desenhos.

Hubbs admirou os desenhos de vultos políticos e gritou, espalhando a cinza do charuto em cima dos trabalhos:



— Você fará sucesso, — afirmou Fliegend.

— Estes são excelentes, Jinny. Permita-me mostrá-los lá na redação!

No dia seguinte, Gregory Marl, o diretor do "Banner", falou com Cass no Clube Federal. — Estamos sem o nosso caricaturista. Ele vai se alistar no exército... acha que vamos entrar na guerra.

E você acha que não?

Nada disso! Mas não se pode mudar a ideia desses moços malucos. E eu gostaria de conversar com a sta. Marshland.

Jinny recebeu uma oferta de quarenta e cinco dólares por semana, como caricaturista. Cass achou que de via ficar contente por vê-la ganhando tão bem. Quando Jinny foi, toda sem jeito, falar com Lucius Fliegend sobre a proposta do "Banner", Lucius animou-a a aceitar o emprego: — Tenho certeza de que você fará muito sucesso. — garantiu ele...



Pruitt fez "Oh!" e Cass sentiu Jinny retesar-se...

Cass estava orgulhoso de Jinny como caricaturista de "Banner". E ela, que há apenas um mês atrás fora uma pequena funcionária de cabelos soltos, que comia um modesto almoço numa caixinha florida de papelão, era agora a moça bem penteada, de costume cinzento, empenhada a fazer carreira. Cass estava preocupado e com ciúmes, uma vez que ela agora não dependia tanto dele e vivia recebendo convites para jantar de meia dúzia de homens diferentes.

Eles tiveram a primeira rusga legítima quando ele um dia voltou mais cedo de uma caçada apenas para estar com ela, indo os dois ao Unstable, jantar. Ela estava tristonha e ele cometeu a tolice de perguntar: — Qual é a dúvida, menina?

Dúvida? Não sei o que você quer dizer!

Bem... você está tão silenciosa...

Ora essa, será que não posso ficar calada sem ser chamada de desagradável? Eu fico muito irritada quan-



Ele saiu correndo: — Estamos noivos!

do você fica me olhando, me espionando, para sempre achar qualquer coisa.

Ela o olhou como um cão arrependido. E ela se desmanchou. Lágrimas desceram-lhe pelo lindo narizinho. Ela soluçou: — E' minha velha mania. Você vai precisar me bater. — Suas impertinências, disse ela, sempre prejudicavam os momentos de especial alegria... poderia ele suportar tais ranzinzeiras infantis? O aliviado Cass disse que era claro que poderia...

Mas houve outros choques. Houve aquela noite de inverno em que ela visitou "Bergheim" e se sentou pela segunda vez nas pernas de Cass. E uma vez mais, ela ternamente rejeitou-lhe as propostas, acrescentando isso: — Gosto muito de você, Cass, mas ainda preciso caminhar por mim mesma, ao menos por enquanto. — Cass suspirou, desanimado. — Mas isso não quer dizer que não volte da caminhada... — terminou Jinny, beijando-o, no momento exato em que entravam na sala os vi-



— Creio que isso é adeus, — disse Jinny.

zinhos de Cass, John William Pruitt, o banqueiro, a sra. Pruitt e os dois filhos. O velho Pruitt exclamou: — Oh! — e a sra. Pruitt: — A empregada não explicou direito...

Cass sentiu Jinny retesar-se, depois relaxar-se. Os Pruitt saíram desordenadamente. Cass, com delicadeza, pôs Jinny em pé e saiu correndo atrás dos Pruitt... — Estamos noivos, vocês sabem. Noivos.

A sra. Pruitt virou-se reverentemente. — Mas sózinhos? Sem companhia? Esquisito, Juiz... — E os dois ficaram de novo a sós.

No trajeto para casa Jinny estava muda e furiosa. — Nunca mais ficarei sózinha com você, — disse ela afinal.

Mas se você vai casar comigo...

Nunca me casarei com você. — Ela saltou do carro na porta da casa da sta. Hatter. — Creio que isso é adeus para sempre...

"CASS TIMBERLANE"

Este folhetim continua
na próxima semana,
nestas mesmas páginas.

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate
Tradução de JORGE A. FORTES



— Por que você não se casa com a pequena?

Dois dias depois do exército dos Prutt ter desembarcado e devastado a costa, o juiz Blackstaff entrou no gabinete de Cass, após a sessão do tribunal. Disse o seguinte: — Cass, uma onda de escândalo o está perseguindo. Por que você não casa logo com a menina?

— Por que não caso? Porque ela não quer. Duas vezes já me rejeitou.

O homem saiu e Cass ficou pensando em resignar o cargo quando Jinny entrou como uma bala. Ele beijou-a e ela começou a chorar. — Cass, perdi meu emprego! Mari me despediu. Por incompetência. Eu preferia que tivesse sido por embriaguez ou bigamia...

Cass respondeu: — Então agora você vai casar comigo. O juiz Blackstaff disse que de fato seria uma inconveniência que o juiz Cass Timberlane se afastasse da



— Cass!... Perdi meu emprego!

côrte naquela época, mesmo para uma lua-de-mel. — Mas, — completou o juiz, — seria uma nobre inconveniência.

A Jinny que Cass esperava querer apenas um casamento simples, oficiado pelo prefeito, com seus jovens amigos em torno, com cerveja e um pouco de música depois exigiu uma cerimônia em regra, com clero, automóveis, flores, parentes desenterrados e champanha. Cass ficou satisfeito que ela não quisesse ingressar no grupo mais seletivo de Grand Republic pela porta dos fundos.

Houve um leve atrito por causa da cartola. Cass implorou: — Você não vai querer que eu apareça com uma chaminé na cabeça, como Abraham Lincoln? — Mas Jinny quis. E, depois de vestir todo o seu apanhado de cavaleiro, a cartola, a camisa branca de peito duro, a calça cinzenta em formato de um lírio, ele se plantou diante do espelho e ficou deliziado com a sua aparência.



"Deus a conserve bela e confiante..."

Seu padrinho e os outros haviam falado num jantar de despedida, mas Cass não se sentiu em condições de suportar as inevitáveis brincadeiras. E passou sua última noite de solteiro na biblioteca, só com Cleo, com um bom livro na mão.

Por entre casacas e vestidos de cauda, Cass viu Jinny subindo a nave pelo braço do pai. O sr. Marshland mostrava-se encabulado em meio de tanto luxo, mas Jinny mantinha o encanto e a indiferença de uma deusa.

Cass pensou: "Que Deus a conserve sempre bela e confiante como agora". E logo Jinny foi sua esposa e houve certeza e adoração no seu primeiro sussurro nupcial para ela: — Vamos ver se escapamos pela porta dos fundos; temos somente uma hora e um quarto para a partida do trem. — A resposta veio nas mesmas condições: — Está bem, querido... meu marido!



Foram intensamente felizes...

Encontraram-se todos novamente na estação, para a festa de despedida na plataforma, com champanha em copos de papel, com Bradd Criley fazendo o palhaço. Ele berrou, deu abraços, beijou Jinny, Chris Grau e a espantada mãe de Jinny. O trem foi saindo e Cass pensou: — É bom deixar para trás estes queridos amigos.

Primeiro eles foram para a costa oeste da Florida, onde pescaram muito no rolfo e foram intensamente felizes. Até que veio a primeira briga, quando da súbita entrada dos Estados Unidos na guerra, Jinny falou: — Má sorte minha. Desta vez o Exército aceitará mulheres e eu serei deixada em casa com os velhos.

— E comigo, meu bem.

— É, — disse ela sardonicamente. — Com você! E foi a primeira de uma série de brigas, todas encerradas por ansiosas propostas de paz, assistidas pela



— Vamos ficar aqui nesta porcaria?

silenciosa Isis. A segunda foi ocasionada por uma das bobagens de Jinny. O triste hotel em que eles estavam resolveu dar uma festinha para os velhos hóspedes. A festa foi horrível, com as velhas dançando umas com as outras, quando Jinny desabafou: — Será que vamos ficar aqui nesta porcaria quando lá em Palm Beach o pessoal está se divertindo tanto? Será que nosso dinheiro não dá para irmos lá?

— Minha querida, amanhã nós vamos para lá. E no dia seguinte lá foram os dois de automóvel para a costa leste da Florida, cantando durante todo o percurso. Jinny estava radiante; e logo que eles chegaram ao apartamento do Royal Crown, Cass telefonou para Berthold Eisenherz, o chefe da mais rica família de Grand Republic, sendo imediatamente convidado para passar uma noite na Villa Eisenherz, com jantar e danças.



— Naturalmente... O nome é Blanche!

E assim, por quatro horas, os Timberlane viveram num filme de Hollywood: um terrço de mármore dando para o oceano e um punhado de oficiais navais que dançaram com Jinny. Ela exultava: — Cass, há quanto eu esperava por uma noite assim. — E ele ficou satisfeito, embora um tanto triste, por vê-la tão feliz. Era o que ele queria: vê-la feliz.

E foi no outro dia que eles encontraram o sr. Tudbury, o senador Hudbury, na praia. Ex-membro do Congresso, Cass lembrou-se do senador, que imediatamente reconheceu. — Ora veja só. O menino do Congresso. Você tinha uma casa na rua H e fazia excelentes batidas. Não é isso mesmo?

— Esta é minha esposa. — Perfeitamente... e o nome dela, não digamos Blanche!



— Que coisa! — disse ela, e chorou a situação...

Jinny ficou irritada com o senador, mas piscou o olho para Cass e fez um gesto de outra, enquanto se ia, o senador soube que o nome atual de Blanche era Virginia.

Depois veio uma tarde quente e úmida, em que eles foram a um cinema horrível, que os deixou amolados e nervosos. Cass procurou segurar a mão de Jinny, e ela não o permitiu. Ele passou a olhá-la com ansiedade, ao que ela correspondeu com um olhar de protesto. E foi então que ele teve vontade de tossir. Resultou uma verdadeira explosão de tosse, que a fez fuzilar de raiva. Ostentando indiferença, Cass cruzou as pernas... e uma de suas ligas arrebitou, tendo ele que a consertar em público.

Cass então insistiu em comer qualquer coisa e deixou



Danças e bebidas, abraços e beijos...

cair molho na camisa. — Que coisa! — proferiu Jinny, e, perversamente, esfregou a mancha com o lenço de modo a fazê-la ainda pior. E a tempestade desabou no hotel. Ela reclamou: — Será que você não é capaz de prestar mais atenção nas coisas? Será que precisa babar sempre?

— Eu não babei. Mas não sou nenhuma menina tola que só vive a cuidar de aparências. — Acúlio foi forte para Jinny, que começou a chorar, adorável no seu arrependimento. Após meia hora de carinhos Cass falou: — Tenho certeza de que nunca mais discutiremos assim. — Jinny confirmou: — Nunca! — E os dois passaram o seu primeiro jantar de Natal na vila de Eisenherz. Foi um jantar típico de Grand Republic, cheio de duplo amor, pela cidadezinha e pela possibilidade de fugir dela no inverno. Houve muita conversa sobre a guerra, mas hou-



— Serrei sempre feliz com você...

ve também muita bebida e muita dança, como muito beijo à meia-noite em ponto.

Mas o verdadeiro Natal de Jinny e Cass foi mais tarde, quando estavam na varanda do seu apartamento, admirando os calmos reflexos do lago, e ela suspirou: — Nunca esquecerei este dia. E não esquecerei em especial este momento... nós dois, aqui! E estou contente porque vamos para casa... nós dois! De fato, eu não gosto muito dessa vida gráfinha.

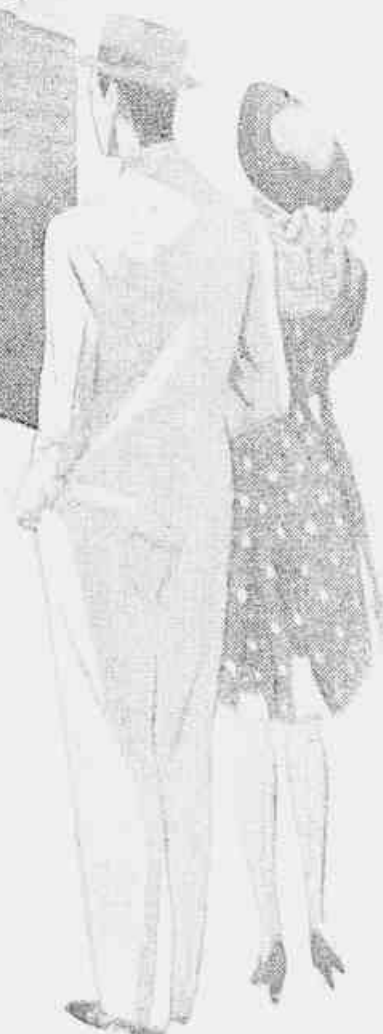
— Gosto de ouvi-la falar assim. Receio que eu seja muito rústico para o gráfinismo.

— Não. Você é muito independente, Cass. Eu sou feliz. Serrei sempre feliz com você. — Quando eles chegaram à estação de Grand Republic, caía uma tempestade de neve...



"LIVING-ROOM"

AQUI está em modelo de "living-room", ótimo para ser aproveitado numa casa residencial de família grande. A peça deve ser espaçosa, tendo as paredes pintadas de verde e tecto branco. Estantes embutidas laqueadas de branco, berçer em enlutz de fundo branco e ramagens. Cadeiras em jacarandá e veludo brick-sofá verde também em veludo. Ao fundo, uma lareira estreita, trabalhada em mármore branco produz um ótimo efeito ornamental. Completa a decoração do ambiente forração com passadeira de cor marfim.



Mobiliários -- Tapeçarias -- Decorações

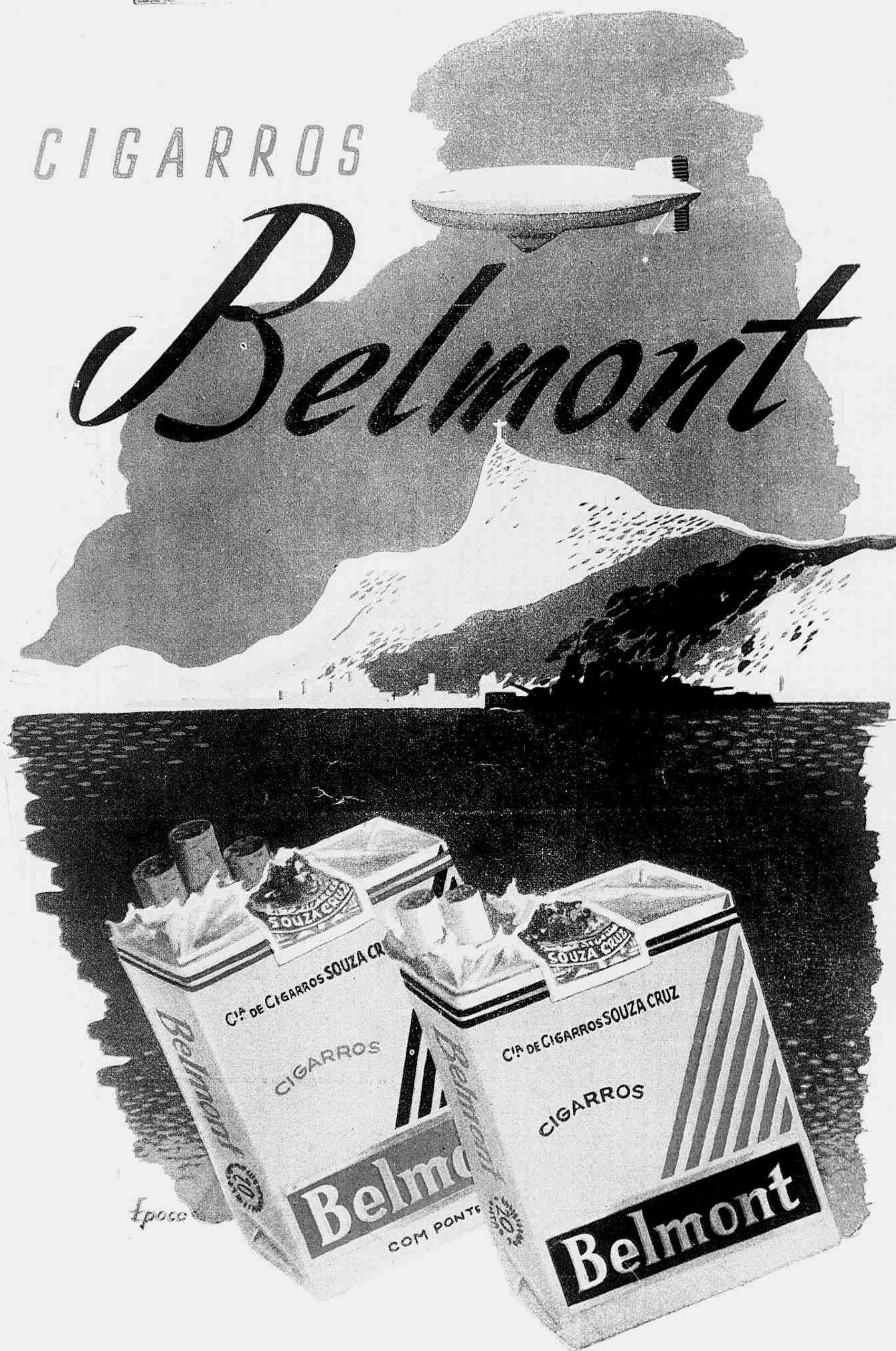
ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA 67 - RIO

CIGARROS

Belmont



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ